



Mestrado em Educação Pré-Escolar

Catarina Fernandes
Do Carmo Miranda
Nº estudante: 120139019

A expressão Plástica

A reflexão pedagógica nos momentos
de trabalho com a expressão plástica.
Uso dos objetos do quotidiano como
potenciadores da expressão plástica

Relatório do Projeto de Investigação
(Versão definitiva)

Dezembro de 2013

Orientação: Doutor Augusto Pinheiro

Co orientação: Mestre Filipe Fialho

Candidata: Catarina Miranda nº 120139019

Índice

Índice.....	3
Índice de ilustrações.....	5
Agradecimentos.....	7
Resumo	9
Abstract	10
1 - Introdução	11
2- Quadro teórico de referência.....	15
2.1 - A Expressão plástica.....	15
2.2 - A expressão plástica nos contextos de estágio.....	18
2.3.A manipulação dos objetos do uso quotidiano.....	22
3- Metodologia do estudo.....	24
3.1.A Investigação-Ação em educação	24
3.2. Os contextos	27
3.2.1 .Creche e Jardim de Infância do Poceirão	27
3.2.2. Escola Básica e Jardim de Infância da Baixa da Banheira	39
3.3.Descrição dos dispositivos e procedimentos de recolha de informação.....	47
3.3.1.Observação participante, direta e notas de campo.....	49
3.3.2.Diário de bordo.....	53
3.3.3.Produções das crianças: gráficas, escritas e orais.....	54
3.3.4.A entrevista	54
3.3.5.Registos fotográficos.....	56
3.3.6.Pesquisa documental	57
3.3.5.Tratamento de dados	57
3.3.6.Análise de conteúdo	58
3 Os contextos de estudo.....	58
3.1 Educadora A.....	58
3.2 Educador B.....	59
4. Apresentação e interpretação da intervenção	61
4.1. Análise das entrevistas ao educador e educadora.....	61
4.2. Análise das notas de campo registadas no contexto de estudo para a primeira infância	72
5.Considerações finais.....	118

Bibliografia	124
Anexos.....	129
Entrevistas à educadora e ao educador.....	129
Educadora A.....	129
Educador B.....	132

Índice de ilustrações

Ilustração 1 - Disposição dos materiais.....	76
Ilustração 2 - Disposição dos materiais na sala.....	78
Ilustração 3- 1ª abordagem ao material, bugalhos e folhas.....	78
Ilustração 4- Pinturas com bugalhos e folhas.....	79
Ilustração 5- 2º Abordagem ao material, bugalhos e folhas.....	80
Ilustração 6- Disposição dos materiais.....	82
Ilustração 7- Atividade das rolhas 1.....	85
Ilustração 8 – Atividade das rolhas 2.....	85
Ilustração 9 - Atividade das rolhas 3.....	86
Ilustração 10 - Resultado final das atividades das botas.....	86
Ilustração 11 - Pintura com os rolos de papel higiénico.....	87
Ilustração 12 - Trabalho final afixado.....	87
Ilustração 13 - zona das pinturas 1 Ilustração 14 - zona das colagens e construções.....	89
Ilustração 15 - zona das pinturas 2.....	89
Ilustração 16 - Escrita do título e nomes das crianças que integram cada grupo de trabalho do projeto.....	91
Ilustração 17 - Teia realizada com as crianças.....	91
Ilustração 18 - Teia construída por mim de acordo com as escolhas das crianças.....	92
Ilustração 19 - placard com perguntas acerca do projeto.....	94
Ilustração 20 - Imagem escolhida pelas crianças.....	94
Ilustração 21 - Imagem da sucuri.....	96
Ilustração 22 - Pesquisa feita pelos alunos no computador.....	96
Ilustração 23 - Escrita do título.....	98
Ilustração 24 - Escrita das crianças na folha de construção.....	98
Ilustração 25 - Desenho da construção.....	98
Ilustração 26 - Conversa da criança acerca da visita à exposição da Joana Vasconcelos.....	99
Ilustração 27 - Início da escolha do material para a construção do gelado.....	100
Ilustração 28 - Escrita dos materiais 1.....	100
Ilustração 29 - Escrita dos materiais 2.....	100
Ilustração 30 - Construção do cone do gelado.....	101
Ilustração 31 - Construção das bolas do gelado.....	101
Ilustração 32 - Imagem seleccionada.....	101
Ilustração 33 - Recorte da imagem seleccionada.....	102
Ilustração 34 - Trabalho final, o sapo.....	102
Ilustração 35 - Crianças a visualizarem o site da Joana Vasconcelos 1.....	102
Ilustração 36 - crianças a visualizarem o site da joana Vasconcelos 2.....	103
Ilustração 37 - Pormenores da peça " Flores do meu desejo".....	103
Ilustração 38 - Pintura da caixa.....	104
Ilustração 39 - Ficha de estudo sobre a peça.....	104
Ilustração 40 - Pesquisa no computador sobre a peça.....	105

Ilustração 41 - Realização da ficha das diferentes fases da construção	106
Ilustração 42 - Peça final, o consumo	106
Ilustração 43 - Escrita na folha das diferentes fases de construção.....	107
Ilustração 44 - Corte e montagem das palhinhas na rede	108
Ilustração 45 - Divisão do puzzle em 4 partes	108
Ilustração 46 - Trabalho plastificado e afixado.....	109
Ilustração 47 – 1ª Tentativa de colagem das capsulas de café na base do cone	109
Ilustração 48 - Registo da tentativa de colagem.....	109
Ilustração 49 - 2ª tentativa de colagem	110
Ilustração 50 - Registo da 2ª tentativa de colagem.....	110
Ilustração 51 - 3ª tentativa de colagem	111
Ilustração 52 - construção da sucuri com materiais trazidos pela criança.....	112
Ilustração 53 - Trabalho final, a sucuri	112
Ilustração 54 - Construção do helicóptero	113
Ilustração 55 - Imagem retirada da internet para a criança saber que era Marilyn Monroe.....	113
Ilustração 56 - Folha de estudo acerca da Marilyn Monroe	113
Ilustração 57 - Ficha de construção dos sapatos	114
Ilustração 58 - Trabalho final, os sapatos.....	114
Ilustração 59 - Exposição do projeto acerca da Joana Vasconcelos.....	115

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer aos educadores, que pacientemente me receberam nas suas salas. Dois profissionais aos quais estou profundamente agradecida pela excelente maneira como me acolheram e me fizeram sentir feliz.

Às crianças da sala das nuvens e da sala 2 da Baixa da Banheira o meu muito obrigado por me terem deixado trabalhar convosco. Aprendi a ser uma pessoa melhor com a vossa companhia.

Por isso estou intensamente agradecida ao educador Francisco Paixão, que desde o primeiro dia me mostrou que apesar das adversidades inerentes à instituição podemos fazer com que todos os dias as crianças saiam de lá com um sorriso nos lábios e com vontade de voltar na manhã seguinte. Também porque me recebeu de braços abertos e acreditando em mim desde o primeiro dia, companheiro de conversas mais ou menos formais, amigo para sempre com toda a certeza.

À Teresa Bondoso que hoje é educadora de um dos meus filhos, pois se o sonho dela seria ir para o Samouco, o meu era que o meu filho pudesse estar na sala de uma educadora assim. Nela deposito inteira confiança e que sei que está de corpo e alma na sua profissão. Foram intensos os momentos de partilha onde as conversas foram para lá da vida da escola. Sempre presente, mesmo em sonhos... Também ela será com toda a certeza uma amiga para toda a vida.

A uma educadora que embora estando em segundo plano sempre me ajudou no que precisei, Cristina Agostinho é e será sempre uma companheira de brincadeiras e trabalho. Educadora que faz com que esta profissão seja sem dúvida uma das mais bonitas.

Não gostaria de deixar de salientar a forma como fui recebida na Cegonha, Poceirão. Ainda hoje lá vou e os braços estão sempre abertos.

Às minhas colegas de curso, que sempre me deram força para continuar, sabendo que por vezes não foi um percurso fácil de trilhar. O meu muito obrigada a cada uma

delas, à sua maneira todas elas me cativaram e ficarei sempre com boas memórias das nossas conversas.

Não posso deixar de fazer um agradecimento muito especial aos professores que me acompanharam nesta caminhada, mas gostaria de deixar uma obrigada muito especial aos meus orientadores, Professor Filipe Fialho e Professor Augusto Pinheiro, que me ajudaram não só a construir saberes como também a acreditar nas minhas capacidades e nunca desistir.

Por fim, e talvez as pessoas mais importantes da minha vida, o meu muito, muito obrigada a todos os que tiveram a paciência necessária comigo, nos momentos em que chorei, desisti e avancei.

Aos meus filhos, Teresa e Vasco, que iluminaram o meu caminho, sempre com um sorriso nos lábios e acreditando na mãe.

Ao meu marido José Carlos, que foi o primeiro a acreditar em mim e talvez tenha sido durante este percurso a minha força invisível.

Aos meus pais, irmão, avós, cunhado, cunhada e tios, que há 3 anos souberam que iria ser possível, com a ajuda necessária, e estando disponíveis sempre que fosse necessário me ajudaram a alcançar esta etapa.

A Deus que me tem ajudado em silêncio, e me tem dado uma força impossível de derrubar.

Resumo

Sabendo que a arte deveria estar sempre interligada com as restantes atividades, e também tendo em conta o valor que a arte apresentada na vida das crianças torna-se fundamental que não se dissocie a arte da educação.

Com este relatório pretendeu-se entender as conceções do educador e da educadora relativamente à expressão plástica, mais concretamente o uso dos objetos do quotidiano como forma de potenciar esta expressão.

A metodologia utilizada para realização deste relatório foi a investigação-ação. Esta metodologia pressupõe que todo o seu processo e desenvolvimento centrados que na ação quer na investigação. Pretende essencialmente ser uma metodologia que ajude a melhorar a prática onde esta a ser desenvolvida a ação.

Tendo em linha de conta o tipo de investigação usada, foi fundamental não só observar cada contexto, mas também intervir de forma a implementar os objetivos subjacentes a este relatório. Os contextos foram tão diversos quanto possível, sendo o primeiro de creche e o segundo de pré escolar.

Foram algumas as conclusões a que cheguei, muito embora, tenha consciência que este seria um estudo que poderia ser prolongado no tempo, e em diferentes contextos, podendo assim ter uma maior diversidade de observações.

Palavras- chaves:

Arte; Expressão plástica; Objetos do quotidiano; Educação de Infância; Creche

Abstract

Knowing that the art should always be interconnected with other activities, and also knowing the value that the art displayed in the children's lives, becomes crucial that doesn't exist an disassociates of the art with education.

With this Study I think that I saw the conceptions of educator in relation to the expression plastic, more specifically the use of objects of everyday life as a form of potential this expression.

Through a methodology of action investigation that been used in this study, was fundamental not only observe each context, but also intervene in order to implement the objectives underlying this study. The contexts were as diverse as possible, being the first nursery and the second of preschool.

Were some of the conclusions to which i have arrived, though, be aware that this would be a study that could be extended in time, and in different contexts, and may thus have a greater diversity of views.

Key-Words

Art; Plastic expression; Objects of everyday life; Childhood Education; Nursery; Preschool.

1 - Introdução

A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível.

Leonardo da Vinci

O presente relatório emergiu realizado no âmbito das Unidades Curriculares (UC) de Estágio I e II que se enquadram no primeiro e segundo semestres do Mestrado em Educação Pré-escolar, na Escola Superior de Educação de Setúbal (ESE) do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS).

Para além de possibilitar a conclusão do curso de mestrado, este relatório tem também o propósito de consubstanciar uma reflexão sobre a utilização do material do quotidiano no desenvolvimento da expressão plástica em creche e JI, integrando as conceções e práticas dos educadores, articulando a mobilização teórica com a prática vivida nos contextos de estágio.

A problemática anteriormente enunciada surgiu da questão de Investigação-Ação: Como potenciar o desenvolvimento da expressão plástica das crianças em creche e Jardim de infância através da utilização de material do quotidiano?

Quando iniciei o projeto foi com o pensamento centrado na realidade vivida naquele primeiro momento de estágio, foi aproveitando os recursos gratuitos, desperdiçáveis, que resolvi dedicar-me a esta forma de trabalhar a expressão plástica.

Considerarei estes objetos fundamentais no desenvolvimento pessoal e artístico da criança, ao disponibilizar materiais que antes apenas eram reconhecidos como de uso doméstico, podem agora ser aproveitados para trabalhar em diferentes suportes e com diferentes técnicas.

A educação de infância constitui uma das etapas mais importantes na vida de uma criança, e tendo em conta que integra momentos e potencialidades ímpares em que as crianças estão mais despertas para a aprendizagem e para apropriação de novas

experiências, este trabalho pretende ainda constituir-se como um possível contributo para a reflexão e promoção da arte na infância.

O meu interesse pelo mundo das artes remonta às memórias da minha primeira infância e abrangia todos as linguagens e formas de expressão artística.

Foi, sensivelmente, aos 15 anos aquando da seleção da área de estudos para o ingresso no 9º ano que pude optar pela vertente das artes e aprofundar o meu percurso académico e pessoal na componente específica das artes plásticas.

Felizmente eu cresci numa família onde se apreciava a arte, a música, os desportos, entre outros, e em que sempre me foi proporcionado um conjunto de atividades ricas em aprendizagens.

A ótima experiência vivida no 9º ano motivou a decisão de ingressar na escola de artes António Arroio onde tive a oportunidade de vivenciar a arte em pleno, os professores, os colegas, os temas, as linguagens e o ambiente “artístico” que ali se vivia, o que me fez acreditar que tinha escolhido a área certa.

Terminado o 12º ano ingressei num curso profissional de assistente familiar onde mais uma vez pude utilizar a arte como uma forma de expressão, e devido ao facto de ter trabalhado com diversas valências, desde o 1º ciclo até à ocupação de tempos livres sénior, pude vislumbrar as potencialidades e adaptação da arte às várias faixas etárias.

Ao fim de três anos candidatei-me à ESE-IPS e aí concluí a minha licenciatura em Professora do Ensino Básico.

Regressei à mesma instituição que me tinha acolhido anteriormente para ingressar no mestrado em Educação Pré-escolar no ano de 2012.

Mesmo antes de saber que teria de escolher um tema para o projeto de investigação-ação, a integrar no relatório final de curso, já tinha idealizado desenvolver algumas atividades no estágio no domínio da expressão plástica. Neste sentido falei com

o educador do primeiro contexto de estágio sobre esta possibilidade e ele anuiu plenamente.

A experiência vivida neste primeiro estágio veio enfatizar a necessidade de realizar um projeto dentro desta temática, e em particular no âmbito da exploração de materiais do uso quotidiano subsidiariamente a outros recursos específicos ou exclusivos associados à exploração plástica e adquiridos para esse efeito.

Este grupo era constituído por crianças que provinham de famílias com poucos recursos económicos, praticamente sem uma relação próxima e regular com as formas de arte preconizadas na educação formal. Em conversa com o educador inferi que as famílias pareciam considerar mais importantes as áreas ditas mais formais ou sérias em detrimento do investimento nas artes cuja presença estava dependente do tempo sobranete da exploração das atividades das outras áreas e se assumia maioritariamente como complemento das mesmas.

Tanto as peculiaridades do grupo, o facto de a instituição ter poucos recursos económicos, como a minha convicção na valorização educativa das artes influenciaram a minha escolha e conduziram aos primeiros passos do projeto.

O segundo contexto de estágio partilhava com o primeiro o facto de as famílias das crianças terem dificuldades financeiras, mas distinguiam-se no que se refere aos recursos materiais disponíveis e às faixas etárias das crianças envolvidas. Efetivamente, no segundo contexto de estágio era visível a diversidade e quantidade de materiais disponíveis para exploração pelas crianças mediante as dinâmicas de trabalho inerentes à metodologia preconizada pela educadora, que explicitarei mais à frente neste relatório.

Apesar da exploração, na minha opinião muito bem conseguida, dos materiais disponibilizados na sala continuei a considerar pertinente a exploração de outros materiais de uso quotidiano. Na verdade, penso que em complementaridade com os primeiros, os materiais do quotidiano potenciam o desenvolvimento de aprendizagens diversificadas e não exclusivamente dependentes de recursos especificamente associados às artes.

- Compreender as perspectivas/concepções do educador e da educadora de infância sobre o desenvolvimento e exploração da expressão plástica na educação de infância.
- Mobilizar os objetos de uso quotidiano na exploração e desenvolvimento da expressão plástica nos contextos de estágio

Para aprofundar conhecimentos inerentes à temática mencionada efetuei um conjunto de pesquisas e leituras que me despertaram ainda mais interesse e vontade de compreender e refletir sobre a importância na arte na infância e sobre a exploração de materiais do quotidiano no desenvolvimento e exploração da expressão plástica tanto no contexto de sala como em família.

No que se refere à organização, este relatório está dividido em 5 Capítulos.

O capítulo I integra a introdução, em que é feita uma exposição das motivações pessoais para a escolha do tema, uma pequena argumentação acerca da pertinência do tema escolhido, quais as finalidades ou intencionalidades do projeto. Constam também a enunciação da problemática, a enunciação da questão de Investigação-Ação e a apresentação da organização geral deste relatório.

No capítulo II é apresentada uma revisão da literatura centrada no tema escolhido, iniciada por uma breve abordagem das artes em geral e da expressão plástica a que se segue com particular no desenvolvimento da criança, quer no conceito de origem. Depois sucederá uma abordagem mais específica aos objetos utilizados para o desenvolvimento da expressão plástica, da sua importância e relevância. Neste capítulo irei procurar mobilizar um conjunto de autores que me ajudem a perceber a problemática escolhida por mim.

No III capítulo irei explicitar a metodologia usada, assim como a justificação do paradigma que se insere este trabalho. Será feita uma breve descrição dos dois contextos de estágio, as minhas implicações enquanto observadora participante. Terá também uma abordagem relativamente aos dispositivos e procedimentos usados na recolha e análise da informação. Por último uma descrição dos dispositivos e procedimentos de intervenção.

No IV capítulo irei descrever e interpretar os episódios mais marcantes da minha ação pedagógica quer no primeiro quer no segundo contexto de estágio. Terei sempre como base o meu quadro de referências, pois desta forma conseguirei relacionar o que foi vivenciado na prática com o que está descrito nas obras literárias.

Por último as considerações globais, que não pretendem ser um espaço onde serão tiradas conclusões definitivas, mas sim onde farei algumas considerações gerais. Este espaço servirá essencialmente para descrever as dificuldades sentidas e de que forma mobilizei os vários recursos ao meu alcance para as conseguir superar

2- Quadro teórico de referência

2.1 - A Expressão plástica

Segundo Read (2010)“ A arte deve constituir a base da educação”, a arte é inquestionavelmente uma das principais componentes de uma educação que se quer completa. Esta deveria ser um direito fundamental para a criança, pois implica um crescimento a nível físico, criativo e de pensamento.

“A arte é uma daquelas coisas que, como o ar ou o solo, está em todo o lado à nossa volta, mas acerca da qual raramente nos detemos a pensar. Porque a arte não é apenas algo que se encontra nos museus e galerias de arte, ou em velhas cidades como Florença e Roma. A arte, como quer que a definamos, está presente em tudo o que fazemos para agradar aos nossos sentidos”(p.28)

São vários os autores que consideram a arte um dos meios favoráveis á formação e desenvolvimento pessoal, cultural e social das crianças, Fróis, Marques & Gonçalves, (2000), Sousa, (2003) e Godinho e Brito(2010) entre outros.

Também nas orientações curriculares para a educação pré escolar (OCEPE) vem reiterada a importância do contexto educativo para um bom desenvolvimento da expressão artística “ A educação estética, partindo do contexto educativo da educação pré escolar, estará presente no contato com diferentes formas de expressão artística que serão meios de educação da sensibilidade. O contato com o meio envolvente, com a natureza e com a cultura, permitirão ás crianças apreciar a beleza em diferentes contextos e situações.” “ é fundamental integrar as crianças em ambientes onde possam contactar regularmente com a arte, com os seus processos e com os seus criadores.”(p. 55).

Dois outros documentos importantes para a construção de uma identidade artísticas são a Convenção sobre os direitos das crianças, que refere a importância de desenvolver a sua personalidade criadora dizendo que a criança é chamada a “ participar plenamente(...) nas atividades recreativas, artísticas e culturais em condições de igualdade” (art.º31º), também na Declaração Universal dos Direitos do Homem vem mencionada importância de “...uma vida cultural de comunidade, de fruir as artes(...)” (art.º27º)

Bila (2014:14) refere que *Enquanto campo de conhecimento, a arte tem um repertório cultural e socialmente construído, marcado por especificidades estéticas e artísticas que nem sempre fazem a arte do quotidiano das crianças e às quais eles poderão ter acesso através da mediação do educador e da instituição educativa.*

O programa Educação Estética e Artística(PEEA) em contexto escolar foi desenvolvido pelo Ministério da Educação e Ciência, previa entre outras finalidades o desenvolvimento de uma plano de intervenção no domínio das diferentes formas de arte, envolver crianças, docentes e famílias para o gosto pelas diferentes formas de arte e por fim valorizar a arte como uma forma de conhecimento.

“(...) uma educação que não inclua e assuma os valores estéticos como sua componente essencial não se limita a mutilar gravemente a

cultura humana; na verdade, e mais seriamente porventura, mutila a própria humanidade futura que se prepara pela educação de hoje.” Patrício (1991:157).

Para alguns teóricos e pedagogos *a experiência artística pode ser vivida através de três formas distintas: através da execução (aplicando técnicas), através da criação (fazendo algo novo) e através da apreciação (contando com novas obras)*

Para Fróis, Marques e Gonçalves (2000:201)”... uma das finalidades da arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos. Na educação, esta finalidade é uma dimensão de reconhecida importância na formação do indivíduo, ampliando as possibilidades cognitivas, afectivas e expressivas... As artes podem ser objeto de interesse ao longo da vida escolar, com implicações futuras na vida adulta.”

Segundo Gloton e Clero (1976)

Reconhecer que a atividade criadora do artista enriquece a humanidade é reconhecer uma evidência. Mas, mesmo entre os educadores, é raro que haja consciência de até que ponto toda a realização pessoal original de uma criança na escola aumenta a riqueza cultural do grupo e, em igual medida, o seu poder de auto-educação. Esta simples observação seria suficiente para justificar uma pedagogia da atividade criadora. (p.27)

Este autor acrescenta ainda,

“...a pedagogia entende dever respeitar o processo espontâneo da atividade criadora, o seu papel consiste em garantir a união, a criança, da informação experimental e da sua expressão criadora... a criança tem uma necessidade natural de exprimir, para si e para os outros, aquilo que pensa e aquilo que sente. (p.82)

Para Santos (1999:137) as expressões artísticas “ contribuem para um equilibrado desenvolvimento da personalidade autêntica da criança, na sua espontaneidade, na sua

criatividade”. Lowenfeld e Brittain (1977:26) também partilhavam da mesma filosofia “ Desenvolver na pessoa aquelas sensibilidades criadoras que tornam a vida satisfatória e significativa” *É preciso não ensinar mas fazer educação artística, é preciso partir das necessidades da criança e não de um sistema de ensino. A arte não entra na criança, sai dela* (Stem,1974).

Sendo este relatório mais centrado na expressão plástica, inserida no tema geral das artes, importa aqui referir que, e segundo Sousa (2003:159) “ O termo expressão plástica foi adotado pela educação pela arte portuguesa, para designar o modo de expressão-criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos.”

Segundo Sousa (2003:160) o termo «Expressão plástica» foi criado em Portugal pelo modelo de educação pela arte (este permitia às crianças experimental qualquer tipo de materiais)

Para Leite e Malpique (1986) a expressão representa a forma como desde muito novas as crianças conseguem libertar as suas energias, ainda Stern citado por Gonçalves (1991: 19) indica que expressão é “ Um vulcão, algo que brota espontaneamente, algo que vem do interior, das entranhas, do mais profundo do ser. Expressar-se é tornar-se vulcão(...) Expressar-se significa realizar um ato, que não é ditado, nem controlado pela razão”

2.2 - A expressão plástica nos contextos de estágio

A expressão plástica deve ser cuidadosamente trabalhada pelo educador, existir uma intencionalidade pedagógica subjacente. Segundo Sousa (2003)

A expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades. As artes plásticas ao serviço da criança e não esta ao serviço das artes plásticas(p.160).

A expressão plástica é essencialmente uma atividade natural, livre e espontânea da criança...o seu principal objetivo é a expressão das emoções e sentimentos através da criação com

materiais plásticos. Não se pretende a produção de obras de arte nem a formação de artistas, mas apenas a satisfação das necessidades da expressão e criação da criança...É a ação que interessa, é o ato de criar que é expressivo e não a obra criada(p.160).

Também Porcher (1982) preconizava a importância do meio ambiente para a formação artística das crianças. Gloton e Clero (1976) referem que,

A primeira condição é que o meio ambiente seja suficientemente rico e suficientemente absorvente para suscitar as experiências pessoais mais formativas. As finalidades de uma educação artística, que afaste a reprodução e restitua o seu lugar essencial à invenção, à novidade e à imaginação, devem substituir-se ao programa metódico tradicional...A atividade criadora constituiu uma necessidade biológica cuja satisfação é absolutamente necessária para o desenvolvimento ótimo do ser humano em crescimento(p.42).

Segundo Leite e Malpique (1984:51), Lowenfeld preconiza que seja qual for o ambiente onde as crianças estão inseridas conseguem, assim haja vontade, criar um espaço onde se podem expressar livremente, onde o educador não seja demasiado intrusivo e que as deixe fazer as suas escolhas livremente, o espaço, seja ele qual for deve dar às crianças a “possibilidade de se exprimirem pela pintura, desenho, modelação e construção, ajudadas por uma educadora compreensiva, afectuosa, atenta, que não lhes impeça a natural capacidade de se exprimirem através destas atividades”

Moura e Mendonça (2001: pp.67-71) aludem para o facto de a escola ter de se preocupar com a construção cognitiva da criança tendo em linha de conta todos os domínios, e estes devem ser transversais a todas as áreas do currículo. Ainda os mesmos autores referem o professor/educador como meio potenciador desta construção global, “(...) o professor é, sobretudo, um educador e, como tal, deve abrir portas para a vida” (p. 67).

A criança, como ser criador, não deve ser nunca criticado por escolher fazer determinadas atividades, ou mesmo pela escolha dos materiais, deve sim ser levada a “criar” de acordo com as suas preferências, vontades e desejos, para Clero e Gloton (1976:54) *O gosto que a criança adquire pelas coisas pode medir-se pelo desejo e pelo poder que tem de as manejar, de as modificar, de as transformar. Destruir e construir são tarefas que a criança acha que deve ter em relação a elas.* Os mesmos autores referem, e ainda a propósito da escolha das crianças que “ As diferentes aprendizagens da criança através do uso das mãos: apalpar, tocar, agarrar, modelar, e a apropriação da forma pelo tato, permitam-lhe descobrir, pouco a pouco, os materiais e os seus recursos...o prazer extraído destes atos vai, pois, fazer parte de um jogo-trabalho. As descobertas constantes que se lhe oferecerão, através de elementos e materiais diversos, superficiais ou volumétricos, representarão outros tantos pontos de apoio do desenvolvimento da sua atividade mental, e, simultaneamente, atividades necessárias para o emprego de ambas as mãos”(p.109).

La Bruyère citado por Gloton e Clero alude para o facto de “ As crianças já dispõem, na sua alma, de imaginação e memória, isto é, aquilo que os velhos já não possuem e extraem daí um maravilhosos uso nos seus pequenos jogos e em todos os seus divertimentos: é por força delas que repetem aquilo que ouviram dizer, que fazem de novo aquilo que viram fazer, que se entregam a todos os ofícios.” Este pensamento reflete aquilo com o qual nos podemos deparar enquanto profissionais de educação, ao observarmos as crianças conseguimos sentir esta “ingenuidade” em relação aos jogos e atividades.

Beltrán (2000:127) afirma que ninguém nasce artista, nem é necessário pois todas as pessoas já nascem com o potencial necessário para desenvolver o artista que há em si. Esta educação estética, segundo Orey C. (1996:pp.239-275) deve estar acessível a todos, e não deverá ser mais difícil do que escrever, ler ou contar.

Pablo Picasso citado por Feldman, Olds e Papalia (2001: 291) vai ainda mais longe, este afirma que os “...adultos não deviam ensinar as crianças a desenhar mas deviam aprender com elas”

Importa, no entanto salientar que à semelhança do que Best entende, as artes e a expressão plástica em particular, devem estar a par com as restantes áreas do currículo, não sendo nem mais nem menos valorizada que as restantes atividades. Nadal (1990:19) afirma mesmo que “(...) a visão estética não deve ser dissociada do conhecimento

*racional e ambos são imprescindíveis na aquisição de conhecimentos e no processo de aprendizagem.” Este ambiente, propício ao desenvolvimento geral da criança, deve sempre valorizar o que pode ser importante para cada uma das crianças. Embora seja referido por vários profissionais a dificuldade que por vezes sentem quando realizam este tipo de atividade, esta dificuldade está muitas vezes ligada ao facto de eles próprios nunca terem tido a oportunidade de vivenciar com toda a naturalidade a criação artística. Só despendendo do seu tempo e investindo em aprofundar o seu conhecimento é que um educador pode estar à vontade quando implementa estas atividades. O profissional deve disponibilizar um conjunto variado de objetos *inventados e de uso corrente, simultaneamente com tudo aquilo que ela possa igualmente servir-se para se exprimir(...) e depois de disponibilizados (...)a criança voltará a percorrer, como que em resumo, determinadas iniciativas e descobertas do homem através das diversas idades da história. Cada um desses instrumentos permite um tipo de expressão específico e o mesmo se passa com qualquer material...deve oferecer-se a maior diversidade de materiais e autorizarem-se, se não recomendarem-se, os meios de utilização menos ortodoxos.* . Clero e Gloton (1976:172)*

O adulto deve ter em atenção que o que importa é a oportunidade que é dada à criança de se expressar por vezes de uma forma catártica e não a maneira como o faz. O educador tem de perceber que estas atitudes positivas podem ajudar a criança a libertar quaisquer angústias e frustrações.

Sabendo que as crianças reagem de acordo com o que vêm no adulto, neste caso e educador, é fundamental que este último propicie materiais e planos diversos de forma a que as crianças ganhem cada vez mais ligação a estes materiais, segundo as OCEPE (1997:55) o “...contacto com diferentes meios de educação para a sensibilidade ..., contacto com o meio envolvente, com a natureza e com a cultura” permitirão “...apreciar a beleza em diferentes contextos e situações”

O educador ao propor uma atividade artística deve ter em conta as suas idades assim como o seu nível de desenvolvimento de forma a adaptar caso necessário essas propostas.

Tendo sido o tema do meu projeto a valorização dos objetos do quotidiano como forma de propiciar vivências ao nível da expressão plástica, faço de seguida uma pequena fundamentação teórica acerca da importância que estes objetos têm ao longo da nossa

vida, recorrendo a vários autores que corroboram da minha opinião. Estes autores Clero e Gloton (1976:113) referem que a aproximação aos objetos do quotidiano ajuda as crianças a tornar-se mais independentes, “ As primeiras atitudes e a sua atividade imitativa serão pois, influenciadas por tudo aquilo que a rodeia e, em particular, pelos objetos familiares do seu universo, espaço que se desenvolve à medida que aumenta a sua autonomia, do berço ao parque, do gatinhar à marcha, da preensão à destreza...de acordo com a sua perceção do mundo, devemos permitir-lhe descobri-lo, representá-lo e reinventá-lo. Se o encorajamento da criança espontânea se torna rapidamente de primeira necessidade”

Segundo Wallon in Gloton e Clero (1976:51)“...a sua imaginação vai encontrar-se mais à vontade para dotar estes objetos de todas as qualidades e de todas as utilização que lhe aprouver...

Ainda Gloton e Clero (1976) referem que,

Desde que vem ao mundo, a criança encontra-se em situação de aprender e de conhecer. A cada instante, de entre os objetos ou os acontecimentos, ela vê aquilo que lhe interessa e retém aquilo que se insere na sua experiencia e corresponde ás suas necessidades. “ A informação através das coisas é fundamental. E, porque é preciso agir sobre os objetos para os conhecer, a criança tem necessidade de uma grande variedade de materiais para os modificar e transformar: são-lhe necessários instrumentos, utensílios e o enquadramento próprio para a sua utilização.” (p. 78)

As crianças devem conseguir através da expressão plástica utilizar “ linguagens múltiplas, bidimensionais e tridimensionais, enquanto meios de relação, de informação, de fruição estética e de compreensão do mundo” Bertram e Pascal (2000:44)

2.3.A manipulação dos objetos do uso quotidiano

Como já mencionei anteriormente a questão dos recursos socioeconómicos influenciou em muito a escolha do meu tema para o projeto, mas não posso, no entanto,

deixar de ressaltar que este fator pode não determinar a vontade que as pessoas ou crianças têm de inventar, criar, montar, Clero e Gloton (1976) indicam isso mesmo.

Todo o lar familiar, mesmo o mais modesto, é uma fonte de informações das mais úteis para a imaginação, e o que importa é menos a riqueza do equipamento material, do que o clima de vida, a maneira por que a criança é conduzida a ver as coisas entre as quais vive, a abordá-las, a participar na sua existência(p.78).

Se deixarmos as crianças em casa brincar com todos os objetos que a rodeiam, sem ter medo que se estraguem, salvaguardando, obviamente, os materiais que poderão por em risco a sua saúde, estaremos a deixar que a criança explore e que tire ao máximo partido de novos objetos. Clero e Gloton (1976:140) referem que, *O conhecimento, através da prática, dos múltiplos meios inventados pelo homem para se exprimir faz necessariamente parte da iniciação: cortar, gravar, colar, rasgar, modelar, martelar, traçar, esculpir...com os materiais mais diversos: papel, palha...sem qualquer limitação e com utilização dos materiais novos. Ainda Clero e Gloton (1976:173) mencionam que, A partir destes materiais vai brotar da imaginação da criança, numa série de ilimitadas aproximações, uma extrema diversidade de volumes e de formas... A associação de diversos materiais nas suas criações permitirá à criança aperceber-se das qualidades específicas de cada um deles e, ao mesmo tempo, da diversidade da sua função plástica, no jogo diversificado das superfícies, das formas e das cores, tanto no que se refere às criações utilitárias destinadas a misturarem-se com a vida de todos os dias. A matéria adquirirá assim o seu valor.*

Além dos aspetos referidos a criança pode também adquirir progressivamente uma grau bastante grande de autonomia, pois ao explorar estes materiais consegue exportá-los para outras aprendizagens ,Santos citado por Carvalho e Branco (2000:155) indica que ao ser dado às crianças a oportunidade de experimentar sem medos também permite que *“...a criança descobre, inventa e constrói brincando, ela tem, necessariamente, a faculdade de realizar trabalho útil ou de criar obra artisticamente válida...”*

Conseguir que a criança não tenha medo de experimentar é sem dúvida ajudá-la a não ter medo de errar. Clero e Gloton (1976) reiteram esta ideia.

É preciso também deixar participar livremente as crianças nos rituais domésticos. Qualquer criança está sempre disposta a agir, a fazer as suas experiências... Tudo isto constituiu o tempo de uma experiência, o tempo para que uma informação se torne conhecimento integrado em esquemas mobilizadores da ação, experiência que pode repetir-se e que se repetirá em função do próprio prazer a que deu origem. Ao lado dos objetos de uso não especificadamente infantil, a criança dispõe dos seus brinquedos, material simbólico que assegura a ligação entre a informação experimental e a imaginação criadora(p.79).

3- Metodologia do estudo

3.1.A Investigação-Ação em educação

Durante os dois momentos em que estagiei pude retirar notas de campo que de certa forma me ajudaram a recolher dados, e esta é uma das características da investigação-acção referidas por Bogdan e Biklen (1994:48), para estes autores “A investigação qualitativa é descritiva...os dados recolhidos serão em forma de palavra ou imagens e não de números.”

Segundo Ainscow (1995), citado por Sanches (2005:2), a investigação-acção obriga a que todos os intervenientes “assumam a responsabilidade de decidir quais as mudanças necessárias... avaliar e decidir qual o próximo passo a dar no processo de investigação”. Bogdan e Biklen, 1994,p.292), e porque é “um tipo de investigação aplicada no qual o investigador se envolve activamente”.

Também Dewey (1938:101) citado por Sanches (2005:3), “a investigação é a transformação controlada ou directa de uma situação indeterminada numa outra que seja totalmente determinada”

Esta investigação permitirá debruçar-me sobre a importância dada quer pelo educador quer pela educadora relativamente à temática da Expressão Plástica, mais concretamente as dinamizações e aproveitamento de objetos do quotidiano para desenvolver a expressão criativa.

Toda esta investigação deveria ter em linha de conta uma mudança, uma alteração ao contexto que conhecemos, mas tal será possível? É minha intenção que exista pelo menos um maior reconhecimento, da expressão plástica como meio de comunicação e expressão.

Este método de trabalho pressupõe que se consiga conjugar dois fatores importantes, a produção de conhecimentos e a aplicação dos mesmos.

Como já foi referido no capítulo anterior o papel do investigador deve ser tão interveniente quanto possível, sabendo obviamente manter a justa distância a fim de conseguir observar os dados que quer retirar.

Segundo Cohen e Manion (1994) e Denscombe, (1999) citados em Paiva (Metodologias de investigação em educação, 2004) estas são as principais características de uma investigação:

***Prática** – Lida com problemas reais, procura diagnosticar um problema num contexto específico e solucioná-lo nesse mesmo contexto. A mudança é vista como parte integrante da investigação;*

***Colaborativa** – Os professores trabalham em conjunto com os investigadores. Os professores são os principais intervenientes no processo de investigação, sendo a sua participação activa;*

***Cíclica** – A investigação envolve um conjunto de ciclos, nos quais as descobertas iniciais geram possibilidades de mudança, que são então implementadas e avaliadas como introdução do ciclo seguinte;*

*E por último a **auto-avaliativa** – As modificações são continuamente avaliadas e monitorizadas, numa perspectiva de flexibilidade e adaptabilidade.*

Se bem aproveitada a investigação-ação pode ser facilmente usada como um meio de conhecer o contexto onde estamos inseridos “Investigação-ação tem revelado constituir uma intensificação da prática reflexiva, pois combina o processo investigativo e a reflexão crítica com a prática de ensino, tornando esta mais informada, mais sistemática e mais rigorosa” (Estrela, 1986).

A investigação-ação é por si só um meio de conhecimento do mundo que nos rodeia, como já referi , mas mais do que isso ao questionar-me acerca desse mesmo mundo estou também a provocar alguma alteração e estas alterações podem e devem incitar a novas metodologias por parte do professor/educador.

Por fim importa salientar que para além do que já foi referido anteriormente, a investigação-ação deve ser antes de mais reflexiva, atender a uma melhoria desejada, sempre desafiante.

São vários os autores que descrevem a investigação-ação, entre os quais Goyette et al, (1984) citados por Lessard-Hébert (1996), dividiram-na em 6 fases:

- 1- *Exploração e análise da experiência;*
- 2- *Enunciado de um problema de investigação;*
- 3- *Planificação de um projecto;*
- 4- *Realização do projecto;*
- 5- *Apresentação e análise dos resultados;*
- 6- *Interpretação – Conclusão – Tomada de decisão.*

Estas 6 fases acima descritas englobam 3 níveis de operações:

As operações de pré-intervenção, que compreendem a pré-observação, a escolha do problema, a planificação do projecto e a delineação de um calendário de operações.

- As operações de intervenção, que compreendem a intervenção no terreno, o ensaiar do projecto, a observação e registo da intervenção.

- As operações de avaliação, que compreendem a avaliação dos resultados da intervenção, a apresentação dos resultados, as limitações do projecto, as conclusões e as hipóteses que potenciem novas actuações (Kuhne e Quigley,1997) citados por Dias(2009).

3.2. Os contextos

3.2.1 .Creche e Jardim de Infância do Poceirão

No primeiro momento pude estar em contato com uma comunidade mais rural, a creche “ A Cegonha”, que está situada na freguesia do Poceirão. Esta instituição faz parte do Centro Social de Palmela. A seguinte descrição terá como base o projeto curricular de sala.

O Poceirão é uma freguesia nova, com habitações recentes estando a atravessar um período de franco crescimento habitacional, estando a ser povoado por novos habitantes que se deslocam de zonas a área metropolitana de Lisboa.

As atividades económicas são: Agricultura; vinicultura; indústrias de montagem eletrónica; metalomecânica, construção civil; carpintaria; serralharias; pastorícia; comércio e serviços.

Para o Poceirão, além de maior entreposto ferroviário de Portugal de apoio à CP, será instalado o Terminal Logístico Nacional, novo pólo de investimento para o Concelho.

Um dos aspetos fundamentais do trabalho realizado no Centro Social de Palmela é o trabalho em equipa. A Instituição acredita que um bom funcionamento só se sucede se houver trabalho em equipa. A equipa que trabalha em equipa transmite às crianças harmonia e um clima de afetividade, um ambiente tranquilo e de confiança onde todos se sentem bem.

Não há momentos pré-definidos para se trabalhar em equipa. O trabalho em equipa deve ser implementado em qualquer ocasião, quer na existência das reuniões de Sala, na troca de ideias e saberes, nos intercâmbios de sala, ou até mesmo no decorrer das rotinas diárias.

A coordenação técnico-pedagógica desta Instituição, tem como principal função apoiar e desenvolver actos pedagógicos, recorrendo a profissionais com aptidões num trabalho conjunto com os recursos humanos, e desenvolver um Projecto Educativo,

mentor de uma filosofia, objectivos e grande tema que potencie o desenrolar dos Projectos Pedagógicos, Plano Anual de Actividades e respectiva implementação e avaliação.

A coordenação técnico-pedagógica tem também a função de criar um ambiente educativo favorável junto do pessoal técnico, de forma a promover a participação efectiva de todos, atribuindo-lhes funções e competências, responsabilizando-o e avaliando-o pelas mesmas.

Esta instituição privilegia os momentos de reflexão , são registadas todas as avaliações e informações, em dossiers próprios para que se possa, no final do ano lectivo, elaborar um levantamento geral do funcionamento das equipas e organização e funcionamento das actividades. Para estes momentos de reflexão existem: reuniões semanais de sala, onde participam o Educador e os Ajudantes de Acção Educativa, para Planeamento/Reflexão/Avaliação, Reuniões de Estagiárias, Reuniões de Cooperantes, Avaliação Trimestral de Desempenho Pessoal, Reunião de Pólo para Preparação e Avaliação.

Relativamente às crianças estas podem ser avaliadas das seguintes formas: grelha de Avaliação do Desenvolvimento Individual, Relatório da Educadora de Apoio, Questionário de Avaliação dos Pais.

O edifício onde se encontra a cegonha é um edifício ao nível do rés-do-chão, que tem 3 salas de actividades, uma pequena arrumação, duas salas de convívio, uma cozinha, uma instalação sanitária para adultos e mais duas para as crianças.

Existe também um refeitório que alberga as crianças quer de creche quer de pré escolar, servindo também de salão polivalente onde se desenvolvem algumas actividades socioeducativas, por exemplos as festividades.

Esta instituição possui também um bom espaço exterior que este ano sofreu algumas alterações, uma empresa cedeu material lúdico para colocar no recreio.

A cegonha não aquecimento nem ventilação o que faz com que no inverno as crianças fiquem expostas a baixas temperaturas, o mesmo se passa no verão.

O horário de funcionamento é das 07.30 às 19.00, embora a componente letiva funciona das 09.00 às 17.00.

A equipa pedagógica desta instituição é constituída por 2 educadores de infância, sendo que uma dessas educadoras exerce também o papel de coordenadora, existe também uma animadora sociocultural.

No que diz respeito à equipa de pessoal não docente esta é formada por 7 ajudante de acção educativa, 2 cozinheiras, 1 ajudante de cozinha e 1 auxiliar de limpeza.

Depois de ter feito uma pequena apresentação da instituição onde desenvolvi o meu primeiro momento de estágio, importa agora caracterizar o grupo de crianças com as quais realizei o meu trabalho.

O grupo é constituído por 17 crianças, com idades compreendidas entre 1 e 3 anos de idade, das quais 10 são do sexo masculino e 7 do feminino. Oito das crianças que constituem o grupo da Sala das Nuvens pertenciam ao grupo do ano anterior. As sete crianças que completam este grupo, frequentam pela primeira vez um espaço educativo, chegando directamente do seu contexto familiar. Quatro crianças do grupo da Sala das Nuvens, utilizam o serviço de transporte da instituição.

O grupo de pessoal docente e não docente da sala é composto por um educador (Francisco Paixão), duas auxiliares de acção educativa (Florinda Santos e Fátima Carvalho), um CEI+ (Sónia Pereira) e por ultimo uma pessoa em regime de voluntariado (Mafalda Melo).

A Sala das Nuvens tem o primeiro elemento da sua equipa pedagógica – auxiliar de acção educativa – presente desde as 08h00m. No tempo do acolhimento, com início no espaço de jardim-de-infância num sistema de parceria com os auxiliares destacados, recebem-se crianças de todas as valências do pólo.

	Educador	Auxiliares de Acção Educativa		CEI +	Regime de Voluntariado
Manhã		08h00m	10h30m	08h45m	

	09h00m 13h30m	13h30m	14h30m	13h30m	09h00m 13h30m
Tarde	14h30m 17h00m 16h00→17h 00m Hora não lectiva	14h30m 16h30m	15h30m 19h00m	14h30m 17h45m	14h30m 17h00m

Às 08h45m, junta-se à equipa de acolhimento a CEI+ destacada para a creche, marcando as 09h00m a chegada do educador e o início do trabalho planeado e programado. A equipa pedagógica da Sala das Nuvens fica completa com a entrada de outra das suas auxiliares de acção educativa, pelas 10h30m.

As auxiliares de acção educativa têm um horário semanal rotativo, estando a seu cargo os períodos do acolhimento e regresso às famílias.

No período da tarde o educador usufrui de uma hora não lectiva (16h00m / 17h00m). Esta hora, cumprida dentro ou fora do espaço da sala, está reservada ao trabalho em prol do seu grupo, do pólo ou da Instituição, e ao atendimento personalizado das diferentes famílias.

No tempo destinado às saídas os auxiliares destacados poderão, em função do número de crianças presentes, negociar se o farão por valência ou em parceria, nas salas ou no exterior.

Regidos pelo conhecimento adquirido e pelas vivências experienciadas no ano lectivo transacto, e em conjugação com a etapa de desenvolvimento que atravessam, este é um grupo de crianças que demonstra especial interesse por actividades associadas a equipamentos de expressão motora – subida de plataformas, superação de obstáculos e jogos com bola – e de expressão plástica.

Toda a disposição da sala, dos materiais à disposição das crianças vão condicionar todas as suas atividades e relações com o adulto/pares. Segundo Silva (1997:37) (...) *os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender.*”

O educador da sala das nuvens teve um cuidado ao organizar a sala das brincadeiras, para ele a sala deve proporcionar às crianças um espaço de brincadeira livre, e embora ela siga o método do High Scope, discorda com este na organização dos espaços, não estando a favor das zonas/temáticas, o educador defende o espaço o mais liberto possível de barreiras físicas e permitindo a visualização de todos e de todos os brinquedos. Segundo Alliprandi Cit. Em Zabalza (1992:281) *”O educador deve preparar um lugar em que todos, e cada um, sintam que podem estar a seu gosto, em que os objectos (...) não sejam mantidos à distância (...) um lugar que realmente permita o movimento, a expressão, o viver com serenidade, inclusivamente, a vida “bastante difícil” dos pequenos alunos da escola infantil”.*

O educador também defende que as barreiras físicas, como já foram referidas anteriormente, além de poderem ser potencialmente perigosas, também impossibilitam a interacção das crianças quer umas com as outras, quer com os adultos. Este espaço criado por ele possibilita, na minha opinião, a criação de situações pedagógicas que se poderiam perder se existissem barreiras físicas, Post. Hohmann (2003) *“É “através da coordenação do paladar, tacto, olfacto, visão, audição, sentimentos, acções, que são capazes de construir conhecimentos”.*

Segundo Brickman e Taylor, (1991:151) *”Quando as crianças brincam de forma activa – sozinhas ou com outras crianças, de forma organizada ou confusamente, sossegadas ou barulhentas – estão, de facto, ocupadas a apreender o mundo pela forma que é normal – explorando e trabalhando com pessoas, materiais e ideias.”*

O texto que se segue foi retirado do projecto educativo da sala realizado pelo educador.

Área da sala e área ocupada: o número de áreas que os adultos decidirem criar (...) deve basear-se nas necessidades e interesses do seu grupo. (Brickman e Taylor, 1991:153)

Localização: se possível, as áreas devem estar dispostas de forma a promover a fertilização cruzada (Brickman e Taylor, 1991) – objectos de diferentes áreas cruzam-se e encorajam brincadeiras inter-relacionadas.

Circulação: os espaços de actividade não devem ser obstruídos por outros que, por serem de higiene, arrumo ou de transição, permitem a circulação pela sala.

Visibilidade: Para que possam empreender cada uma das suas actividades, as crianças necessitam saber as alternativas disponíveis. Delimitando cada área de forma clara e visível, e recorrendo a divisórias baixas, as crianças têm oportunidade de ver os trabalhos dos seus amigos, assim como de mostrar o que fizeram.

A distribuição dos materiais no espaço também foi cuidadosamente pensada pelo educador, o fato de os brinquedos estarem à altura das crianças, podendo assim estas pagar-lhes livremente, mexer-lhes sem qualquer condicionamento ajuda-os a relacionar-se com os mesmos, inventando brincadeiras, interagindo com o colega, etc... Não existe uma estrutura fechada, pelo contrário é um espaço onde existe toda a abertura possível para que as crianças tenham toda a oportunidade de ser crianças, sem que existam limitações físicas e barreiras físicas e mentais.

Embora não existam áreas delineadas e definidas, existe por parte do educador uma intenção de organizar os materiais, e estes estão à altura das crianças como já foi referido, mas estão organizados por conjuntos, ou seja, os carrinhos estão num sítio, os peluches noutra, bonecas, livros e jogos de destreza, cada um em seu sítio.

Já na outra sala, os espaços estão mais definidos, pois também é uma área apenas destinada à higiene, à alimentação e ao acolhimento. Na área de acolhimento o educador canta canções, partilha histórias, diz o que pretende realizar com os meninos, este acolhimento é feito quer pelo educador quer pelas auxiliares da sala, existe toda a liberdade para os pais entrarem na sala podendo assim despedir-se das crianças sem que haja um rutura brusca. É neste momento também que se partilham informações importantes entre pais e profissionais.

Também é importante nesta fase a entrega do objecto de transição que são sempre deixados ao cuidado da criança.

De acordo com Stanley Greenspan in Post, Hohmann (2003) as “*relações consistentes e estimulantes com as mesmas pessoas que cuidam da criança, [...] desde cedo e ao longo da infância, são as pedras angulares da competência emocional e intelectual ,permitindo à criança formar um elo de ligação profundo que se desenvolve originando um sentimento partilhado...*” “*De proporcionar um ambiente caloroso, seguro e interessante para os pais das crianças sentirem confiança em lhos entregar.*”

Na zona da higiene além de se proceder à mudança da fralda, é também uma das zonas mais importantes de interacção com as crianças, Post e Hohmann (2003) Referem que “*Embora os bebés e as crianças não conseguem ler palavras, elas conseguem ler pessoas...quando os educadores compreendem o impacto destas interacções com as crianças, dão uma maior atenção à criança a quem estão a mudar a fralda, ou a vestir, lavar ou dar assistência na casa de banho...uma das formas de focalizar a atenção na criança durante os cuidados corporais é ambos fazerem muitos contactos visuais...Centrar-se na criança implica responder aos indícios das crianças. Os bebés e as crianças confiam inteiramente na comunicação não-verbal e dependem dos educadores para que aquilo que está a querer dizer seja compreendido.*”

Quando pensava em rotina pensava em organização diária, sistemática e eficiente. Sempre que entrei na sala das nuvens apercebi-me que tudo isso deixa de fazer sentido. Se bem que sejam necessárias rotinas no que diz respeito á higiene, alimentação, sono, estas não podem ser estanques, pois no dia-a-dia das crianças são elas que escolhem o que querem fazer.

Segundo o educador, e assim como em relação à organização dos espaços, ele não acredita nas atividades pré estruturadas como processo de aprendizagem das crianças. Formosinho (2007;69) refere que “*criar rotina diária é basicamente isto: fazer com que o tempo seja um tempo de experiências educacionais ricas e interacções positiva*”.

A rotina de sala está apresentada me baixo:

- 🌻 Acolhimento

- Reforço alimentar
- Higiene
- Tempo de grande grupo
- Actividades
- Higiene
- Almoço
- Higiene
- Repouso
- Lanche
- Higiene
- Actividades
- Chegada das famílias e saída das crianças

É o primeiro momento do dia e difere de criança para criança, devendo ser cumprido entre as 07h00m e as 10h00m, sensivelmente.

Estando este momento da rotina directamente ligado com o processo de separação, será fundamental que para o acolhimento se definam estratégias que, em parceria com as famílias, proporcionem à criança a segurança e o bem-estar suficientes para permanecer serena e confiante. É importante, por exemplo, que se dê oportunidade aos familiares de preparar as crianças para o dia na creche, vestindo-lhes o bibe, arrumando os seus pertences, conversando com elas, procurando junto dos que as acolhem informações práticas e úteis ou dando recomendações.

O tempo de grande grupo é, por excelência, o grande tempo de diálogo do grupo de crianças da Sala das Nuvens. Reunidas no tapete, as crianças respondem aos desafios do adulto, que lhes coloca à disposição o programa das actividades que se seguem.

Através de jogos de descoberta, de pistas, e de tentativa e erro, as crianças desmontam no discurso do seu educador, o objecto das suas intenções pedagógicas. Recorrendo a processos simples de recordação de acontecimentos, o adulto impulsiona nas suas crianças pequenos jogos que lhes permitam reforçar o potencial das suas aprendizagens, articulando as suas ideias e intenções e desenvolvendo o sentimento de controlo sobre as suas próprias acções Brickman e Taylor, (1991:120).

A ideia de as crianças (...) “fazerem planos” pode parecer um sonho impossível para quem veja o planeamento das actividades das crianças como sendo uma função exclusivamente dos adultos. Brickman e Taylor, (1991:115) Para uma criança na sua sala de creche um plano pode ser tão simples como apontar (...). O importante é a criança ter a oportunidade de ser responsável por planear uma actividade que lhe interesse e, com a ajuda do adulto, começar a pensar na forma de a organizar. Brickman e Taylor.

Na Sala das Nuvens poderão ser observadas actividades em duas vertentes: as livres e espontâneas; as planeadas e orientadas.

As actividades livres e espontâneas são um tempo de descoberta onde, individualmente ou em grupo, as crianças emergem na imaginação criando as suas próprias brincadeiras, explorando o espaço e os materiais que mais lhes seduzam e/ou que lhes permitam satisfazer os seus desejos imediatos. Este é um tempo de maior liberdade para a criança, que escolherá se prefere permanecer em grupo, ficar só ou interagir e relacionar-se com uma criança/adulto específico.

As actividades planeadas e orientadas são realizadas com a finalidade de atingir/optimizar determinada competência, de proporcionar experiências significativas, de experimentar novas sensações, de viver novos desafios ou realidades. Não sendo estas actividades rígidas e inflexíveis, poderão ser reformuladas e/ou reorganizadas e, muitas vezes, surgir da espontaneidade das crianças.

Para que se possam adquirir bons hábitos de higiene, é importante que ao longo da rotina se contemplem diferentes momentos neste campo. Assim, são considerados quatro tempos fixos – depois do reforço alimentar da manhã, antes e depois do almoço, e depois do lanche – e tempos flexíveis – todos os que se justifiquem.

Nos actos de higiene a criança deve aproveitar o momento como se se tratasse de uma actividade, e daí tirar prazer e satisfação pessoal: lavando as mãos e cara não é obrigada a permanecer estática, podendo explorar, por exemplo, as características da água; a muda das fraldas não deve ser um gesto mecânico, devendo existir processos de interacção, onde a criança se sinta bem tratada, amada e respeitada; as idas ao bacio/sanita devem ser encorajadas e encorajadoras.

A alimentação é determinante para o crescimento sustentável da criança. Sendo este um momento onde é essencial a presença do adulto, deverá assegurar-se que esta segue padrões de estabilidade e equilíbrio.

As ementas do almoço, seguem o plano alimentar de uma empresa especializada (ITAU) que, em parceria com a equipa pedagógica e as famílias, pode ser reestruturada de forma a serem servidas refeições o mais diversificada, adequada e rico possível.

Também os lanches são preparados a partir da base elaborada pela referida empresa, sendo a sua dieta reestruturada com base no crescimento das crianças e em informações provenientes da equipa pedagógica e famílias.

Todos os reforços alimentares, como iogurtes e recipientes de fruta, por exemplo, servidos às crianças extraordinariamente, são da responsabilidade exclusiva das famílias.

As refeições poderão ser servidas no seio da sala ou, pela riqueza “familiar” vivida no pólo A Cegonha, no espaço comum do átrio central.

O sono é uma reacção tão inclusiva e fundamental como a nutrição. Não se trata duma simples máquina, mas dum reajustamento da toda a maquinaria do organismo, incluindo o sistema nervoso central, destinado a proteger o bem-estar da totalidade do organismo. Gesel, (1979).

Os momentos de repouso são naturalmente destinados ao descanso e ao restabelecimento de forças. Deste modo, devem ser respeitados os hábitos de cada criança, não as obrigando a adormecer ou a acordar a uma hora pré-estabelecida.

Muitas vezes para adormecer, as crianças têm o hábito de se agarrar ou de chuchar, recorrendo ao próprio corpo ou a objectos específicos, que lhes transmitem serenidade e confiança. Cada criança descobre objectos (...) personalizados e com estes inicia uma relação afectuosa, íntima e até mesmo amorosa Pais&Filhos, (1999: n°27). O objecto (...) não é apenas uma invenção das crianças. Ele funciona com objectivos muito definidos e contribui, desde os primeiros meses de vida, para que a criança formule fantasias positivas que lhe tragam segurança e que a ajudem a superar as eventuais situações criadoras de ansiedade. Pais&Filhos, (1999: n°27)

Este é o último momento da rotina da Sala das Nuvens e onde, por vezes, as crianças demonstram grande ansiedade. Durante o processo das saídas todos os elementos envolvidos devem, em uníssono, contribuir para um momento onde, à semelhança do acolhimento, a criança se sinta confiante dos seus propósitos.

Compete aos intervenientes deste processo colaborar estritamente com as famílias, passando-lhes todas as informações relevantes, respondendo às suas questões e/ou solicitações e transmitindo com clareza todas as vivências do dia.

A criança deverá partir alegre e segura para que, no seu regresso possa encontrar um local afável onde saberá que é bem recebida.

Devo referir e foi algo sentido pelo professor orientador do estágio o pouco tempo que os meninos passam de um momento para outro, ou seja nos momentos intersticiais.

São rápidos os tempo de espera, quer enquanto os meninos lavam as mãos, quer enquanto estão à espera de começar a comer, os bebes começam logo a comer enquanto outro lavam as mãos.

Está tudo muito bem organizado, na minha opinião, os meninos não se sentem abandonados ou sozinhos naqueles momentos.

Este tópico é sem dúvida um dos mais importantes do ponto de vista do educador. Como sabemos e como já foi focado no ponto anterior não existe ninguém sem o outro.

Um bom educador deve tentar sempre que é possível manter uma boa relação com os familiares da criança.

No caso do educador com quem tive o privilégio de trabalhar este trabalho com as famílias é notável. Sempre pensei, e pelos vistos erradamente, que um homem educador iria ter problemas em conquistar os pais.

Cheguei à conclusão do contrário, este educador é extremamente caloroso, prestável, aberto e atento a todos os membros da família das crianças.

Se existir um bom clima de interajuda, uma boa cooperação, comunicação de ambas as partes existirá com certeza um bom ambiente, propício à coesão de grupo, Avelino (2004:77) reitera esta ideia dizendo “Hoje, mais do que nunca, o discurso da escola afirma a necessidade de se conhecer a família para bem se compreender a criança, assim como

para obter uma continuidade entre sua própria ação educacional e a da família. E o meio privilegiado para a realização desses ideais pedagógicos será (...) o permanente diálogo com os pais”.

Tive a oportunidade de assistir a uma reunião com a mãe de uma criança que iria integrar o grupo (mais tarde desistiu pois a mãe perdeu o direito ao subsídio), esta reunião permitiu-me perceber de como a comunicação é importante. Esta importância que damos à mãe que naquele momento nos fala da filha é fundamental, fazê-la acreditar que serão feitos todos os possíveis para que a sua criança cresça autonomamente e com confiança.

Ter em atenção a todos os pormenores referidos pelos pais também ajuda a deixar os filhos na sala sem receios.

Teixeira (2006: 5), “a tarefa de educar as gerações mais novas compete em primeiro lugar à família e à escola. Ambas são agentes de educação do mesmo sujeito mas cada uma tem a sua especificidade, quer nos conteúdos da educação, quer nos métodos utilizados.”

O educador tem com as famílias um diálogo aberto, centrado no bem-estar da criança.

Todos os pais entram e saem da sala sem qualquer desconfiança, são recebidas de braços abertos e sempre com um sorriso.

Existem pais que constantemente trazem as crianças fora do horário que está estipulado e mesmo assim interrompendo a rotina diária são recebidos calorosamente.

A disposição da sala também permite aos pais observarem sem problemas. O fato de existir apenas uma parede de vidro permite aos pais observem o comportamento dos seus filhos sem comprometerem o trabalho de sala.

Como está descrito em algumas reflexões, os pais são frequentemente convidados a entrarem e participar nas atividades. Esta abertura permite aos pais confiarem no trabalho do educador, assim como na segurança e bem-estar dos seus filhos.

No início do ano é feita uma reunião de pais onde o educador apresenta as intencionalidades pedagógicas, as planificações e procedimentos rotineiros.

Existe também um meio de comunicação escrito. Por cima de cada cabide da criança, existe um pequeno envelope onde estão as informações gerais, específicas, faltas de material e outras anotações que sejam importantes de salientar.

Eu própria, por sugestão do educador, coloquei um papel nesses envelopes explicando o que estava a fazer naquele contexto, de onde vinha e quais os trabalhos que pretendia realizar com os meninos.

Para finalizar gostaria apenas de reforçar a boa relação que existe entre o educador e as famílias, senti um clima de plena confiança. O educador por vezes nem precisa que os pais lhe digam nada quando chegam, ele consegue perceber o que se passa, como a criança está naquele dia.

E esta “sabedoria” dá aos pais uma certeza que os seus filhos ficavam em boas mãos.

Post, Hohmann (2003; 352) Educação de bebés em infantários, Cuidados e primeiras aprendizagens, Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian “Qualquer que sejam o encorajamento que os educadores dão aos pais para participarem no centro, as relações resultantes destas experiências partilhadas fortalecem o laço tripartido estabelecido entre a criança, os pais e o educador”.

3.2.2. Escola Básica e Jardim de Infância da Baixa da Banheira

À semelhança da caracterização anterior também esta se baseou no Projeto Educativo de escola, Projeto Curricular de sala e do Regulamento Interno.

A Escola/JI da Baixa da Banheira N° 2 fica situada na Rua dos Açores, é um edifício tipo P3, inicialmente de área aberta, tendo as salas sido fechadas posteriormente. Tendo sido construída em 1983, foi sujeita em 2001/2002 a obras de restauro – pintura interior e exterior e montagem do equipamento de cozinha. No ano lectivo 2002/2003 foi recuperado o espaço exterior do recreio, tendo sido criadas novas áreas de jogos, jardinagem, horticultura, alpendre coberto, entre outros.

Nos últimos anos a zona acolheu ainda naturais dos países de Leste, da Ásia e do Brasil. Tradicionalmente, a população banheirense estava ligada às indústrias existentes nas zonas limítrofes, que não têm hoje a dinâmica de outros tempos. Nos nossos dias, para além de uma classe Agrupamento de média ligada aos serviços e ao comércio, encontramos um grupo populacional de baixo nível económico com situações de pobreza que, em geral, se relacionam com o desemprego e o trabalho precário, a marginalidade e a toxicodependência.

A população residente é particularmente jovem e culturalmente diversificada, facto que confere à zona pitorescos contrastes e uma riqueza humana muito peculiar. A diversidade cultural decorrente dos contextos multi-étnicos da população escolar e os problemas socioeconómicos das famílias (baixos níveis de escolaridade, baixos salários, subemprego e desemprego, clandestinidade, bairros e habitações degradadas,) fizeram aumentar as responsabilidades e os espaços de intervenção das Escolas do Agrupamento, que têm desenvolvido acções que vão muito para além das suas tradicionais competências.

A escola é composta por um edifício de r/c e 1º andar, com um total de 8 salas e 4 zonas de passagem. O edifício conta, ainda, com um espaço polivalente, zona de refeitório, cozinha, 1 despensa, 2 arrecadações (1 do Jardim de Infância), 1 gabinete, 1 reprografia, 1 laboratório de Informática, 6 casas de banho (1 do Jardim de Infância). O mobiliário é variado e encontra-se em bom estado, sendo facilmente deslocável, o que permite adaptar minimamente as salas de aula às necessidades das várias actividades. A área destinada ao funcionamento do Jardim de Infância situa-se no rés-do-chão da Escola, na ala esquerda, e é composta por duas salas abertas, bem iluminadas e com duas portas cada uma, uma delas de acesso directo ao exterior. Possuem em comum um espaço designado por “área suja”.

As salas encontram-se em bom estado de conservação. A escola tem instalações sanitárias adaptadas a alunos com necessidades educativas especiais.

O espaço exterior é bastante amplo. O edifício é murado e vedado com rede. A Escola tem dois portões que, por norma, se encontram fechados.

Os problemas relacionais entre crianças e adultos são notórios. No espaço escolar os alunos revelam comportamentos agressivos no recreio e mesmo dentro da sala de aula, mostrando-se pouco solidários, as atitudes de interajuda e/ou cooperações são diminutas e os conflitos resolvem-se quase sempre de forma violenta.

A sala dois é composta por 24 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e 6 anos de idade, sendo 14 do sexo masculino e 10 do sexo feminino.

No final do estágio integrou a turma uma criança com necessidades educativas especiais, que vinha acompanhada por uma terapeuta.

Há excepção de uma criança que já frequentava o jardim de infância o ano passado as restantes vieram de novo.

Quase todas as crianças residem perto da escola, e a sua deslocação é feita maioritariamente a pé.

Como o agrupamento não dispõe de serviço de prolongamento de horário a maior das crianças quando termina a componente letiva vai para casa, apenas 5 crianças são levadas para um atelier de tempos livres.

De seguida estarão descritas as zonas que constituem a sala

- Zona do tapete. Nesta zona a educadora faz várias atividades, desde a leitura das histórias até a investigações. Nesta zona os meninos que escolhem na sua planificação construções, fantoches, aprender, brincar podem fazê-lo neste espaço.
- Armário com materiais de construção, cada gaveta tem cores e símbolos próprios para que as crianças saibam o lugar certo dessa gaveta. Por cima desse armário também estão vários materiais entre os quais o cartão do silêncio.
- Área do jogo simbólico, nesta área as crianças, como um número limitado de crianças, podem jogar ao faz-de-conta, tem vários materiais à sua disposição, desde roupas e materiais que imitam várias situações e espaços, Segundo Brickman e Taylor, (1991:151) "Quando as crianças brincam de forma activa – sozinhas ou com outras crianças, de forma organizada ou confusamente, sossegadas ou barulhentas – estão, de facto, ocupadas a apreender o mundo pela forma que é normal – explorando e trabalhando com pessoas, materiais e ideias."

- Armário com vários jogos, o que é importante referir nesta área é a quantidade ínfima de materiais, maior parte deles construídos pela própria educadora. Aqui as crianças podem ir buscar vários jogos conforme a sua planificação.
- Armário com jogos, mas estes mais direcionados para a matemática. Por cima deste armário está também a zona do rádio, assim como os dossiês/livros/enciclopédias que as crianças podem consultar quando querem fazer algum tipo de investigação/trabalho.
- Mesas de trabalho
- “Cadeiras de resolver”, este foi um meio de resolução de problemas arranjado pela educadora a fim de as crianças autonomamente resolvam os seus problemas.
- Armário onde estão os dossiês do portfólio, por cima deste armário estão dossiês onde se podem consultar propostas de atividades que estão nas brochuras. Também está a “silabinha” fantoche criado pela educadora para as crianças poderem usar quando estão no teatro de fantoches e que apenas fala por sílabas.
- Armário onde estão as gavetas individuais de cada criança. Nestas gavetas estão também as folhas de planificação.
- Zona do computador, aqui as crianças podem jogar o encontrar o que precisam para realizarem as suas investigações.
- Zona de leitura/televisão, nesta zona as crianças podem ler, ler para os outros, por vezes durante a hora de almoço as auxiliares colocam filmes para eles verem.
- Zona das pinturas/colagens

- Zona das colagens tridimensionais (repleta de materiais os mais variados possíveis)

Esta sala, ou melhor dizendo a disposição dos materiais na sala foi uma preocupação da educadora, assim como todos os materiais que estão dentro da mesma, Segundo Silva (1997:37) “(...) *os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender.*”

Todos foram escolhidos com um propósito e a educadora sabe cada um de cor, as suas intencionalidades, até porque muitos deles foram construídos pela própria, ela alegou que não existem materiais com certas intencionalidades, como tal ela construiu-os.

E educadora tem a sala dividida por espaços, mas estes não são estanques, ou seja apesar de cada área ter o seu lugar específico, nalguns casos as crianças podem deslocar-se, Segundo Alliprandi citado por Zabalza (1992:281) ”O educador deve preparar um lugar em que todos, e cada um, sintam que podem estar a seu gosto, em que os objectos (...) não sejam mantidos à distância (...) um lugar que realmente permita o movimento, a expressão, o viver com serenidade, inclusivamente, a vida “bastante difícil” dos pequenos alunos da escola infantil”.

No entanto existem áreas estanques que não podem ser alteradas ou modificadas. As crianças não têm lugar fixo, sentam-se onde querem, com quem lhes apetece estar naquele dia. Também houve um especial cuidado por ter em todas as zonas da sala espaços onde estivessem presentes todas as áreas de conteúdo.

A sala não é muito grande, o que exige que as crianças saibam bem o que têm de fazer e em que sitio têm de o fazer pois poderão entrar em conflito com outras crianças. Todas as crianças depois de realizarem as suas atividades terão de arrumar e estimar o material.

Esta disposição da sala e conseqüentemente dos materiais possibilita uma autonomia por parte das crianças, ou seja, elas conseguem depois de escolher as suas

planificações escolher o material, usá-lo e no fim arrumá-lo. Mas esta arrumação também permite às crianças quer trabalhar individualmente ou em grupo.

Também foi tido em conta pela educadora todos os espaços pertencentes à escola, ou seja, aproveitando e rentabilizando-os para as aprendizagens das crianças.

A educadora criou também um espaço, que funciona sempre que é necessário para a organização de assembleias e debates, envolvendo vários grupos / turmas, com a utilização de diferentes mecanismos de registo de decisões de grupo e consequente construção de materiais para regulação dos comportamentos a gerir e a acompanhar.

Quando foram construídos estes materiais a educadoras em conjunto com a auxiliar e as crianças fazer uma listagem dos materiais, pois assim conseguiam fazer uma apropriação do que existe assim como para que exista uma familiarização com os mesmos.

Ao criar espaços e materiais foi necessário, por parte da educadora, um meio que possibilitasse avaliar se esse mesmo material/espaço estava a ser bem rentabilizado, para tal foram criados outros materiais que demonstrassem essa passagem de informação.

Como já referi na planta da sala a zona do tapete é usada para várias situações, neste caso, esta é uma o que se designa por área temporária, ou seja, sempre que é necessário um espaço de partilha este pode ser aproveitado para esse efeito.

Foi criado também pela educadora um espaço onde as crianças podem recorrer no caso de precisarem expor trabalhos, fazer uma apresentação, etc...e neste caso foram construídos com base em critérios estéticos. Um outro aspecto a ter em linha de conta foi a construção de dispositivos de regulação de comportamentos, este tinha de obedecer a uma utilização progressivamente mais autónoma por parte das crianças.

Por fim podem ser observados em vários placards da sala dispositivos para planificação em grande grupo; material para recolha de informação; Material para captação de aprendizagens realizadas; Organização de materiais para planificação e avaliação de trabalhos; Elaboração de instrumentos de regulação de comportamentos.

Quando na planta da sala referi as brochuras referi-me a ficheiros de actividades nos domínios da Geometria, do Sentido do Número, da Organização de Dados, da Linguagem e Comunicação, da Descoberta da Escrita e da Ciência Experimental, estes foram construídos de acordo com as intencionalidades pedagógicas, estas acessíveis às crianças em formatos também eles próprios para a sua utilização.

Nesta sala o número de materiais existem é imenso, em cada canto podemos ver um material diferente, no entanto as crianças sabem exatamente o sitio deles e conseguem organizar-se facilmente.

A segurança dos materiais também foi tida em linha de conta, pois todos os materiais estão de acordo com as funções para que foram criados, com diferentes níveis de aprendizagem, e de acordo com os interesses das crianças.

Como já referi a enorme variedade dos materiais, e segundo a educadora me explicou estes foram todos explorados com ela e com as crianças no início do ano letivo, assim todos se apropriaram deles e sabem os seus objetivos e funções.

Todos são, como já seria de esperar de exploração aberta, têm apenas as crianças de respeitar as regras de cada material.

Ao contrário daquilo que senti em contexto de creche, neste estágio a minha relação com as famílias foi mais distante.

Mas foram várias as situações onde tive oportunidade de observar como a educadora reagiu em determinadas situações.

Embora seja uma educadora firme, e por vezes um pouco brusca, tem nos pais uns aliados para tudo o que for preciso.

Aliás os pais com os quais é mais difícil criar um tipo de relação é nesses que a educadora mais investe, e eu ao vê-la e ao reflectirmos sobre isso percebi o porquê. Estes pais são aqueles que devemos querer ao nosso lado, aqueles que nos ajudam a crescer.

Sempre me foi dada a oportunidade de estar junto dos pais, a educadora sempre quis que estivesse perto deles e muitas vezes deixou-me dar alguns recados.

Na reunião de pais também tive um lugar de destaque, onde pude apresentar-me, os meus objetos e o que gostaria de fazer naquele estágio. Quando dei por mim já estava a ir buscar trabalhos no placard para que os pais vissem o que os filhos andavam a fazer. Foi muito interessante, alguns pais, no fim, vieram ter comigo e perguntaram-me se precisava de alguma coisa para a realização do projeto da J.V.

Para Teixeira (2006: 5), “A tarefa de educar as gerações mais novas compete em primeiro lugar à família e à escola. Ambas são agentes de educação do mesmo sujeito mas cada uma tem a sua especificidade, quer nos conteúdos da educação, quer nos métodos utilizados.”

Os pais são sempre convidados a entrar e permanecer na sala, tivemos na sala, inclusive pude contar com a presença de uma mãe que foi á sala realizar algumas atividades.

A educadora quando a via estava sempre a dizer que sentia a falta dele e que já tinha saudades da sua ajuda e presença na sala.

Esta abertura facilitava o relacionamento com os pais, sossega-os e reflete uma forte componente de apoio a família por parte da educadora.

Alguns pais por motivos vários trazem as crianças fora do horário que está estipulado mas são recebidos sempre calorosamente.

No início do ano é feita uma reunião de pais onde a educadora apresenta as suas intencionalidades pedagógicas, as planificações e o seu método de trabalho.

Para finalizar gostaria apenas de reforçar a boa relação que existe entre a educadora e as famílias, senti um clima de plena confiança. A educadora nem precisa que os pais lhe digam nada quando chegam, ela consegue perceber o que se passa.

E esta “sabedoria” dá aos pais uma certeza que os seus filhos ficavam em boas mãos.

POST e HOHMANN referem a importância de uma boa relação entre todos os intervenientes *Qualquer que seja o encorajamento que os educadores dão aos pais para*

participarem no centro, as relações resultantes destas experiências partilhadas fortalecem o laço tripartido estabelecido entre a criança, os pais e o educador.

3.3.Descrição dos dispositivos e procedimentos de recolha de informação.

Saber valorizar o processo de recolha da informação é sem dúvida interiorizar a própria investigação. E este interiorizar da informação recolhida pode por vezes trazer algumas alterações ao próprio trabalho pois irão emergir novas questões, que até então não nos tinham surgido.

Em conversa com uma das educadoras tive a certeza que estes dados recolhidos não são limitativos, ou seja, com estes números posso ir até um determinado resultado, os números são impessoais e por vezes não refletem a realidade por isso é tão importante conseguir ir além destes números, percebe-los retirar as relações necessárias para o estudo em questão Harding in Vasconcelos, (1997:41) refere isso mesmo em relação aos investigadores...“se coloque[m] no mesmo plano crítico do objeto investigado, tornando assim passível de escrutínio todo o processo de investigação e os seus resultados.”

Importa neste ponto salientar que o assunto que iria ser investigado decorreu aquando da minha observação no primeiro contexto de estágio, foi depois de observar esse mesmo contexto, de conversas informais e formais com o educador B que percebi que seria uma boa temática a abordar.

Como tal foi necessário, como foi referido no ponto anterior, socorrer-me de vários suportes que me permitissem recolher a informação necessária para o meu estudo.

Na minha opinião a parte onde senti mais dificuldade prendeu-se com a tomada de decisões relativamente à escolha do tema em si. Este tema teve de ser escolhido no primeiro semestre o que colocou alguns constrangimentos relativamente à escolha do mesmo.

Se no início achava que poderia ser interessante uma tema tão abrangente como a arte no pré escolar, depois de conversar com professores cheguei à conclusão que poderia ser demasiado ambicioso. O tema seria de ter em linha de conta o tempo de que disponha para realizar este relatório. Desta feita decidi circunscrever o meu estudo apenas à expressão plástica, mais concreta o tipo de objetos que são usados na sua prática.

À semelhança da dificuldade que senti quando tive de escolher um tema para este estudo, também senti algumas dúvidas relativamente aos instrumentos que deveria usar para que conseguisse retirar a informação mais pertinentemente. Quanto mais directivos fossem esses instrumento mais direccionada seriam as respostas obtidas desses mesmos instrumentos, foi fundamental perceber por uma lado a prática dos educadores, por outro observar de que forma as respostas dadas nas entrevistas se coadunavam com as práticas.

Como mais à frente especificarei foram essencialmente 4 as minhas fontes para a recolha de dados, a observação, a entrevista, o diário e as fotografias.

Ao ter enveredado por um projeto que se diz de investigação-ação, tive de ter em linha de conta o principal objetivo de estudo, neste caso as concepções do educador e da educadora relativamente à expressão plástica, mais concretamente ao uso de objetos do quotidiano para a prática desta.

Os objetivos que estão subjacentes a este estudo também se prendem com a problemática enunciada,

- a) Compreender as percepções e concepções de Expressão Plástica do educador e da educadora de infância;
- b) Reflectir de que forma essas concepções se refletem efetivamente na prática pedagógica;
- c) Compreender de que forma o educador e a educadora introduzem objetos do quotidiano na sua prática pedagógica.

Se no início achava que poderia ser interessante um tema tão abrangente como a arte no pré escolar, depois de conversar com professores cheguei à conclusão que poderia ser demasiado ambicioso. O tema teria de ter em linha de conta o tempo de que disponha

para realizar este relatório. Desta feita decidi circunscrever o meu estudo apenas á expressão plástica, mais concreta o tipo de objetos que são usados na sua prática.

À semelhança da dificuldade que senti quando tive de escolher um tema para este estudo, também senti algumas dúvidas relativamente aos instrumentos que deveria usar para que conseguisse retirar a informação mais pertinentemente. Quanto mais directivos fossem esses instrumento mais direccionada seriam as respostas obtidas desses mesmos instrumentos, foi fundamental perceber por uma lado a prática do educador e da educadora, por outro observar de que forma as respostas dadas nas entrevistas se coadunavam com as práticas.

Como mais à frente especificarei foram essencialmente 4 as minhas fontes para a recolha de dados, a observação, a entrevista, o diário e as fotografias.

3.3.1.Observação participante, direta e notas de campo

“ver e ouvir com abertura de espírito, (...) sem fazer juízos de valor ou tirar conclusões precipitadas” (Post e Hohmann, 2007,p.317)

Ao utilizar este género de instrumento posso integrar-me numa ambiente sem que essa presença seja prejudicial. As notas de campo que mais tarde darão origem aos diários são também meios de organizar as ideias e acontecimentos, para Bogdan e Biklen (1994:90) “ a observação participante é a melhor técnica de recolha de dados neste tipo de estudos.” Ainda Vale (2000:233) refere que “a observação é a melhor técnica de recolha de dados do indivíduo em actividade, em primeira-mão, pois permite comparar aquilo que diz, ou que não diz, com aquilo que faz.”.

Esta observação também foi *espontânea*, na medida em que certos aspetos foram surgindo à medida que interagia com os vários intervenientes, no entanto nunca senti que este tipo de observação pudesse suscitar algum constrangimento, pois em ambos os contextos quer o educador quer a educadora já haviam recebido outros estagiários.

A minha atitude foi sempre a de não ser intrusiva na recolha das minhas observações, tentar sempre mostrar o meu interesse e demonstrar uma postura de

aprendizagem. Nunca foi minha intenção menosprezar as atitudes do educador e da educadora e tentei sempre olhar de uma maneira natural sem que eles sentissem que pudessem estar a ser observados.

Registei muitos acontecimentos nas duas salas - a vida daqueles grupos. Tentei registar também situações mais formais, como, por exemplo, as reflexões com as educadoras cooperantes, as reuniões de equipa e as reuniões com as famílias, mas também algumas menos formais, nomeadamente as nossas conversas, as visitas de estudo, as festas, ... Enfim, todos os acontecimentos em que tive oportunidade de estar presente.

Este “treino” de observação só pode ser vivido em pleno quando muitas das vezes deixava de lado a minha folha onde tirara os apontamentos e interagia diretamente com as crianças. A envolvimento era imprescindível, para o minha investigação era necessário a maior parta das vezes “colocar a mão na massa”, olhar não só para as práticas que do educador quer da educadora relativamente ao uso da expressão plástica, como também observar as escolhas das crianças em determinadas situações.

Este instrumento além de outras vantagens permite *o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto* (Bogdan e Biklen, 1994:87). Ou seja, esta observação participativa permite que o observador esteja no próprio contextos, não precisa de ler acerca dos mesmos, saber por terceiros, ou mesmo de ter em conta os diferentes pontos de vista que podem decorrer dessa observação.

As observações feitas dependiam sempre da criança e do educador, ou seja, importava-me observar a forma como o educador e a educadora propunham quer as atividades de expressão plástica, quer a forma como disponham os vários tipo de materiais.

Foi portanto fundamental delimitar um pouco a minha observação a certa altura, centrar-me mais no tema do meu estudo. Para tal incidi mais nos seguintes pontos: observar de que forma as crianças escolhem certos materiais para a realização de atividades de expressão plástica, descrever de que forma os materiais estão organizados e como estão também organizados os espaços destinados à prática da expressão plástica

e por último descrever os diferentes diálogos e gestos tidos pelo educador e pela educadora no decorrer de atividades de expressão plástica.

Para tal, e sempre que era possível, ia tirando as informações pertinentes durante a minha observação, mas na maior parte dos dias, chegava a casa e socorria-me dos registos fotográficos para realizar esse diário. Segundo Bogdan e Biklen (1994:88), as notas de campo devem ser “registos detalhados, descritivos e focalizados no contexto, das pessoas (retratos), suas ações e interações (trocas, conversas), efetuados sistematicamente, respeitando a linguagem dos participantes nesse contexto “.

Esta reflexão que era feita em casa, por vezes quando sentia uma maior necessidade de perceber certas atitudes ou comportamentos perguntava ao meu educador ou à minha educadora. Lidar com os sentimentos, angústias, alegrias sentidas naquele momento nem sempre eram fáceis de passar para o papel. Conseguir disciplinar-me ao nível do que era descrito com o que era vivenciado nem sempre foi um processo pacífico.

Para Bogdan e Biklen (1994:149) autores já tão referenciados anteriormente, relativamente à recolha de dados “O termo *dados* refere-se aos materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo que se encontram a estudar; são os elementos que formam a base da análise...Os dados são simultaneamente as provas e as pistas.”. Ainda Afonso (2005:112) *os dados qualitativos podem consistir em textos recolhidos de documentos arquivados ou publicados, relatórios de observação produzidos pelo investigador e discurso de atores sociais recolhido em entrevistas, ou em respostas não estruturadas de questionários.*

Esta recolha de dados nem sempre será fácil, e o distanciamento também por vezes não será possível, contudo, ter-se-á de ter em atenção a todos os pormenores existentes, por exemplo, a transcrever uma entrevista à que ter em atenção todas as questões levantadas, fazer uma abordagem sucinta e de onde se possam retirar todas as informações necessárias.

As minhas observações provem das experiencias que tive nos dois contextos de estágio, mas mais concretamente no último.

Sendo, como já referi, a observação um dos instrumentos a utilizar na minha investigação, esta deve ser (...) particularmente útil e fidedigna (...)", como refere Afonso (2005:91). Ao observarmos vamos estar dentro de um mundo que não nos pertence, onde estaremos de fora (muito embora o fato de ser uma observação participante) implica uma interação com os sujeitos observados, Bogdan e Biklen (1994:113) “ (...) o investigador entra no mundo do sujeito, (...) regista de forma não intrusiva o que vai acontecendo e recolhe, simultaneamente, outros dados descritivos.”

Sendo uma observação direta, pelos motivos que já em cima referi, porque foi feita em campo, com os intervenientes, para Quivy e Campenhoudt (2005:164) a observação direta “ (...) é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados...O próprio investigador procede directamente à recolha das informações, (...) apela directamente ao seu sentido de observação.”

Também Deshaies (1997:296) refere que “observação é direta quando se toma nota dos factos, dos gestos, dos acontecimentos, dos comportamentos, das opiniões, das ações, das realidades físicas, em suma, do que se passa ou existe num dado momento numa dada situação.”

Importa, no entanto referir, que neste tipo de observação é importante não perdermos o rumo do nosso caminho, ter a própria observação estruturada a fim de conseguir retirar dela o fundamental e útil, pois podemos perder-nos na quantidade de informação ao nosso dispor, também é importante haver uma seleção do que é observado, Quivy & Campenhoudt(2005:199) “O investigador não pode confiar unicamente na sua recordação dos acontecimentos apreendidos «ao vivo».”

Ainda Hall (1978) citado por Ludke e André,(1986:17) refere que, o investigador, como pessoa, “ (...) precisa ser capaz de tolerar ambiguidades; ser capaz de trabalhar sob sua própria responsabilidade; deve inspirar confiança; deve ser pessoalmente comprometida, autodisciplinada, sensível a si mesma e aos outros, madura e consistente; e deve ser capaz de guardar informações confidenciais.”

3.3.2. Diário de bordo

De todos os instrumentos referidos anteriormente talvez o diário de bordo seja o mais importante, pelo menos nesta investigação, segundo Bogdan e Biklen (1994:150) referem que essas notas são “ o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo”.

Nestes diários (mais especificamente nas reflexões diárias) podem ser lidas todas as observações feitas na minha observação. Mas como já mencionei tornou-se uma importante fonte de informação, Ponte (2002:19) refere mesmo que “o plano de trabalho bem como os registos realizados (por exemplo, no diário de bordo) possibilitarão ao investigador um espaço autónomo de realidade que lhe permitirá, quando necessário, o distanciamento relativamente aos acontecimentos do dia-a-dia” também Alves (2004:224) “um registo reflexivo de experiências – pessoais e profissionais – ao longo de um determinado período de tempo.”

Esta recolha de informação, quase constante, por vezes tem sido fácil, conseguir retirar a informação necessário sendo uma das intervenientes. Zabalza (1994) consegue distinguir quatro dimensões no diário de bordo: *a) o facto de se tratar de um recurso que implica escrever; b) o facto de se tratar de um recurso que implica reflectir; c) o facto de nele se integrar o expressivo e o referencial; d) o carácter nitidamente histórico e longitudinal da narração.*

Os mesmos autores mencionam esta recolha de dados como sendo ainda mais importante que a própria investigação, ou seja, o mais importante é o estudo em si, como foram recolhidos os dados, de que forma se interagiu com as pessoas envolvidas? Saber valorizar o processo de recolha da informação é sem dúvida interiorizar a própria investigação. E este interiorizar da informação recolhida pode por vezes trazer algumas alterações ao próprio trabalho pois irão emergir novas questões, que até então não nos tinham surgido. Os mesmos autores referem também a extrema importância da melhor forma de conseguir descrever/interpretar aquilo que os investigados nos estão querendo transmitir, embora difícil, terá de haver uma distanciação pois tal irá permitir-nos uma melhor interpretação dos dados recolhidos.

Em conversa com uma das educadoras tive a certeza que estes dados recolhidos não só por si limitativos, ou seja, com estes números posso ir até um determinado resultado, os números são impessoais e por vezes não refletem a realidade por isso é tão importante conseguir ir além destes números, percebe-los retirar as ilações necessárias para o estudo em questão, Harding citado por Vasconcelos, (1997:41) refere isso mesmo em relação aos investigadores...“se coloquem(m) no mesmo plano crítico do objeto investigado, tornando assim passível de escrutínio todo o processo de investigação e os seus resultados.”

3.3.3. Produções das crianças: gráficas, escritas e orais

As produções das crianças foram recolhidas por mim durante os dois momentos de estágio, e constituíram um recurso fundamental pois traduziam as suas ideias e conceções. No entanto, as produções expressas por meio da linguagem verbal e não verbal foram sempre anotadas por mim, quer como forma de registo diários, quer em pequenos vídeos.

Estas produções permitiram-me perceber a importância do trabalho proposto, sendo assim estes recursos tornaram-se instrumentos fundamentais de análise e reflexão.

3.3.4. A entrevista

A entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.

(Bogdan e Biklen, 1994:134)

A entrevista é também um instrumento que usarei no projeto de investigação-ação, e permitem comunicar com os entrevistados de uma maneira mais séria e proveitosa, as

entrevistas “ (...permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados.” Quivy e Campenhoudt (2005:192)

No entanto e segundo Grawitz (1993) citado por Carmo e Ferreira, (1998)são 6 os tipos de entrevistas que existem a sua escolha vai depender de cada investigação.

Esta entrevista foi elaborada com a ajuda quer do professor orientador quer do co orientador deste relatório.

No meu caso optarei por uma entrevista feita por email, ou seja, serão perguntas umas de carácter mais aberto e outras de carácter mais fechado, mas que permitem ao entrevistado estar à vontade para responder, tento bastante tempo para o fazer, deixarei no entanto claro que estão à vontade para colocar questões no caso de não perceberem alguma questão.

As entrevistas foram enviadas por email quer ao educador quer à educadora no início de cada estágio, podendo estes responder até ao final de Junho.

Optei por escolher este instrumento pois permitiu encontrar respostas que os outros instrumentos não transmitiam tão fidedignamente.

Tendo em linha de conta a temática do meu estudo surgiram as seguintes questões:

1. Quantos anos de serviço tem?
2. Qual a instituição em que realizou a sua formação inicial?
3. Refira-se a trabalhos que tenha eventualmente desenvolvido durante a sua formação inicial na área da expressão plástica.
4. Que cursos/acções de formação contínua frequentou no âmbito da expressão plástica relevantes para a sua prática pedagógica?
5. Na sua opinião que relevância deverá ter a expressão plástica na educação de infância?

6. Refira-se à sua prática docente na área da expressão plástica e indique o modo como avalia essa prática. Na sua resposta integre a alusão às dinâmicas e materiais que utiliza.

Poderá dizer-se que a entrevista está dividida em 2 partes distintas, uma primeira onde são colocadas questões pessoais, onde se pretende saber a sua formação base de cada um dos educadores entrevistados assim como os anos de serviço, e uma segunda parte onde se pretende compreender a importância da expressão plástica na prática diária assim como como realiza essa mesma prática.

As entrevistas foram feitas a um educador de creche e a uma educadora de Jardim de infância.

Todas as questões presentes na entrevistas eram de resposta aberta, e onde cada um podia responder sem ordem específica, mas também permitiu que cada o educador e a educadora fizesse uma reflexão aprofundada. Foi enviado por email. Esta permitia que o educador e a educadora pudessem estar mais à vontade para responder às questões colocadas. Também o tempo para reenviar a entrevista foi grande, não havendo um prazo estanque, foi apenas solicitado que o fizessem até Junho de 2013.

Depois de lidas e interpretadas as entrevistas à educadora e ao educador, e mais uma vez tendo como suportes a observação direta, indirecta ,reflexões individuais e cooperadas, poderei sugerir que a educadora e o educador conseguem realizar nas suas práticas aquilo que preconizavam nas suas respostas.

3.3.5.Registos fotográficos

Assim como a folha e o lápis, também a máquina fotográfica esteve sempre presente na minha prática pedagógica. Foi talvez o instrumento mais usado durante estes estágios, para Máximo-Esteves (2008:91) *os registos fotográficos são um recurso que permite analisar momentos e circunstâncias sem grande perda de tempo, desde que*

devidamente datadas e referenciadas espacialmente(...)permite inventariar(...)os produtos artísticos das crianças(...).

Todos os registos efectuados careceram de uma autorização prévia dos pais, também as crianças puderam dar o seu avale quando eram tiradas as fotografias iniciais

3.3.6.Pesquisa documental

Em qualquer um dos contextos onde estive inserida me foi-me dada a oportunidade de consultar todos os documentos quer de sala quer da instituição.

Os documentos realizados pelas crianças também estiveram à minha disposição, o que me possibilitou uma maior informação acerca delas. Por vezes houve necessidade de trazer para casa e fotocopiá-las e por fim devolve-las. Através destes dados recolhidos foi possível consultar dados relativos à turma .Os projetos educativos e de sala também foram importantes na medida em que pude ver a relevância que a expressão plástica tinha nestas planificações.

3.3.5.Tratamento de dados

Wolcott citado por Vale (2004) refere três momentos chave para o processo de interpretação dos dados obtidos: descrição dos dados, descrição e análises dos mesmos. A primeira fase indica que o investigador deve fazer um conjunto de textos que considera pertinentes de acordo com o que observou. A segunda fase permite ao investigador organizar a informação e dados que recolheu e assim conseguir discriminar as palavras chave da sua investigação. Na terceira e última fase o investigador tenta chegar aos verdadeiros significados dos seus dados e das suas observações.

Tentando de certa forma adaptar o que foi referido por Wolcott ao meu relatório, penso que a descrição (primeira fase) resultou da descrição diária do contexto de estágio, às observações quer às crianças quer aos educadores relativamente à utilização da expressão plástica e do manuseamento dos objetos do quotidiano. Esta observação permitiu-me ter uma visão mais abrangente do quotidiano, das escolhas feitas quer pelo educador quer pela educadora .

No que diz respeito à análise, esta disse respeito a uma maior pormenorização dos diários feitos nos contextos, também uma análise às entrevistas feitas aos educadores.

Todas estas recolhas e análises estavam e estão disponíveis num dossier, também estão guardadas numa pasta no computador, em particular observações diárias, acompanhadas de fotografias que explicam todo o processo utilizado estão nessa mesma pasta no computador. Um instrumento também ele fundamental para a minha pesquisa foram as reflexões cooperadas, estas permitiram-me aprofundar as opiniões dos educadores relativamente ao trabalho desenvolvido tanto por mim como pelas crianças.

As entrevistas, duas, foram feitas a um educador de creche e a uma educadora de pré-escolar, e estas entrevistas individuais como foram enviados por email, já vinham respondidas e escritas as respostas.

A problemática escolhida teve por base a intenção de tentar entender o porquê das escolhas de diferentes materiais por partes do educador e da educadora para realizarem atividades de expressão plástica.

3.3.6. Análise de conteúdo

“A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático (...) de (...) materiais que foram sendo acumulados, com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros” Bogdan & Biklen, 1994: 205 como referido em Fialho, (2007).

3 Os contextos de estudo

3.1 Educadora A

Depois de analisada a entrevista, e recorrendo a todas as observações diretas e indirectas, os diários de bordo e as reflexões cooperadas posso compreender melhor as interpretações que esta educadora fez em relação à expressão plástica.

A educadora A como apresenta uma maior número de anos de serviço, mais experiência profissional e embora nunca tenha frequentado nenhuma ação de formação específica no âmbito da expressão plástica considera que esta à semelhanças das restantes áreas do currículo deve ser trabalhada. Esta tirou o curso de Educador de infância no Magistério Primário há 30 anos.

Como meio de avaliar a educadora usa os meios previstos no Projeto Curricular de Grupo, dos quais destaca um instrumento (feito a partir das metas de aprendizagem) para registo de comportamentos (grelha) e um dispositivo de avaliação formativa e reguladora (portefólio). Já para avaliar a sua prática utiliza um registo de avaliação da organização do ambiente educativo, construído com base no que está previsto nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar.

Todo o discurso da educadora foi no sentido de valorizar, motivar, incentivar as crianças para uma experimentação da expressão plástica, recorrendo ou não a objetos de uso quotidiano. A liberdade de expressão deve estar sempre em primeiro lugar.

3.2 Educador B

À semelhança da educadora A, também o educador B nunca frequentou nenhuma ação de formação direccionada para a expressão plástica. Diferencia-os o facto de terem feito as suas formações iniciais em instituições diferentes, este educador fez a sua numa Escola Superior de Educação. Embora tenham feito as suas formações em sítios distintos, ambos tiraram a sua licenciatura em educação de infância.

Como a sua formação inicial foi há 10 anos a sua memória ainda recorda alguns aspetos importantes relativos aos trabalhos realizados no âmbito da expressão plástica,

tais como a *Construção de material pedagógico de apoio às diferentes áreas de desenvolvimento; valorização de materiais do quotidiano como fonte de produção; aquisição de novas técnicas de trabalho.*

Como será referido foram escolhidos um educador de creche e uma educadora de jardim de infância os escolhidos para a realização da entrevista , estes trabalhavam em instituições distintas, sendo a educadora A numa sala de pré escolar inserida no Agrupamento de escolas da Baixa da Banheira e o educador B numa sala de creche na instituição a Cegonha no Poceirão.

No próximo ponto será feita uma apresentação da cada um destes contextos. Ao longo do tempo em que tive o privilegio de estar em contato com o educador ou com a educadora fui-me apercebendo de quais seriam as suas práticas, concepções e ideologias. Durante estes meses foram muitas as conversas formais e informais, onde estavam presentes uma grande cumplicidade, que possibilitou uma abertura total de ambas as partes.

Como já referi, através destas reuniões pude ficar a saber mais sobre cada o educador e a educadora.

Apesar do educador ter uma diferença de idades grande relativamente à educadora , têm entre si uma opinião comum, valorizar e compreender cada individuo.

Se por uma lado a educadora A conta com 30 anos de serviço, o educador B tem 10 anos. Muito embora as suas formações iniciais tenham sido na mesma vertente (Educadores de Infância) a escola de formação varia, o educador B tirou o seu curso na Escola Superior de Educação de Setúbal a educadora A tirou o seu no Magistério primário.

Ontem se nota uma maior diferença é de facto na metodologia de trabalho, a educadora A trabalha segundo a metodologia de projeto, já o educador B trabalha com a o método High Scope.

4. Apresentação e interpretação da intervenção

4.1. Análise das entrevistas ao educador e educadora

Embora o educador e a educadora tenham referido que nunca haviam frequentado nenhuma ação de formação nesta área foi possível observar a preocupação com as atividades de expressão plástica, e apesar que os separar praticamente 20 anos de formação inicial, ambos mostraram uma total noção de quais os principais fundamentos teóricos relativos a esta área específica. Não demonstraram necessidade, ainda, de realizar ações de formação nesta área, afirmam apenas que à medida das suas necessidades recorrem a documentos e outros meios de pesquisa para conseguir atingir os objetivos.

Também mas nas suas respostas a educadora e o educador, embora não tenha sido perguntado diretamente se usavam objetos de uso quotidiano, o educador e a educadora enunciaram esses objetos como fazendo parte das suas atividades.

Se por um lado o educador B sentia mais necessidade em programar com mais antecedência as atividades, foi, e segundo a sua opinião, pelo facto de serem crianças muito pequenas e que por vezes não teriam o mesmo grau de maturidade. A educadora raramente propunha uma atividade no âmbito da expressão plástica, eram as crianças que segundo a sua planificação diária decidiam se a queriam realizar ou não, isto não implica, contudo, que a educadora não oriente e regule o processo.

No entanto foi possível observar momentos de atividade direcionada, em momentos tais como a prenda do dia da mãe, pai ou da criança. No entanto importa salientar que mesmo nestes momentos a valorização pelo trabalho de cada uma existia.

Se a educadora A centra as suas escolhas tendo como base a pedagogia de projetos, já o educador B se orienta pelo modelo curricular High Scope, esta constatação só foi possível observar quer em contexto de observação direta quer em conversas formais/informais quer com o educador quer com a educadora.

Tendo em conta o que já foi descrito penso que está bem patente a valorização por parte do educador e da educadora relativamente à expressão plástica, o cuidado que existe em articula-la com as restantes áreas do saber. A expressão plástica foi caracterizada como sendo mais uma área onde o processo de ensino e aprendizagem se desenvolvem conjuntamente com as restantes áreas. Existe também uma reflexão sobre a ação, pensar antes e depois de agir. Ambos demonstram ter uma ponderação a quando da escolha de tarefas e atividades, procuram saber as características das crianças, as suas competências.

Penso que ao realizar este estudo tive a oportunidade de colocar em prática algumas ideias e concepções que tinha. Estando eu a frequentar um mestrado em pré-escolar, tive dois momentos privilegiados de aprendizagem. Foram alguns os estudos que consultei e onde me baseei para realizar a minha fundamentação teórica, mas esses mesmos autores fizeram-me refletir acerca do papel que a expressão plástica pode ter quando bem articulada com as restantes áreas de saber.

Na primeira entrevista que analisei, educadora A é possível na primeira parte entender qual a sua formação e génese de trabalho, mais na segunda parte da entrevistas estão presentes respostas que se coadunam na totalidade com a sua prática diária.

Quando na quarta questão pergunto qual a importância que deve ser dada à expressão plástica, tanto a educadora A com o educador B afirmam que esta área nunca pode ser dissociada das restantes áreas do saber, segundo a educadora A *os conteúdos devem ser abordados de forma articulada e a Expressão Plástica não é uma exceção. Penso, por isso, que a Expressão plástica não deve ser um fim em si mesma; é, antes, uma forma de expressão que, tal como as outras expressões (motora, musical e dramática), a linguagem oral, a abordagem à escrita e a matemática, são formas de dizer o mundo, de o compreender e até de agir sobre ele.* Também o educador B alude *Como qualquer outra expressão, não deverá ser dada qualquer tipo de relevância especial à expressão plástica. Deverá sim compreender-se e otimizar o seu alcance e transversalidade, capaz de complementar e dinamizar as outras expressões, não esquecendo a capacidade que tem em dar-lhes visibilidade.*

Não só será feita esta análise recorrendo às suas respostas como, sempre que possível fazer uma abordagem com exemplos concretos quer da educadora quer do educador , recorrendo a exemplos do diário de bordo.

Além de todos estes aspetos referidos também achei pertinente introduzir excertos de conversas mais ou menos formais que ia tendo com o educador e com a educadora, tentei sempre que achava adequado, inclui-los nesta análise.

Tendo enunciado da seguinte forma a questão de Investigação-ação:” Como potenciar o uso dos objetos do quotidiano no desenvolvimento da expressão plástica e tentando de forma a otimizar a exploração e as aprendizagens artísticas das crianças?, considero que cada vez mais acredito na transversalidade entre a expressão plástica e as restantes áreas de conteúdo. A expressão plástica pode e deve integrar em si as outras aprendizagens ditas mais “formais”, as estratégias, os métodos deverão estar interligados com as restantes áreas.

À semelhança do educador e da educadora entrevistados, também eu estou convicta que para podermos ter uma escola e sociedade mais inclusiva, empreendedora e livre devemos sempre ter em linha de conta a importância da expressão plástica, como meio de aprendizagem.

Partindo do princípio de que este estudo não pretende ter resultados que nos permitam chegar a uma conclusão definitiva, ou seja, não devemos generalizar todos os

resultados conseguidos quer nas entrevistas quer com os restantes instrumentos de recolha de informação.

Estas entrevistas visava compreender de que forma como o educador e a educadora trabalham a expressão plástica nas suas prática e como potenciam os objetos do quotidiano para o desenvolvimento da mesma.

Tendo em conta as respostas dadas o que me salta à vista é a valorização das expressões em conjunto com as restantes áreas do saber.

As práticas pedagógicas estavam em articulação com os factores que referenciaram nas suas respostas. Existiu sempre por parte dos profissionais uma *reflexão para a acção*. A consciência das suas práticas com as intencionalidade de transversalidade estavam sempre presentes. As crianças ao desenvolverem atividades de plástica estavam também a desenvolver competências na área da Formação Pessoal e Social pois tinham sempre de arrumar os espaços, os materiais, saber lidar com os conflitos, entre outros.

Os episódios quer descritos por mim nos diários quer na observação mais direta, estiveram sempre coadunados com o que foi descrito pelos intervenientes nas entrevistas.

Ambos tentavam estimular o desenvolvimento criativo das crianças, também mostraram um total conhecimento pelas diferentes formas de exploração de materiais.

Os dois contextos de estágio permitiram-me constatar o que foi indicado nas respostas do educador e da educadora, ou seja, toda a *articulação da organização do ambiente educativo com a intencionalidade educativa* estava pensada. Embora na sala do educador B não existisse uma área ou sitio específico para trabalhar a expressão plástica, estes materiais eram montados conforme a atividade, por norma iam uma ou duas crianças de cada vez. Na educadora A era possível visionar uma área específica onde os matérias eram colocados à disposição das crianças, o que facilitava em muito o seu manuseamento. A quantidade de materiais disponíveis neste último caso era substancialmente maior do que no educador B.

Relativamente à valorização dos trabalhos das crianças, no caso do educador B, e como referido pelo próprio, este considera importante a exposição dos trabalhos, sempre

dentro da sala. Mas embora não tenha sido expresso pela educadora A, foi possível ver em contexto de sala que esta exposição também era feita, sempre com uma intenção, e sempre com a explicação do processo pelo qual se passou para conseguir realizar aquele trabalho, neste caso os trabalhos eram expostos em vários sítios, desde sala, hall, refeitório, ou mesmo sala de professores.

Embora tenham referido que nunca haviam frequentado nenhuma ação de formação nesta área foi possível observar a preocupação com as atividades de expressão plástica, e apesar que os separar praticamente 20 anos de formação inicial, ambos mostraram uma total noção de quais os principais fundamentos teóricos relativos a esta área específica.

A Educadora A considera que todos os conteúdos a serem trabalhados na sala podem e devem estar articulados com a Expressão Plástica, segundo a educadora *a Expressão plástica não deve ser um fim em si mesma; é, antes, uma forma de expressão que, tal como as outras expressões (motora, musical e dramática), a linguagem oral, a abordagem à escrita e a matemática, são formas de dizer o mundo, de o compreender e até de agir sobre ele.*

A área de Expressão e Comunicação deve ser um suporte que sustenta as restantes, integra e está intimamente ligada às restantes, não se conseguem dissociar umas das outras, todas dependem entre si.

Quando questionada acerca da sua formação inicial, a educadora referiu que como tinha sido há já algum tempo não se recordava bem dos trabalhos realizados no âmbito da expressão plástica, mencionou antes o que se recorda ter aprendido relativamente aos princípios direcionados à Expressão Plástica: *As técnicas devem ser simples e progressivamente apresentadas às crianças; que as crianças exprimam representações interiores da realidade e não que sejam produzidas obras de arte – as crianças não são artistas; deve ser estimulada através da riqueza de vivências e não condicionada através de imagens fornecidas como modelos estereotipados; caminha interligada com a educação artística ; os materiais devem ser diversificados e devem estar disponíveis para que as crianças os utilizem de forma espontânea e autónoma. articulação da organização do ambiente educativo e das acções com a intencionalidade educativa.*

A educadora também evidencia a importância de uma contínua observação de todo o processo e desenvolvimento da criança como meio de potenciar a complexificação das atividades, tendo sempre em conta as idades das crianças.

No que diz respeito à minha questão inicial deste relatório, o uso dos objetos do quotidiano como forma de potenciar a exploração da expressão plástica a educadora menciona que gosta de usar técnicas simples, dando total liberdade às crianças de o explorarem, e serão elas próprias que tornarão essas técnicas mais complexificadas.

Mais uma vez alude para o facto de não pretender que as crianças realizem obras de artes, mas sim que expressem a realidade com naturalidade. Procurando sempre uma riqueza de experiências, na organização de material diversos (onde se inserem os materiais de uso diário), esta educadora consegue facilitar a expressão artística nas crianças. Para esta educadora o gosto e o à vontade que as crianças devem retirar destas atividades ajudam-nos a desenvolverem-se melhor e mais plenamente. As atividades decorrentes do dia a dia na sala não devem ser estereotipadas, devem sim ser oportunidades de novas aprendizagens.

À semelhança da educadora A, também este refere a importância da transversalidade, ou seja, conseguir articular a área da expressão plástica com as restantes, *Como qualquer outra expressão, não deverá ser dada qualquer tipo de relevância especial à expressão plástica. Deverá sim compreender-se e otimizar o seu alcance e transversalidade, capaz de complementar e dinamizar as outras expressões, não esquecendo a capacidade que tem em dar-lhes visibilidade.*

O educador *valoriza os meios e as técnicas utilizadas como veículo de desenvolvimento* como forma de potenciar a arte e as atividades artísticas. Ele procura diversificar as ações, pretende que as crianças se sintam motivadas o suficiente para desenvolver as atitudes plásticas.

Este educador, embora não tenham dado uma resposta concerta à forma como avalia a sua atividade, posso depreender que o faz conjuntamente com as crianças e com a comunidade, sendo assim as atividades são *devidamente apresentadas e apreciadas, valorizando todos os passos, expondo e divulgando as várias etapas cumpridas,*

partilhando as suas singularidades e apreciando os seus produtos, enaltecendo cada produção com toda a reverência merecida. Posso assim também deduzir que para este educador o reforço positivo, corresponder às expectativas das crianças é muito importante. Estes aspetos, segundo o educador, permitem à criança desenvolver um conjunto de competências ao nível da expressão plástica.

No entanto, o educador refere que não se devem “encher” a sala com produções desnecessárias, o trabalho pode e deve ser visto quando fizer sentido, e não apenas para mostrar trabalho: *o fruto do trabalho das crianças não pretende ser o fundamento de pastas apinhadas de coloridas produções com a capacidade de adivinhar um ano de intenso trabalho.*

As atividades que desenvolve decorrem ou do projeto de sala ou da própria institucional, por vezes também pela necessidade do educador.

Um dos constrangimentos, não visível na entrevista, mas em conversas paralelas nas reflexões semanais, foi o facto de este educador estar sempre em creche, ele sente que precisava de se desligar uma pouco desta valência para poder desenvolver outras competências como profissional, muito embora sinta que é nesta valência que se sente mais confortável.

No que concerne à minha problemática o educador foi bastante claro na sua resposta, considerando como bastante uteis os objetos do uso do quotidiano, *além dos tradicionais instrumentos fácil e rapidamente associados à expressão plástica, é com naturalidade que outros, contextualizados com a vida quotidiana e com a rotina diária das crianças, surjam de forma a proporcionar/sugerir determinados tipos de postura que se pretendem descobrir, desenvolver ou otimizar.*

De seguida tentarei fazer uma análise de cada uma das respostas individualmente, recorrendo a outros exemplos sempre que achei importante fazê-lo.

- **Questão nº1 e nº 2** (de identificação, anos de serviço e formação inicial)
- **Questão nº3**

Refira-se a trabalhos que tenha eventualmente desenvolvido durante a sua formação inicial na área da expressão plástica.

A educadora A, e talvez porque realizou a sua formação inicial há mais tempo, teve mais dificuldade em lembrar-se do que tinha desenvolvido, no entanto recorda essencialmente os princípios que lhe foram inculcados nessa fase, dos quais destacaria - *As técnicas devem ser simples e progressivamente apresentadas às crianças; Os materiais devem ser diversificados e devem estar disponíveis para que as crianças os utilizem de forma espontânea e autónoma.*

Já o educador B referiu que se recorda ter efetuado trabalhos de *Construção de material pedagógico de apoio às diferentes áreas de desenvolvimento; valorização de materiais do quotidiano como fonte de produção; aquisição de novas técnicas de trabalho.*

Embora tenham idades tão dispares, é pertinente dizer que ambos valorizaram o que lhes foi transmitido nas suas formações iniciais no que diz respeito à área da expressão plástica.

O art.º 34º a 36º do Decreto-lei n.º 32.243 declara que o curso de magistério primário, curso esse realizado pela educadora *conserva as disciplinas de cultura pedagógica, devidamente expurgadas e outras devidamente adaptadas, articuladas com um conjunto de outras que se poderiam incluir na designação de expressões e um terceiro grupo de vincada preocupação com a inculcação ideológica.*

Já no curso do educador B estavam bem patentes as alterações que o curso do magistério primário veio a sofrer, nomeadamente no âmbito da expressão plástica.

É aceite o diploma legal que afirma que o domínio da profissão docente exige o domínio do conteúdo científico, humanístico, tecnológico ou artístico das disciplinas curriculares de docência (Decreto-lei n.º 43/2007, de 22 de Fevereiro de 2007).

Foram muitas as alterações que surgiram ao longo dos tempo, e muito embora no primeiros cursos ministrados não seria tão visível a participação das expressões, mais

concretamente da expressão plástica, hoje em dia já isso não é visível, bem pelo contrário, já existe um cuidado em articular todas as áreas do saber.

- **Questão nº4**

Que cursos/acções de formação contínua frequentou no âmbito da expressão plástica relevantes para a sua prática pedagógica?

Mais uma vez deram respostas iguais, nenhum deles frequentou nenhum tipo de acção de formação nesta área. Em conversa com eles nas reuniões cooperadas falei-lhe neste aspeto, e o que foi referido foi o facto de por um lado não existirem tantas acções de formação na área de expressão plástica como nas restantes áreas, e por outro a falta de tempo assim como a não obrigatoriedade.

Gostaria, contudo de referir que o educador B disse que tinha sempre muita curiosidade em participar nesta acções pois gostava de aprender novas técnicas e outro tipo de experiencias.

- **Questão nº5**

Na sua opinião que relevância deverá ter a expressão plástica na educação de infância?

Novamente o educador B e A estiveram em consonância e demonstraram a mesma intenção de resposta.

O educador B escreveu que “Como qualquer outra expressão, não deverá ser dada qualquer tipo de relevância especial à expressão plástica. Deverá sim compreender-se e otimizar o seu alcance e transversalidade, capaz de complementar e dinamizar as outras expressões, não esquecendo a capacidade que tem em dar-lhes visibilidade.” Este educador nunca pretendeu que a expressão plástica servisse apenas como e ,segundo o próprio ,veículo à satisfação pessoal e/ou elevação do ego dos pais e encarregados de educação que comigo se empenharam no crescimento e

desenvolvimento das suas crianças. Tentei, da maneira possível, que a sua dinamização se tornasse útil e visível aos olhos de quem a cria.

A educadora A refere que Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, os conteúdos devem ser abordados de forma articulada e a Expressão Plástica não é uma exceção. Penso, por isso, que a Expressão plástica não deve ser um fim em si mesma; é, antes, uma forma de expressão que, tal como as outras expressões (motora, musical e dramática), a linguagem oral, a abordagem à escrita e a matemática, são formas de dizer o mundo, de o compreender e até de agir sobre ele.

Tendo em conta as resposta dadas é possível crer que ambos partilham da opinião de que o educador deve sempre que possível integrar as atividade de expressão plástica com as outras áreas de conteúdo.

No plano curricular de grupo da Educadora A é possível ler que a *área da Expressão e Comunicação integra o domínio das expressões, o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o domínio da Matemática. Quando chega ao Jardim de infância, a criança já realizou algumas aquisições básicas nos diferentes domínios da área da expressão e comunicação; a educação pré-escolar aparece como um contexto educativo mais alargado que vai proporcionar à criança o contacto com várias formas de expressão e comunicação, ajudando-a a construir e a dominar progressivamente as várias linguagens, permitindo-lhe compreender e agir melhor sobre o mundo.*

O domínio das expressões refere-se à aquisição e à aprendizagem de códigos que são meios de relação com os outros, de recolha de informação e de sensibilização estética, indispensáveis para a criança representar o seu mundo interior e o mundo que a rodeia.

No projeto curricular de sala do educador B apenas faz referencia às competências que devem ser atingidas, muito embora saliente as disparidade de idades dentro da sala.

- **Questão nº6**

Refira-se à sua prática docente na área da expressão plástica e indique o modo como avalia essa prática. Na sua resposta integre a alusão às dinâmicas e materiais que utiliza.

Torna-se importante fazer alusão, nesta questão, ao facto de quer o educadora A como o educador B tenham trabalhado sempre na mesma valência. O educador B trabalhou sempre em creche e a educadora A sempre em pré escolar.

Numa primeira parte farei alusão às práticas desenvolvidas, depois analisarei as dinâmicas e matérias disponíveis e por ultimo descreverei a forma como avaliam essas mesmas práticas

O educador B, como sempre esteve em creche e, como ele próprio refere *nesta realidade específica, crente de que o fruto do trabalho das crianças não pretende ser o fundamento de pastas apinhadas de coloridas produções com a capacidade de adivinhar um ano de intenso trabalho*. Este educador refere ainda que desenvolveu a sua prática assente em pressupostos capazes de utilizar a expressão plástica como *processo de satisfação da arte pela arte, valorizando os meios e as técnicas utilizadas como veículo de desenvolvimento – na perspectiva do educador e da sua equipa – e como veículo de prazer – na perspectiva da criança –, transportando para o culminar da produção uma fonte de reconhecimento do trabalho desenvolvido*.

Ainda relativamente à sua prática como educador, este menciona que ao iniciar uma atividade de expressão plástica, embora faça algum enquadramento inicial deixa ao critério das criança a forma como poderão fazer. Refere ainda que a maior parte das atividades partem *de uma realidade específica (institucional, de necessidade ou pedagógica), sendo devidamente apresentadas e apreciadas, valorizando todos os passos, expondo e divulgando as várias etapas cumpridas, partilhando as suas singularidades e apreciando os seus produtos, enaltecendo cada produção com toda a reverência merecida*.

A educadora A usa primeiramente as técnicas mais simplificadas e depois vai dificultando ao longo do tempo . Esta consciência de que as actividades têm de ser adaptadas à realidade da sala é fundamental para uma boa interpretação por parte das

crianças. Na sua prática esta educadora espera que *as crianças expressem representações interiores da realidade e não pretendo que sejam produzidas obras de arte.*

Relativamente às dinâmicas e materiais utilizados na dinamização da expressão plástica os educadores, deram respostas muito semelhantes, se o Educador B usa o que ele chama de *tradicionais instrumentos fácil e rapidamente associados à expressão plástica, a educadora A dá às crianças uma liberdade de utilização dos materiais*, fazendo com que estas se apropriem dos diferentes materiais.

Os *tradicionais instrumentos* são usados com alguma regularidade, muito embora este educador tente sempre que possível diversificar as suas práticas, como por exemplo *berlindes e cotonetes,; carrinhos, carimbos e bobines de costura, rolos de pintura, pincéis e escovas dos dentes, massas, espumas, esfregões, tintas e digitintas, experiências térmicas e decalques; superfícies estandardizadas e regulares (A4/A3), de tamanhos exagerados ou mais reduzidos e irregulares.*

Estas entrevistas visavam compreender de que forma o educador e a educadora trabalham a expressão plástica nas suas prática e como potenciam os objetos do quotidiano para o desenvolvimento da mesma.

Tendo em conta as respostas dadas o que me salta à vista é a valorização das expressões em conjunto com as restantes áreas do saber.

4.2. Análise das notas de campo registadas no contexto de estudo para a primeira infância

Apesar de já ter sido referenciado inúmeras vezes, o que me motivou para a escolha deste tema foi a experiencia vivida no primeiro contexto de estágio, Poceirão.

Depois de observadas as dinâmicas por parte de educador e a falta de algum material associado à expressão plástica que decidi enveredar pela temática à muito falada neste relatório.

Como também tive oportunidade de visualizar os projetos curriculares da educadora e do educador, também constatei que estavam presentes e bastante claras as referências à expressão plástica como meio de potenciar o desenvolvimento plena da criança. Nestes projetos é possível constatar que existiu um cuidado a quando da construção do mesmo pois são inúmeras as referências à transversalidade que tem vindo a ser descrita.

Quer num contexto, quer no outro é bastante visível a preocupação para o facto de a sala refletir o que tem sido feito pelas crianças, quero com isto dizer que existe uma preocupação constante na escolha do local de exposição e relativa descrição dos procedimentos realizados.

Relativamente á intencionalidade pedagógica quer do educador quer da educadora, é possível, mais uma vez assistir a uma grande congruência, ambos preparam com cuidado o material, embora possam ter existido algumas situações onde o inesperado fez com que houvesse a necessidade de improvisar. Existe uma preparação com a organização dos espaços; do tempo; dos materiais; de grupo. Foi especialmente notória a preocupação com a arrumação dos materiais, e esta preocupação influenciava outras aprendizagens tais como o desenvolvimento de capacidades inerentes a outras áreas de saber. O facto de seres as próprias crianças a terem de arrumar os seus materiais , a exposição e apresentação dos seus trabalhos ao restante grupo .

Tendo eu escolhido como problemática o uso dos objetos do quotidiano, também foi possível observar que os dois recorrem a estes materiais sempre que é possível. No caso do educador B, este embora usasse objetos de uso diário nas suas atividades, reconheceu bastante utilidade noutros que foram levados por mim. A educadora A já usava este tipo de material o que me levou a constatar que é possível utilizar estes objetos como meio de fomentar a expressão plástica. Foi interessante observar neste ultimo contexto, que as crianças podendo recorrer a objetos comprados em lojas recorrem muito mais vezes a objetos de uso quotidiano ou reciclados.

Numa dessas oportunidades de observação, reparei que o educador tinha decidido realizar a pintura com cotonetes, ora este material do quotidiano não é facilmente

associado às atividades de expressão plástica. *Durante esta semana o educador realizou com eles uma atividade que tinha como principal objetivo treinar/iniciar a destreza/motricidade fina*

O educador já tinha vindo a desenvolver esta atividade nas semanas anteriores, sendo que começou pelos alunos mais velhos e depois por ordem decrescente. Na minha observação pode constatar que algumas crianças não têm no seu dia-a-dia contato nenhum com instrumentos de pintura/desenho, etc...Nesta atividade as crianças tinham de pintar com um cotonete uma folha de papel reciclado.

Como já referi anteriormente algumas crianças não contactam com instrumentos de pintura, e como tal ficavam um pouco apreensivas ou mesmo relutantes quer em “sujar “ as mãos quer em utilizar um cotonete (que por norma serve para os ouvidos) para pintar. Alguns receiam falhar, outros extravasam, outros ainda fazem um traço e depois dizem que já estava terminado.

*Achei curioso uma das crianças que só tinha aparecido na 6ª feira, vinha muito rabugento e ansioso, e esse estado de espirito revelou-se no seu trabalho, ficou irrequieto, numa luta com a tinta e sempre a querer comer a mesma. **O educador achou mesmo importante continuar a dar folhas para que ele pudesse continuar a extravasar a sua inquietude, e ele desenhava e desenhava até se fartar.***

*Foi sem dúvida um trabalho incessante, nunca tinha visto ninguém a trabalhar com esta técnica. As crianças gostaram e reparei que foi dada toda a **liberdade possível para que fizessem os seus trabalhos.** Achei interessante ter sido com um cotonete juntamente com papel reciclado Na minha óptica o educador teve como principais objetivos desta atividade a exploração de novas posições e movimentos no uso do cotonete (batendo, de lado, com a ponta, colocando muita tinta, colocando pouca tinta,) e a exploração de fundos pintando grandes áreas preenchendo todo o papel.*

*Esta atividade “foge “ ao típico pincel ou marcadores, ou seja dá a **liberdade necessária à criança para explorar e experienciar novas técnicas e dessa forma desenvolver uma percepção diferente do mundo.***

Foi dada total liberdade às crianças neste atividade, ou seja, as crianças não foram repreendidas quando se sujavam ou sujavam a mesa, e na minha opinião esta

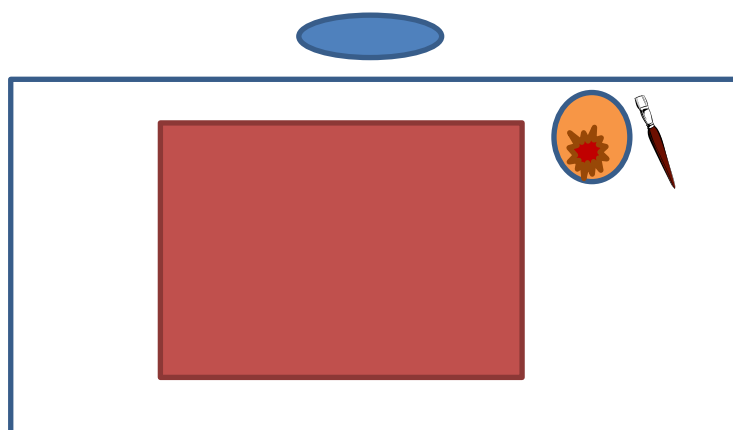
liberdade permitiu que elas trabalhassem com maior naturalidade e vontade. (nota de campo de dia 23 de Outubro de 2012)

E foi através desta atividade que começaram a surgir ideias na minha cabeça, será que é possível aos educadores que não têm condições financeiras favoráveis explorarem outro tipo de matérias, neste caso de uso quotidiano para um bom desenvolvimento da expressão plástica?

Numa das conversas informais com este educador, sugeri se podia, sempre que fosse oportuno desenvolver atividades onde apenas recorresse a matérias de uso diário. Ele concordou imediatamente e acho que seria um projeto interessante e que estava ansioso para saber como as crianças iriam reagir a estes novos objetos. São debatidos com o educador todos os assuntos/temáticas que ambos achamos pertinentes, e sempre que pretendo realizar uma atividade proponho ao educador nestas reuniões cooperadas. Ele lê, ou ouve, depois decide se é benéfico ou não, dá sugestões de melhoramento, e ambos chegamos a uma conclusão sobre as melhores formas e estratégias de implementação da atividade. (nota de campo 15 de Janeiro de 2012)

Assim sendo, e nesse mesmo fim de semana, estanho eu a passear com os meus filhos (importa referir que já era outono) reparei que estavam no chão folhas e bugalhos de uma arvore. Em família apanhei-os e pensei logo que seriam bons matérias para a exploração da expressão plástica. Limpei-os o suficiente para não colocar a segurança das crianças em risco e guardei-as até ao dia seguinte.

Na segunda-feira perguntei ao educador se podia realizar aquela atividade com as crianças, ele disse que sim, foi então que comecei a organizar o espaço.



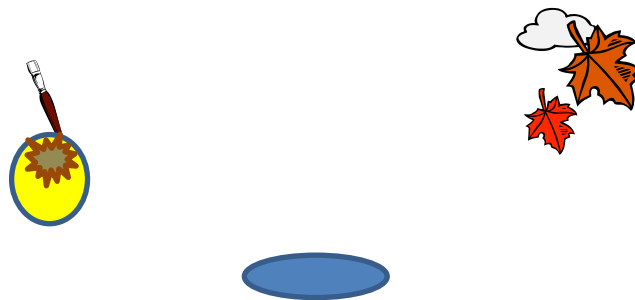


Ilustração 1 - Disposição dos materiais

Na segunda-feira levei para a sala folhas e pequenos bugalhos de plátano que fui apanhar com os meus filhos durante o fim-de-semana. Quando decidi realizar esta actividade tive o cuidado de escolher folhas fora do vulgar, ou seja, folhas que tivessem uma cor diferente do original ou pelo menos que se vêem com menor frequência. Coloquei tudo dentro de um saquinho e levei para a instituição.

A ordem pela qual os meninos foram escolhidos foi puramente aleatória, neste caso não fazia sentido haver uma ordem pré estabelecida visto o trabalho ser igual para todos.

Na mesa estava colocado uma folha de cartolina castanha (cor do tronco de árvore) duas taças de plástico, uma com tinta amarela, outra com tinta laranja (a escolha das cores foi feita a partir da escala de cores, cores quentes e que fazem lembrar o outono) e também duas folhas de plátano, de dois tamanhos grande e pequeno. Também estavam dois pinceis que não serviam para as crianças pintarem mas sim para que eu pudesse pintar as folhas (mais tarde irei referir a tendência que algumas crianças tinham em agarrar logo no pincel). As crianças podiam sentar-se do lado que preferissem, visto as duas cadeiras estarem vagas.(Figura 1)

“(...)cada criança podia explorar o material que estava à sua disposição(...)” por esta altura o educador ***sugeriu que se usasse a estratégia de fazer festinhas nas folhas de maneira que a impressão ficasse melhor na cartolina.***

As crianças, segunda a minha observação preteriram sempre os objetos que já conhecia em detrimento dos novos trazido por mim (neste caso bugalhos das árvores), muito embora estes últimos estivessem mais perto delas. ***O pincel estava mais longe das crianças propositadamente, porque não pretendia que elas o fossem buscar, mas mesmo longe as crianças quase que caíam da cadeira para o conseguirem alcançar.***

Importa salientar nesta atividade é a sua intencionalidade, e também que neste caso estas crianças não estavam habituadas a “mexer” neste tipo de objetos, depois ao longo do tempo, sempre que lhes era apresentado o bugalho, a maior parte das crianças já reconhecia como um material de pintura. *Achei interessante esta 2ª forma que elas tiveram de observar o material (ouriço), se da 1ª vez muitos nem sequer agarraram, agora não só o agarraram como já o encararam com um objeto de pintura (objetivo da 1ª atividade).*

Numa outra atividade que tive a oportunidade de desenvolver neste estágio foi a de pintar com uma rolha num bocado de tecido, e mais uma vez todas as crianças além de não reconhecerem a verdadeira função de uma rolha não perceberam que podiam molhá-la na tinta e pintar o tecido. À semelhança dos bugalhos, também esta atividade trouxe surpresa às crianças, *Deixei-o explorar à vontade a rolha e a tinta a escorrer desta. Vi-se na cara dele a alegria quando a tinta escorrida e caia na taça, (...) estas crianças foram sempre deixadas à vontade na concretização da tarefa, uma dos meninos interessou-se por empilhar as rolhas e depois desenhava com elas assim.*

Numa última oportunidade de colocar em prática a minha temática propôs às crianças que pintassem com rolos de papel, mais uma vez (...) *os meninos eram livre de pintarem como quisessem os rolos de papel higiénico, fazendo com eles as pinturas que desejassem. Eles misturaram, pintaram com as mãos, alguns com os narizes e não foi imposta qualquer reserva nesta pintura. Estavam contentíssimos por poderem pintarem como quisessem, olhavam para mim cada vez que se sujavam, e eu disse-lhes que estava tudo bem, que estavam protegidos pelos babetes e que podiam trabalhar à vontade.*

Antes de iniciar a actividade cada criança podia explorar o material que estava à sua disposição na mesa só duas crianças é que não tiveram receio de mexer no bugalho (importa referir que este tem umas saliências um pouco protuberantes o que faça com que tenha uma aspecto pouco agradável ao toque), mas nas folhas tão houve nenhum menino que tivesse tido problemas.



Ilustração 2 - Disposição dos materiais na sala

Ilustração 3- 1ª abordagem ao material, bugalhos e folhas



A reacção em quase todos os meninos foi a buscar os pinceis, mesmo estando os bugalhos dentro das taças de tinta indicando assim o material com que queria que eles pintassem.

*Um dos gémeos já na atividade do cotonete foi quem mais participou, o que experimentou mais vezes colocar o bugalho na tinta. Quando foi pedido que fizesse as festinhas nas folhas, nunca o fez, provavelmente porque não entende que era uma questão gráfica, que se calcasse mais vezes e com mais força mais carregada ficaria a imagem. **O educador sugeriu que se usasse a estratégia de fazer festinhas nas folhas de maneira que a impressão ficasse melhor na cartolina***

*O segundo gémeo já participou menos, pegou pouco no bugalho também foi preciso muito incentivo para retirar a folha da cartolina. Esta inactividade talvez se devesse ao fato de ele estar um pouco adoentado e com receitas para medicação, conseguiu contudo deixar a sua marca no trabalho. **Deixei-o fazer o trabalho com as mãos raspando a folha na cartolina deixando apenas uma mancha de tinta.***

O último da sala a realizar o trabalho foi o mais velho, e notou-se alguma diferença em especialmente na compreensão do objetivo da atividade. Expliquei o que pretendia que fizesse e ele agarrou logo no bugalho, mas na parte do caule. Incentivado já agarrou na bola com os picos e depois de experimentar trabalhou sem problemas. Também foi o único menino que fez as festinhas às folhas e gostou do resultado final.



Ilustração 4- Pinturas com bugalhos e folhas

*O que gostaria de realçar neste trabalho é o fato das crianças nunca encararem os bugalhos e as folhas como material de pintura. **A intencionalidade deste trabalho e a colocação dos materiais na mesa de trabalho foi planejada, os pinceis estarem mais afastados, os bugalhos estarem dentro das tintas.** (Nota de campo semana de 12 a 14 de Novembro 2012)*

Quando tive oportunidade de lhes mostrar de novo estes materiais foi com muita satisfação que percebi que, apesar de não serem todas, as crianças quando em contato com estes objetos e consideram-nos instrumento de pintura, como está descrito na minha observação direta é possível ler as suas atitudes face à representação dos objetos.



Ilustração 5- 2º Abordagem ao material, bugalhos e folhas

Na quarta-feira terminei o trabalho da árvore com os meninos, por sorte nesse dia não faltou nenhum o que foi fantástico em termos de participações. A folha de cenário foi colada às mesas e as crianças e desta vez trabalharam de pé. Optei por fazer trabalho em grupo, ou seja, estavam 6 meninos de cada vez. Os primeiros foram os mais velhos porque poderiam ir colocando os materiais onde os mais pequeninos não chegariam.

A primeira reacção deles foi a de agarrar nos ouriços e começar a “desenhar” com eles em cima da cola quente, nesta altura foi importante reforçar o objetivo da atividade, neste caso não era o de pintar mas sim a colagem dos materiais.

Achei interessante esta 2ª forma que eles tiveram de observar o material (ouriço), se da 1ª vez muitos nem sequer agarraram, agora não só o agarraram como já o encararam com um objeto de pintura (objetivo da 1ª atividade). (Nota de campo 14 de Novembro de 2012)

Tento em conta as observações realizadas, reflexões com o educador e a minha ação junto das crianças importa neste momento salientar que considerações foram emergindo ao longo deste tempo. Não posso deixar de salientar que para as notas de campo se tornaram fundamentais, ao rele-las apercebi-me de pormenores que na altura me tinham escapado.

Sabendo que esta temática surgiu a partir de uma situação que para si se mostrava dilemática (a falta de materiais) foi possível realizar um conjunto de atividades onde a exploração de matérias do uso quotidiano era de todo pertinente.

Tendo plena consciência que este podia ser de certa forma difícil implementar este tipo de atividades, tive sempre presente a importância da forma como propomos os materiais, que como estes estão dispostos e são descritos. Estes devem sempre sempre que possível motivo de interesse e suscitar a atenção das crianças.

Na primeira atividade (dos bugalhos e das folhas) tinham inicialmente decidido que iria realizar a atividade em pequeno grupo, o facto de ter falado com o educador também me ajudou a refletir sobre a importância de sabermos delinear estratégias, e objetivos. Tendo em consideração todos estes aspetos propôs serem duas crianças de cada vez, o que acabou por resultar bem. As crianças explorarem bem os materiais, estando totalmente à vontade para o fazer conforme mais lhe aprouvesse, elas pegavam nestes objetos primeiramente sem a intenção de os usar como forma de pintar a folha, mas sim como algo estranho. Como tal exploravam-nos primeiro com as mãos, e os mais pequenos chegavam mesmo a coloca-los na boca. Em qualquer um dos casos referido houve sem dúvida uma boa exploração das características dos objetos.

Na segunda parte da atividade achei por bem juntar mais meninos à atividade, primeiro porque neste caso gostava de ter crianças mais novas e mais velhas no mesmo grupo e depois porque interessava-me perceber como é que as crianças reagiam ao objeto sem constrangimento, e o facto de serem muitas crianças desinibi-os.

A segunda atividade realizada no âmbito de creche, e tendo em conta que nos estávamos a aproximar da altura do Natal, havendo assim necessidade de começar a pensar na organização e decoração da sala sugeri que as crianças pudessem pintar com rolhas em tecido reciclado. Mais uma vez a ideia foi aceite positivamente pelo educador.

Mais uma vez tive de começar a pensar nas idades e competências de cada uma das crianças envolvidas. Como tal, e à semelhança da primeira atividade, também comecei por pares. Senti que tinha resultado bem na primeira vez e decidi manter, até para que existisse uma consistência da minha prática.

Sempre recorrendo às minhas notas de campo, posso descrever de que forma foi implementada a atividade e como esta foi sentida quer por mim quer pelas crianças. Começo por mostrar como estavam dispostos os materiais em cima da mesa.

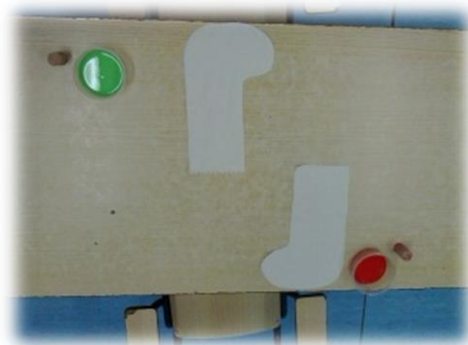
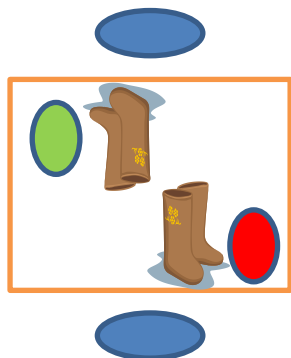


Ilustração 6- Disposição dos materiais

Decidi, nesta atividade descrever o que cada criança tinha feito e como o tinha feito, pois como já as conhecia um pouco melhor pude constatar que à semelhança do dia a dia na escola, também as suas frustrações, sentimentos e personalidade se refletem na tarefa. Também os nomes das crianças foram substituídos por uma letra.

O B. pintou alegremente e com satisfação, rolando e utilizando a rolha de todas as formas e feitios.

O D. como estava adoentado e mal-humorado começou por pintar com a tinta verde e depois quando fi para tocar de tinta disse que já não queria trabalhar, foi incentivado mas mesmo assim não quis continuar e nem eu nem o educador insistimos.

A M. trabalhou sem problemas mas como sua característica ficou muito incomodada com a tinta nas mãos e no bibe protector. Disse-lhe que não fazia mal mas apesar destas conversas ela estava muito constrangida e disse que não queria fazer mais, contudo fez um trabalho interessantíssimo utilizando de várias formas a rolha.

A Ma. Estava ansiosa para começar a pintar, arregaçou as mangas e meteu a mão na tinta, tintando a rolha, as mãos e a bota. Tive de esfriar um pouco a Ma. Pois a

bota estava a ficar ensopada em tinta. Ela foi das crianças que senti que mais gostou de realizar esta atividade, não queria sair, queria fazer sempre mais um risco.

O LA. a início estava a medo e parecia não querer realizar a tarefa, nem sujar as mãos com a tinta, mas aos pouco foi-se libertando e foi fazendo marcas interessantes na bota. À semelhança da Ma. Também colocou muita tinta no trabalho, expliquei-lhe que não podia pôr muita tinta pois ficava muito pesada, mas os decalques ficaram muito originais.

O R., e sendo das crianças mais novas da sala, não se interessou tanto pelo trabalho a fazer na bota, mas sim em experimentar a tinta na sua boca. Alternava a sua experiencia entre o colocar a rolha na boca e depois na bota.

A LE. que sempre se mostrou incomodada por ter sido retirada da sua brincadeira para fazer aquele trabalho. Depois, aos poucos, foi-se interessando pela atividade e fez várias experiencias com a rolha, pintava inclusive a mesa com bastante veemência. No final ficou incomodada por ter de sair para retornar à brincadeira.

A I. quando foi chamada para vir trabalhar ficou muito entusiasmada, o que não é seu apanágio, e isso desde logo me deixou bastante satisfeita. Pegou bem nas rolhas e parecia saber exatamente o que era pretendido que fizesse, fez desenhos interessantes do ponto de vista artístico, deixou cair tinta às gotas, fazia caminhos com tinta, decalques e carimbos.

A LI. foi até agora a única que soube dizer que aquilo era uma rolha e sabia que se colocava dentro de uma garrafa, também foi a única que descobriu que podia deixar um rasto de tinta na bota.

A última menina foi a Diana que como sempre é muito envergonhada e acanhada. Não mostrou muito entusiasmo e aparentemente ficava sempre apreensiva quando tinha de colocar a mão e respectiva rolha dentro da tinta, não se queria sujar. Quando não quis disse que já não queria mais e fui lavá-la. (nota de campo 26 de Novembro de 2012)

Não tendo sido possível terminar esta atividade com todas as crianças no dia seguinte procedeu-se à sua finalização.

O primeiro menino a realizar a bota foi o Tomás, que como sempre foi bastante desembaraçado e sempre pronto para trabalhar. Fez bem o trabalho, utilizando bem o espaço do tecido e explorando de todas as formas possíveis a rolha em cima do mesmo, nunca foi preciso sugerir nada, tudo lhe surgia naturalmente, senti que ele estava a gostar bastante de realizar esta atividade, e sendo o assim pode ficar mais um pouco.

O Simão desde o início se mostrou mais interessado na tinta do que no trabalho, com tal e pode ser visível na sua bota, não está muito pintada. Deixei-o explorar à vontade a rolha e a tinta a escorrer desta. Via-se na cara dele a alegria quando a tinta escorrida e caía na taça, ficou apenas um pouco aborrecido quando tivemos de trocar a tinta. Terminou rapidamente a tarefa e como ainda não verbaliza percebi que queria sair.

O último a fazer a bota foi o gémeo Gonçalo, que passou o tempo todo a tentar colocar a rolha na boca, o seu interesse cingisse apenas à tinta. Ela queria à viva força experimentar o sabor da tinta, ria-se quando lhe dizíamos para tirar da boca, mas tentava sempre comê-la. Este menino interessou-se por empilhar as rolhas e depois desenhava com elas assim.

Apercebi-me neste trabalho das diferentes fases de desenvolvimento das crianças, foi importante pois tenho assim mais atenção com os objectivos e competências a atingir.

Enquanto os meninos dormiam cortei as rolhas para fazer as renas e as árvores de natal que irão enfeitar as botas e sala respectivamente.(Nota de campo 29 de Novembro de 2012)

Nesta atividade e em forma de balanço posso depreender que as crianças tiveram menos dificuldade em “mexer” neste objeto pois já se sentiam relacionados com ele.



Ilustração 7- Atividade das rolas 1



Ilustração 8 – Atividade das rolas 2



Ilustração 9 - Atividade das rolhas 3



Ilustração 10 - Resultado final das atividades das botas

Nesta terceira tarefa os meninos eram livre de pintarem como quisessem os rolos de papel higiênico, fazendo com eles as pinturas que desejassem.

*Eles misturaram, pintaram com as mãos, alguns com os narizes e não **foi imposta qualquer reserva nesta pintura**. Estavam contentíssimos por poderem pintarem como quisessem, olhavam para mim cada vez que se sujavam, e eu disse-lhes que **estava tudo bem**, que estavam protegidos pelos babetes e que podiam **trabalhar à vontade**. (Nota de campo 12 de Dezembro de 2012)*

Na minha opinião a árvore ficou muito engraçada, diferente do habitual. Cada menino pintou um rolo da sua maneira como descrevi nas reflexões anteriores.

Depois a coordenadora decorou o placard com frases e letras alusivas ao tema natalício.

Quando terminei esta tarefas, mais uma vez, consegui entender que quanto mais oportunidades são dadas às crianças de explorarem, manipularem, criarem, mais facilidade eles têm de relacionar com os objetos e fazer com que os mesmos passem a fazer parte do seu dia a dia artístico.





Ilustração 11 - Pintura com os rolos de papel higiênico



Ilustração 12 - Trabalho final afixado

Também o segundo contexto de estágio foi algo de intervenção, embora não sentisse a mesma necessidade de intervir como no primeiro contexto, senti necessidade de realizar um projeto, pois é com esta metodologia que a educadora trabalha. Gostaria de realçar que irei destacar os objetos do quotidiano numa cor mais forte.

Importa aqui referir que depois de muito debatidas as ideias, sugestões e metodologia consegui, juntamente com sugestões da educadora elaborar um projeto onde além do meu tema (objetos do quotidiano) estivessem as restantes áreas de conteúdo. Portanto foi questão de começar a planear com eles as ideias, saber quem queria integrar o projeto e por mãos à obra, de seguida está a teia que resultou desse debate de ideias com as crianças.

Quando entramos nesta sala podemos desde logo observar a variedade de materiais existentes, uns comprados, outros construídos pela educadora e ainda outros trazidos pelas crianças.

Ao observar a planta da sala conseguimos perceber que existem duas áreas distintas, contíguas à sala que se caracterizam como sendo a zona das pinturas e a outra de construções.

Na primeira as crianças têm à sua disposição matérias de pintura, e são livres de o fazerem da forma que acharem melhor, muito embora tenham de ter sempre em atenção a higiene pessoal.

Na segunda área é possível ver uma complexidade e diversidade de materiais, e este aspeto chamou-me logo a atenção, ainda para mais sabendo qual a minha problemática.

Numa das minhas reuniões com a educadora cooperante , consegui começar a entreter a importância de uma boa organização do material *Quando organizo o material estou a transmitir conteúdos, formação pessoal e social (quando se expõe), eles têm de ir fazendo, são várias as fases do projeto e só termina na exposição e todas as fases são importantes. Silva et al. (1997:38)*(Reflexão cooperada de 15 de Maio 2013)

E de fato é bastante visível a preocupação com a organização do material, aqui apenas irei cingir-me aos materiais de expressão artística pois é nesse tema em que estou a realizar a minha investigação ação.



Ilustração 13 - zona das pinturas 1 Ilustração 14 - zona das colagens e construções



Ilustração 15 - zona das pinturas 2

Foi com bastante agrado que integrei este estágio, e em especial com esta educadora, pessoa em que desde cedo aprendi a confiar. Ter chegado a um contexto onde se preconiza aquilo em que acredito foi um benefício tremendo.

Não vou dizer que foi difícil interiorizar esta metodologia, mas depois que a percebemos já não faz sentido de outra forma. Nesta metodologia tudo deve estar interligado, como tal, nunca conseguirei dissociar a minha intervenção sem enumerar as restantes áreas de contudo.

De seguida e, depois de ter demonstrado como se iniciou o projeto, irei descrever as diferentes fases do mesmo, recorrendo sempre que possível quer às minhas notas de campo, fotografias ou mesmo reflexões com a educadora.

Os principais objetivos deste projecto são o estimular os hábitos de pesquisa através do uso do computador, a exploração de diferentes técnicas de expressão plástica, mais concretamente a exploração de diferentes materiais, sendo os de desgaste e os de uso quotidiano os que deverão prevalecer.

Também se pretende que as crianças consigam funcionar/trabalhar num ambiente onde a aprendizagem seja o mais propícia possível, onde todos possam participar livremente sem serem criticados pelas suas realizações.

Depois de ter mostrado algumas obras da Joana Vasconcelos (J.V) às crianças, duas disseram logo que seria interessante realizar um projeto sobre esta artista (as crianças já estão desperta para este tipo de trabalho, e existe sempre alguma que sugere um projeto). A seguir está a conversa de inicio do projeto da J.V.

Hoje pude começar a conversa do tapete. Como já havia planeado com a T. falei sobre a artista plástica Joana Vasconcelos, mostrei imagens aos meninos , falamos sobre elas, do que eram feitas. Todos os meninos viram as imagens nas suas mãos.

Maximus - podíamos fazer uns desenhos parecidos com estes.

T- mas podíamos fazer mais

Ana Lúcia – uma obra de arte!

T- quem teve a ideia que vá colocar na casa das ideias e comece a planificar como de certeza que fez a Joana V. Sabem que nem de propósito tenho no meu computado umas imagens desta artista, alguns vídeos e ideias. Mas não é hoje. Podem fingir que são a Joana... Fica então decidido que alguém faz a ideia para colocar na casa-

Daniela – o que tenho de escrever?

T- a Daniela fez uma pergunta. O que é que ela tem de escrever?

David – eu acho que ela tem de fazer...

Eduardo – todos podíamos planificar o projecto da Vasconcelos.

T- planificar o projecto da Joana? (Nota de campo 12 de Março de 2013)



Ilustração 16 - Escrita do título e nomes das crianças que integram cada grupo de trabalho do projeto



Ilustração 17 - Teia realizada com as crianças

Pedi depois a cada criança que escolhesse uma das obras como símbolo do seu grupo, ficou então o grupo do helicóptero e do gelado.

Quando todos estavam inscritos reuni com cada grupo de trabalho, ou seja, quem decidiu estudar, construir, etc... lancei-lhes algumas questões/sugestões que os ajudaram a fazer o trabalho, saber o que pretendiam e como o queriam fazer é uma das principais características desta metodologia de projeto.

Para a realização deste projecto todas as áreas (orientações curriculares para a educação pré escolar, 1997) estão de certa forma presentes, contudo algumas deles tomaram uma maior relevância devido às ideias que foram surgindo por parte das crianças, sendo elas a expressão e comunicação, expressões plástica, conhecimento do Mundo e formação pessoal e social.

Em casa e depois de observar as várias situações que decorreram nas conversas das crianças, delinieei para mim o meu projeto de intervenção.

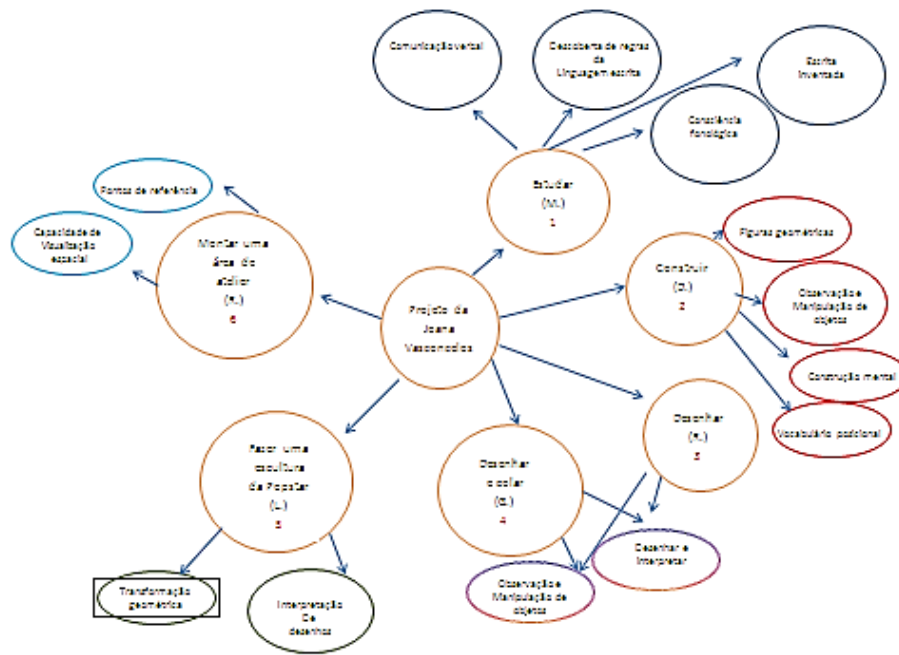


Ilustração 18 - Teia construída por mim de acordo com as escolhas das crianças (pouco perceptível. Mais detalhada no final do relatório.

Foi fundamental elaborar um conjunto de questões que iriam servir de base á minha intervenção.

Para o grupo do estudar irei lançar perguntas tais como:

- Onde vamos pesquisar?
- Onde vou registar essa informação?
- Quem regista a informação?

Para o grupo de construir as perguntas serão:

- Quem vai construir?
- Que material vai usar?
- Onde o vai montar?
- De onde surgiu a ideia da escultura?
- Onde vai registar os materiais que vai usar?
- Onde irá desenhar um esboço da escultura que quer realizar?

Para o grupo do montar uma área de atelier

- Qual o espaço onde irá ficar o atelier?
- Qual a função desse espaço?
- Quem poderá usar esse atelier? Apenas os meninos do projeto?
- Quem irá ficar responsável pela limpeza/arrumação desse espaço?

Para o grupo de desenhar:

- O que querem desenhar?
- Onde vão desenhar?
- Quais os materiais que vão utilizar?

Para o grupo de desenhar e colar:

- O que querem desenhar?
- Onde vão desenhar?
- Quais os materiais que vão utilizar?
- Que materiais vão usar para colar?

Para o grupo fazer uma escultura Popstar:

- Vão ver imagens de referência?
- Quem vai construir?
- Que material vai usar?
- Onde o vai montar?
- De onde surgiu a ideia da escultura?
- Onde vai registar os materiais que vai usar?
- Onde irá desenhar um esboço da escultura que quer realizar?

Como referi, não posso fazer apenas alusão á minha temática pois todos os conceitos estão interligados, e não fazem sentido uns sem os outros.

Com dois meninos do projecto da V.J. fui pra o computador pesquisar sobre a escultura, sentei-me com eles e disse-lhes que antes de começar a pesquisar deviam saber

o que querem pesquisar, então perguntei-lhes o que queriam saber sobre a Joana Vasconcelos.

Catarina- Meninos o que querem saber sobre a J. V.?

M.- eu gostava de saber como é que ela é.

Fomos para uma mesa e as crianças começaram a fazer perguntas que queriam colocar a folha para depois descobrirem.

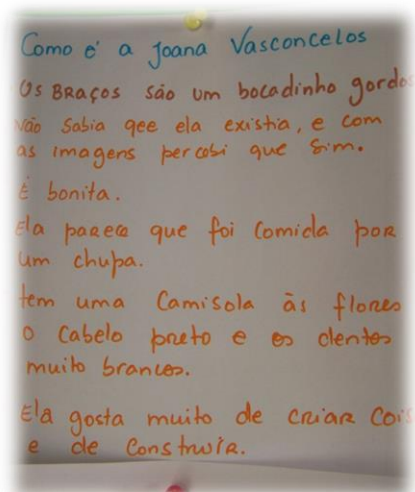
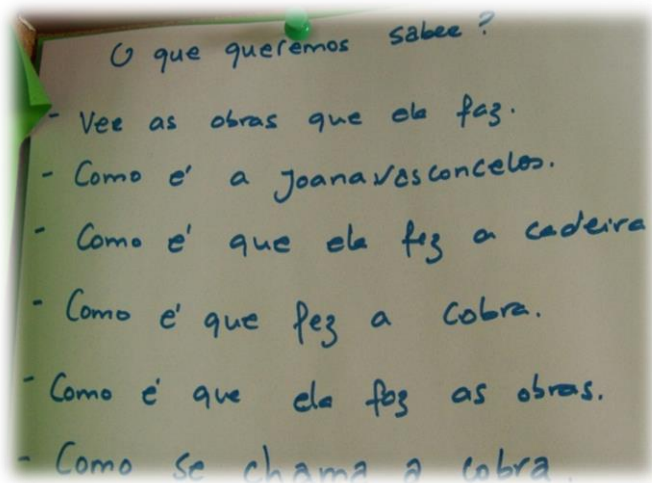


Ilustração 19 - placard com perguntas acerca do projeto

Esta imagem foi escolhida pelas crianças no site da J.V. e foi impressa e eles realizaram a folha de estudo sobre esta imagem.



Ilustração 20 - Imagem escolhida pelas crianças

Depois de completas as folhas de estudo estas foram afixadas na parede, em sitio escolhido por elas com o titulo “ As crianças descreveram a Joana Vasconcelos”

Nesta folha estavam presentes a imagem que seleccionaram, e o que tinham aprendido com aquele estudo.

Entretanto algumas crianças quiseram começar a pesquisar sobre as suas obras preferidas.

D. – Eu não sei como é que ela fez a cobra e a cadeira.

(Fui escrevendo num papel as informações que tinham de pesquisar. Numa tira de papel escrevi Joana Vasconcelos e dei a tira a um dos meninos e o outro à medida que vai escrevendo na barra de pesquisa vai fazendo um círculo à volta da letra escrita.)



Catarina – M., abre a internet e escreve estas palavras, depois no fim carregas no Enter (importa referir que estas crianças já conhecem bem esta tecla).

(O M. fez o que lhe é pedido à medida que ele vai escrevendo circunda as letras, no final aparece uma série de informações, disse-lhe para escolher um site fidedigno o site da Joana Vasconcelos, dentro deste site são várias as opções que as crianças podem escolher, pedi-lhes que descobrissem por elas próprias as informações que quiseram retirar, depois pedi-lhes que fizessem um Copy Past (expliquei-lhes primeiro) numa folha de word onde iriam colar as imagens que retiraram do site.



Depois imprimiram e foram para uma mesa com a folha de “estudo”.)

Um dos pontos a salientar nesta pesquisa prende-se com o fato de ter surgido um problema com a pesquisa de uma palavra, os meninos como queriam saber como é que

tinha sido feito a cobra, foram ao site da J.V. e escreveram numa linha de pesquisa própria “COBRA” mas não aparecia nada.

Então fui com eles junto ao placard onde estava a imagem da cobra e o título da escultura, chagaram à conclusão que afinal não era cobra o nome da escultura mas sim “SUCURI” então escrevi numa tira de papel a palavra e disse-lhes para pesquisarem com essa palavra. Assim já resultou.



Ilustração 21 - Imagem da sucuri

O E. no fim quis colocar essa tira por baixo da imagem da cobra porque disse que assim quem quisesse podia ficar a saber, expliquei-lhe que o nome já lá estava e sublinhei-o, deixei na mesma a tira por baixo do nome.

Achei curioso que à medida que o tempo ia passando mais meninos se iam juntando ao grupo, a R., o R., A. quiseram integrar o trabalho, foram buscar uma folha e o M. explicou-lhes as fotografias, com as tinham obtido e o que queriam dizer. Cada um escolheu o que queria desenhar sobre o que tinha aprendido, achei curioso que todos eles escolheram a fotografia da J.V. que está de braços abertos à frente de um círculo de malhas

Uma das crianças que foi ao computador foi o D. que disse que gostava de fazer a obra “flores do meu desejo”, mas que não sabia bem como é que era. computador, escrevi numa site da J.V. O G. esteve a escrevendo a letra o colega que não se perdessem e a adquirir algumas



Ajudei-o a procurar no tira e ele foi escrevendo no ajudá-lo e à medida que ia circundava a letra, para também para começarem questões ligadas à escrita.

Ilustração 22 - Pesquisa computador

feita pelos alunos no

O D. copiou com a minha ajuda a imagem para um documento para imprimir. Ele desenhou e copiou a palavra “FLORES DO MEU DESEJO “ na folha de registo.

Numa outra vez as crianças foram ao computador onde desta vez quiseram pesquisar mais sobre o helicóptero. Mas quando estava a explorar o site da Joana Vasconcelos descobriram outras obras que os encantaram, ajudei-os a copiar aquelas imagens para que as pudessem imprimir e depois fazerem o trabalho que quisessem com elas. Também foi importante saberem que com a minha ajuda podiam tentar descobrir o que quisessem, escrevia a tira de papel e eles escreviam no computador.

Depois de conversar com eles fiz a ficha de registo da construção/quadro. No cabeçalho tinham de escrever o que iriam construir, depois escolher os materiais que tinham de usar, desenhá-los e no fim colocar o nome e a data.

Tento um menino como o outro realizaram o registo, embora o M., devido ao fato de se encontrar numa fase do desenvolvimento mais avançada conseguir fazer um registo mais completo.

Durante o intervalo da manhã achei que devia fazer um registo mais formal, ou seja, aproveitar este registo para outras situações, fiz o documento e depois cortei e colei o que tinham feito na folha nova. Ficou para terminarem na parte da tarde.

Depois do almoço a L. veio pedir-me se podia fazer um dos quadros da J.V. disse-me que sim, perguntou se também podia pedir ajuda à R..

Pedi-lhes que antes de mais fossem buscar a folha da construção, pois precisavam de registar o nome da construção, o material que iam precisar e também a imagem que queriam fazer.

Assim fizeram, mas como não sabiam o nome fomos à internet pesquisar, descobriram que se chamava “Consumo” pois a composição da J.V. entre outros materiais restos de embalagens coladas. apelando assim para o consumo desenfreados das pessoas.

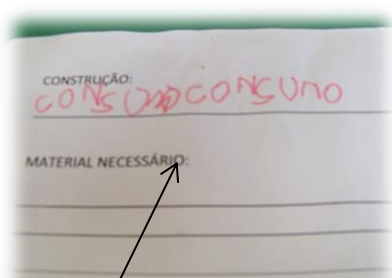


Ilustração 23 - Escrita do título

Escrevi-lhes na folha da imagem o nome da mesma, depois disse-lhes que copiassem para a folha de estudo o título, mas além de terem escrito a caneta, escreveram sem atenção. Disse-lhes que fossem buscar outra folha e que escrevessem a lápis de carvão. Depois os materiais que já tinham ido buscar

Depois escrevi com as minhas palavras por baixo.

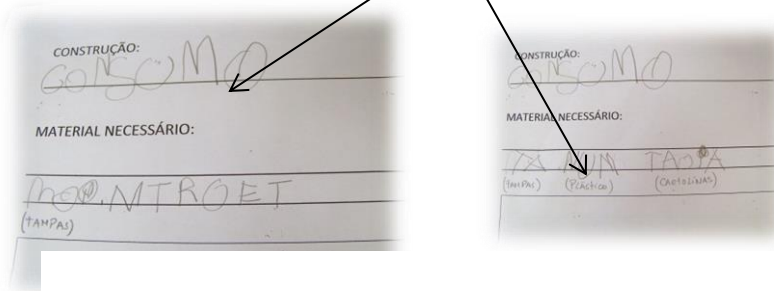


Ilustração 24 - Escrita das crianças na folha de

No final **construção**

desenharam a

que no amanhã iriam



imagem

construir.

Ilustração 25 - Desenho da construção

Todos eles fizeram comigo o que aprenderam, 1º escreveram à maneira delas e depois fiz a tradução, escreveram o título e a fonte de informação.

Todos afixaram no placard destinado ao projecto da J. V os seus trabalhos. (Nota de campo 20 de Março 2013)

Na segunda-feira o dia iniciou-se com uma conversa da Teresa com as crianças acerca do que se tinha passado no fim de semana.

De entre as várias novidades, devo salientar a de uma menina que referiu que tinha ido visitar a exposição da Joana Vasconcelos no palácio da ajuda.

Como foi de esperar as restantes crianças ficaram entusiasmadas com a conversa e fizeram imensas perguntas, enquanto ela respondia, sentiu necessidade de ir ao placard onde temos as imagens e ir mostrando à medida que falava delas.

Depois de termos esta conversa a Teresa sugeriu à Rita que fizesse uma pequena apresentação a quem quisesse saber mais sobre a visita dela. Esta opção é sem dúvida a melhor pois permite às crianças que estão interessadas em ouvir saber mais e aqueles que ainda não estão preparados para ouvir fazerem outras coisas.



Ilustração 26 - Conversa da criança acerca da visita à exposição da Joana Vasconcelos

Fui para a mesa com a Ana Lúcia e Eduardo. Eles escolheram a escultura que queriam construir do projecto da J.V. O Eduardo escolheu a cobra e a Ana Lúcia escolheu a tijela

Entretanto o Maximus começou a escolher o material que iria precisar para fazer o gelado (já tinha feito o registo do estudo na semana passada)



Ilustração 27 - Início da escolha do material para a construção do gelado

Começou a desenhar sozinho, pedi-lhe que de um lado da folha desenhasse o material e que do outro lado escrevesse “como soubesse” o nome desse material. Ele começou por escrever ferro, bola e bolinhas.

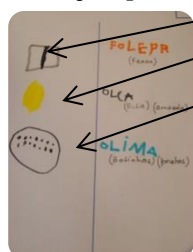
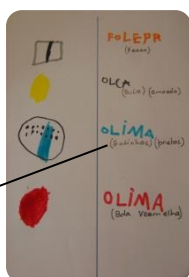


Ilustração 28 - Escrita dos materiais 1

Depressa percebeu que não precisava apenas de uma bola mas sim de mais 3, pois o gelado no total tem 4 bolas, como tal desenhou nesta folha a bola vermelha e na segunda as restantes bolas e material



Pedi-lhe depois que me dissesse como tinha escrito as palavras, explicou-me que ferro é “FOLEPA”, bola é “OLCA” e bolinha é “OLIMA”.

Ilustração 29 - Escrita dos materiais 2

Com esta escrita pude retirar algumas conclusões: 1ª que ele já consegue escrever pensando silabicamente, ou seja, percebe a primeira ou ultima letra da silaba, também conseguiu perceber que a palavra ferro começa com o som F, e por último o tamanho das palavras, por exemplo sabe que bola é uma palavra mais pequena que bolinha. Um outro aspeto a referir prende-se com o sentido de número, quantidade e passar do abstracto para o concreto. Como a folha de registo não continha um lugar para colocar as quantidades fiz um pequeno quadrado à mão onde ele teria de escrever a quantidade que achava ser necessária para a construção do gelado.

Sem ajuda, e depois de terminar mostrou-me e explicou-me .

Consegui perceber que ele já relaciona muito bem a quantidade com o número, sabe que existem grande e pequenas quantidades olhando para a imagem ele soube escrever que iria apenas precisar de uma bola de cada cor, mas para as pretas teriam de ser mais. Pedi-lhe que reunisse o material para começarmos.

*Como a parte da estrutura á um pouco complicada e exige alguma destreza manual ajudei-o a fazer parte do cone que será preenchida por ele, este foi construído com bocados de **fio** que o Maximus trouxe de casa.*



Ilustração 30 - Construção do cone do gelado

Entretanto o Maximus começou a decorar as bolas, e percebeu que não existiam as cores que ele queria, mas rapidamente mudou-as sem problema nenhum.

*Como tal decorou as **bolas de algodão**, que tinha trazido de casa, rosa e amarelo. Descobriu que lhe faltavam algodões, disse-lhe que não se preocupasse pois durante o almoço iria comprar mais. Depois escolheu as **tampas** de garrafas para decorar uma das bolas, quando fui de novo ao pé dele este era o resultado. Disse-me que iria terminar na parte da tarde. (Nota de campo 16 de Abril 2013)*



Ilustração 31 - Construção das bolas do gelado

Depois tive com a Rita uma pequena conversa acerca do que queria fazer, essa entrevista está afixada no placard. Nesta conversa falamos sobre a peça, os materiais e de como iria realizar a pintura.



Decidimos que não podia fazer toda a pintura pois seria demasiado elaborado e talvez um pouco difícil de concretizar. Como tal, pedi-lhe que escolhesse uma parte da pintura, depois de escolhido fomos ampliar essa parte no computador.

Ilustração 32 - Imagem seleccionada

Quando foi altura de passar á parte prática descobri que não existiam folhas de acetato na sala e quando fui perguntar à Teresa se não havia ela disse-me que devia ter tido esse aspeto em linha de conta antes de começar a realizar um projeto. Não devemos nunca contar que existem os materiais na sala, devemos sempre antecipar os acontecimentos.



Ilustração 33 - Recorte da imagem seleccionada

Ao mesmo tempo tinha pedido à Matilde que fizesse de novo o sapo visto que o primeiro que havia feito em barro não tinha resultado porque existiam muitas partes e estas descolaram-se com facilidade. Ela realizou esta tarefa com maior facilidade até porque este material também já lhe é mais familiar, a plasticina.



Terminou rapidamente a construção e pediu-lhe lá para imitar o crochet, sozinha cortou, colou e o resultado foi espantoso, embora ainda não esteja terminado nota-se que investiu bastante neste trabalho. (nota de campo 24 de Abril 2013)

Ilustração 34 - Trabalho final, o sapo



Quando regressamos do intervalo as crianças puderam até à hora do almoço explorar o site da J.V. fizeram-no sentados a ver as imagens projetadas pelo data show. Além de verem reportagens onde a artista explicava como tinha feito algumas obras, escolheram aquelas que queriam ver em pormenor.

Ilustração 35 - Crianças a visualizarem o site da Joana Vasconcelos 1

As crianças vivenciaram este momento com muita vivacidade, mas sem dúvida que quem se destacou foi a menina que já lá tinha ido, parecia que estava dentro das

obras, sabia explica-las e descreve-las muito bem. Estamos a tentar conseguir o autocarro para as crianças possam visitar este museu, mas sabemos que vai ser difícil, pois com a contenção de custos vivida nos dias de hoje...

Depois da hora de almoço as crianças quiseram ver mais imagens e vídeos da J.V.

E assim foi durante quase a parte da tarde toda.

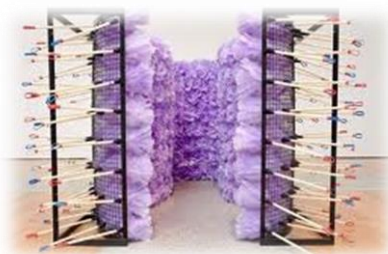


Quando achei que já estavam a ficar um pouco saturados e embora alguns quisessem continuar a ver achei por bem acabar com a atividade prometendo que sempre que podermos fazemos mais. (Nota de campo 17 de Abril 2013)

Ilustração 36 - crianças a visualizarem o site da joana Vasconcelos 2

Uma das peças que nunca tinha sido vista foi a dos espanadores, resolvi parar a imagem logo no início do vídeo para que eles tentassem descobrir o que poderia ser.

Foram inumeras as respostas: fósforos, paus, ferros, cabos, chicotes, mas o Daniel disse que parecia uma



coisa para limpar o pó.

Chamei a tenção dos colegas para o que ele tinha dito e todos quiseram ver o resto do vídeo.

Ilustração 37 - Pormenores da peça " Flores do meu desejo"

O Daniel começou a construir esta escultura, pedi-lhe que cortasse ao meio uma caixa de cartão para a estrutura. Apesar de saber que era uma tarefa um pouco difícil, sei que para esta criança este tipo de tarefas são importantes, ele precisa de ter uma tarefa que não só demore bastante tempo, como gosta de a fazer longe dos colegas e quando está cansado consegue vir ter connosco e dizer que já está farto.



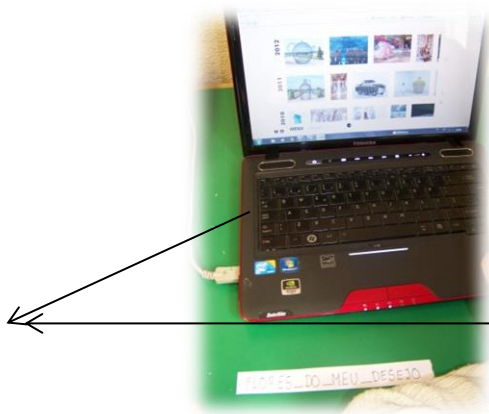
Ilustração 38 - Pintura da caixa

Disse-lhe que devia pintar, mas antes preparar o espaço e aventais. Como ele tem algumas dificuldades motoras, percebi, e depois de ter sido alertada pela educadora, que da próxima vez devia ter mais cuidado com a preparação dos materiais pois como ele não tem muita destreza manual pintou-se todo. E como existem alguns pais que não gostam de os ir buscar e ver que estão todos sujos devemos ter esse aspeto em linha de conta. (Nota de campo 16 de Abril 2013)



Ilustração 39 - Ficha de estudo sobre a peça

Fui para a mesa com o Rúdi e a Matilde para continuarmos o trabalho das construções, o sapo e cadeira respetivamente.



Entretanto o Daniel disse que gostava de fazer a obra “flores do meu desejo”, mas que não sabia bem como é que era. Ajudei-o a procurar no computador, escrevi numa tira e ele foi escrevendo no site da J.V. imprimimos a imagem e ele foi para a mesa fazer a ficha de estudar. Desenhou e copiou a palavra “FLORES DO MEU DESEJO “ na folha de registo.

Ilustração 40 - Pesquisa no computador sobre a peça

Depois já tinha combinado com a Teresa que iria fazer com as crianças um trabalho relacionado com o registo da sequência do trabalho de cada um relativamente ao projeto da J.V. esta ficha tinha sido vista pela educadora que depois de fazer algumas alterações disse que estava bem. Sentei-me com a Rita e o Eduardo, a ficha estava dividida em 6 partes e estas estavam numeradas. Pedi-lhes que se tentassem lembrar da sequência do trabalho.

A Rita decidiu colocar em cada um dos quadrados as partes que fez ao longo deste processo. O Eduardo quando viu a Rita a fazer resolveu que também queria fazer assim.

Depois de desenharem as fases do trabalho, e já tendo pensado que hoje era o dia da geometria e medida, mais concretamente construção, foi importante esta sequencia pois permitiu que eles se lembrassem do que tinham construído para depois registar no papel.

Mais uma vez e nunca nos esquecendo que qualquer atividade serve para introduzir/ relembrar conteúdos, pedi-lhes que escrevessem o que tinham desenhado, descrevessem por palavras o que tinham desenhado, nunca se podiam esquecer dos números da sequência.

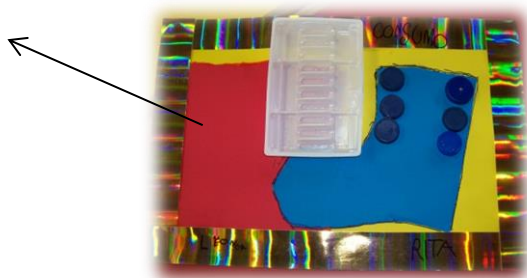


Ilustração 41 - Realização da ficha das diferentes fases da construção

Depois escrevi de novo por baixo em linguagem de adultos mas dito pela boca deles, entretanto disse-lhes que fossem buscar a caixa das figuras geométricas pois iríamos tentar descobrir quais as que assemelhavam aos desenhos deles.

Desenharam a figura que achavam estar na base do desenho, depois pedi-lhes que noutra folha de linhas escrevessem porque é que lhes fazia lembrar aquela figura.

Resolvi contornar as palavras onde estavam escritas as figuras e depois de lhes dizer quais as cores que correspondiam a cada figura eles teriam de colocar essas mesmas palavras por baixo das figuras desenhadas. (Nota de campo de 17 de Abril 2013)



*Comecei por chamar a Rita e a Leonor para terminarem o trabalho inspirado na J.V. este trabalho foi realizado usando **tampas, plásticos**, e cartolinas*

Propus que escolhessem uma moldura com as tiras que estava na sala, depois pedi-lhes que escrevessem o nome da obra e as autoras.

Ilustração 42 - Peça final, o consumo

Depois realizei com elas as fichas sobre a construção, primeiro tiveram de desenhar num lado da tabela os materiais que tinham utilizado e na outra parte da tabela a quantidade.

De seguida preencheram a folha da sequência dos acontecimentos, o que fizeram e por que ordem.



Estas meninas já tinham realizado uma ficha destas quando fizeram uma obra anterior, pelo que não foi preciso

estar com elas para realização da mesma.

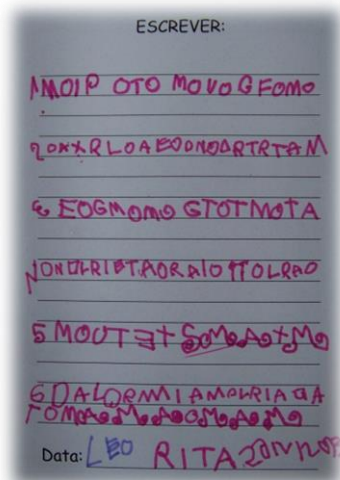


Ilustração 43 - Escrita na folha das diferentes fases de construção

Depois pedi-lhes que descrevessem o que tinham desenhado em cada uma dos quadrados da sequência. Alertei-as para não se esquecerem de colocar o nº no início da frase.

Pedi ao Daniel que fosse organizar o seu material, depois perguntei-lhe se precisava de ajuda, e ele disse que queria chamar alguns amigos. O Hugo ofereceu-se mas o Daniel disse que não queria, fui falar com ele e expliquei-lhe que devemos aceitar a ajuda dos amigos quando eles o fazem.

No caso do Daniel, mais do que a tarefa em si é o que está subente, ou seja, neste caso é importante o relacionamento interpessoal, o convívio e a interajuda. Parta o Daniel é importante ter estes aspetos como objetivos, mais do que apenas o do final do projeto.

As crianças iam colocando as **palhinhas** e respectivas penas na rede, foi interessante ver que no início eram apenas 3 e no final já eram 6, quem chegava ia

recebendo instruções do que já lá estavam, durante o dia as crianças iam saindo e entrando conforme queriam e o material também ia mudando de posições conforme o nº de crianças a participar.

Este trabalho como já foi referido mais do que o objetivo final, teve como objetivos subjacentes a partilha dos espaços...mas a motricidade fina também foi importante trabalhar pois eles tinham de se esforçar para conseguirem colocar a palhinha dentro do buraco da rede.

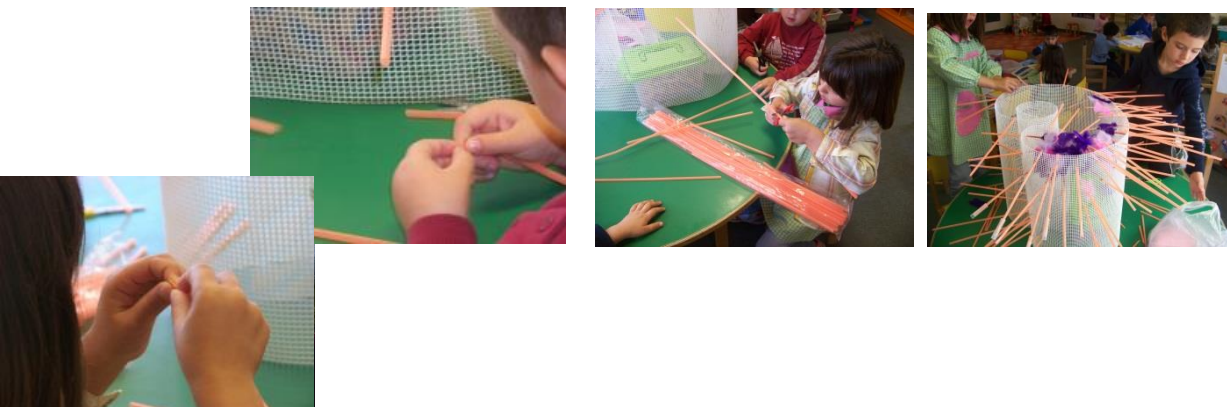
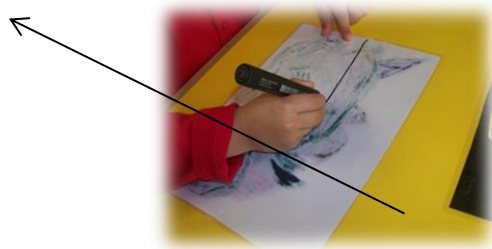


Ilustração 44 - Corte e montagem das palhinhas na rede



Entretanto o Eduardo (ele tinha-me pedido ontem para plastificar o puzzle dele em casa, pois queria que os colegas pudessem fazer a cobra dele) ia começar a cortar o puzzle, mas antes que o fizesse sentei-me com ele e expliquei-lhe que tinha de ter cuidado com a quantidade de pedaços em que ia cortar. Decidiu que ia cortar em 4 partes.

Ilustração 45 - Divisão do puzzle em 4 partes

Disse-lhe que seria melhor desenhar para que depois ao cortar ficassem direitas. Assim ele decidiu virar folha e desenhar as linhas antes de cortar. Pediu-me que fosse buscar uma mica para colocar o puzzle assim como o nome da peça.

Também expusemos o mapa da casa da cobra que também tinha sido pedido para plastificar. (Nota de campo de 13 de Maio de 2013)

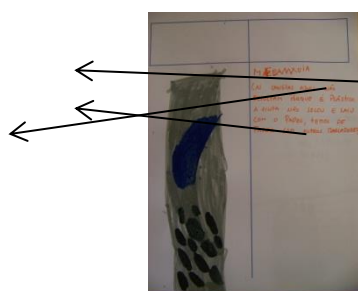


Ilustração 46 - Trabalho plastificado e afixado

Sentei-me com o Maximus pois na semana passada tinha-lhe dito que era importante ele terminar a escultura da J.V. e como ele tinha dito que se pusesse fita-cola a estrutura ficaria firme disse-lhe para experimentar. Primeiro pedi-lhe que fosse buscar a folha de investigação, pois seria interessante ficar registado os processos pelos quais iria passar (ele ainda não sabia disso, mas eu já).



Ilustração 47 – 1ª Tentativa de colagem das cápsulas de café na base do cone



O Maximus tentou segurar as cápsulas de café com fita-cola mas não resultou, registou e escreveu o tinha acontecido, depois escrevi em escrita de adultos (este processo decorreu ao longo de todas as fases).

Ilustração 48 - Registo da tentativa de colagem



*Quando viu que não resultava com a fita-cola, disse-lhe que podia ir à zona da colagem tridimensional e tentar descobrir o que poderia servir para o cone. Trouxe uma **caixa de plástico**. Primeiro tentou colocar a estrutura dentro da caixa mas disse que não cabia e que elas estavam a desmanchar-se. No final caíram todas dentro da caixa. O Maximus registou.*

Ilustração 49 - 2ª tentativa de colagem

De seguida disse que a caixa poderia ser o cone, mas tinha de ser pintada pois o cone da J.V. era preto. Foi buscar as canetas de feltro e começou a pintar, descobriu que a tinta ficava toda borrada na caixa de plástico. Registou esta experiência.



Ilustração 50 - Registo da 2ª tentativa de colagem

Depois pediu-me as canetas de acetato e começou a pintar, disse logo que resultava, mas passado um pouco disse que ia demorar muito tempo, também registou esta fase.

Já no final disse que podia forrar a caixa com um papel autocolante branco e depois pintava com as tintas de pincel. Disse que era uma excelente ideia, mas também lhe disse que existe na sala autocolante preto.

Foi comigo à outra sala buscar e recortou sozinho, forrou e fez os acabamentos como quis.



Ilustração 51 - 3ª tentativa de colagem

No dia anterior tinha dito ao Eduardo que ele devia tentar fazer uma cobra, já que a 1ª que havia feito, em barro, não tinha resultado porque quando a cauda da cobra dava a volta ele partia-se.

Então pediu ajuda a outra criança e foi para a zona da colagem tridimensional, perguntei se o colega sabia o que estava a fazer. Ele disse que sim.

Eduardo – eu disse-lhe que tinha de imaginar que era a J.V. e tentar construir uma sucure. Mas tínhamos de ter cuidado com a volta da cauda.

Deixei-os a construir e de vez em quando aproximava-me e perguntava se estava tudo bem. Estiveram a trabalhar até á hora de almoço.

Eduardo- sabes Catarina, não posso fazer assim, não consigo fazer a cauda, depois de almoço tenho de tentar com outros materiais.

Catarina - ok Eduardo, mas não te esqueças que tens de registar estes processos da construção para depois fazermos a avaliação está bem?

No final Entretanto fui ter com o Eduardo para que legendássemos a sua escultura inspirada na sucure da J.V. Esta construção foi feita com **caixas de ovos, plásticos, fitas e tubos.**(nota de campo 29 de Maio 2013)



Ilustração 52 - construção da sucuri com materiais trazidos pela criança



Ilustração 53 - Trabalho final, a sucuri

À tarde o Eduardo e o Maximus estiveram a finalizar o helicóptero da J.V. decidiram que para imitar as pedras preciosas podiam colar missangas douradas, de fato ficou lindo!

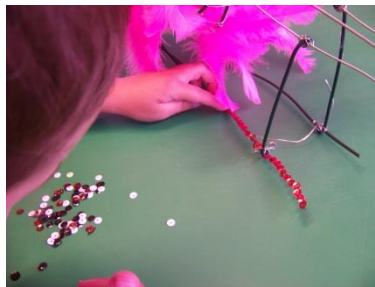


Ilustração 54 - Construção do helicóptero

A Rita quis fazer os sapatos da J.V. perguntei-lhe se sabia o nome da pessoa onde a artista se tinha ido inspirar. Fomos ao computador tentar descobrir o nome da obra e neste caso da Marilyn Monroe. Ele desenhou os sapatos na ficha de construção, depois quis imprimir a foto da cantora e depois fez a ficha de estudo sobre a cantora.

Construiu os sapatos com o material que havia decidido trazer de casa e que lhe fizesse lembrar aquela cor. A Rita trouxe esfregões e papel de alumínio



Ilustração 55 - Imagem retirada da internet para a criança saber que era Marilyn Monroe

Ilustração 56 - Folha de estudo acerca da Marilyn Monroe



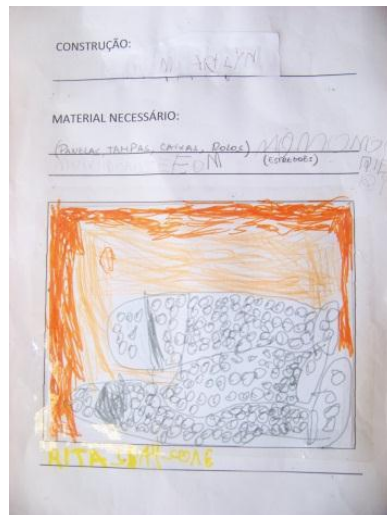


Ilustração 57 - Ficha de construção dos sapatos



Ilustração 58 - Trabalho final, os sapatos

No período da manhã estive a rever o placard da J.V. combinei com as crianças responsáveis pelas obras o local onde as queiram expor.



Ilustração 59 - Exposição do projeto acerca da Joana Vasconcelos

Desde cedo entendo que a avaliação desta intervenção deveria ser feita no decorrer da mesma, ou seja, durante as etapas ou pelo menos sempre que seja oportuno.

Penso que se for vendo com as crianças em que fase se encontra o processo será mais fácil a sua concretização, saber quais as dificuldades que vão surgindo, que questões podem ainda surgir que vão trazer mais informações ao projeto.

Esta fase do processo é sem dúvida das mais importantes pois permite a mim e aos alunos percebermos em que ponto estamos, o que já fizemos, o que temos de fazer e como conseguimos alcançar os objetivos.

A forma como foi feita a avaliação também contou com as crianças, ou seja, tentei sempre que possível criar fichas de avaliação com eles, ficando assim a perceber o que eles queriam avaliar, mas tendo sempre em atenção aos objetivos traçados por mim. Essencialmente os meninos tentaram responder questões tais como: O que aprendemos? O que mais gostamos? O que achamos mais difícil?

Embora tenha realizado mais um projeto relacionado com o meu relatório de investigação ação, penso que este que descrevi elucida o trabalho que foi construído. Importa também referir que me foi dada total liberdade para poder intervir nas alturas em que achasse mais pertinentes. Como tal não é possível nestas observações relatar a presença da educadora, pois fui eu quem ficou a trabalhar diretamente com as crianças envolvidas.

No entanto, não posso deixar de enaltecer o trabalho da educadora relativamente à expressão plástica. Como já foi dito, esta educadora só concebe as atividades artísticas em conjunto com as restantes e isso foi possível visionar nos primeiros dias de sala.

Relativamente aos materiais do uso diário, foi possível ver desde o primeiro dia o à vontade que estas crianças apresentam quando lhes são propostas atividades com estes materiais. Também estes estão sempre à disposição delas, sendo que a maior parte deste mesmo material é trazido por eles.

No meu caso fui introduzindo materiais que usava em minha casa diariamente, e assim que os comecei a levar também eles começaram a levar.

Foi muito interessante ver a interação das crianças com estes objetos, foi grande a admiração de algumas delas com o resultado final.

Até eu fiquei encantada com o resultado, excedeu as minhas expectativas, e mais uma vez o facto de me ter sido total liberdade me permitiu estar constantemente em contato com as crianças, perceber o que podia ou não resultar, quais as estratégias que estes usavam na resolução de problemas.

Em jeito de conclusão poderei dizer que alcancei os meus objetivos, consegui realizar um projeto na sua totalidade apenas usando materiais teriam à partida uma outra utilidade.

5. Considerações finais

Talvez deva ser pertinente começar por afirmar que esta investigação não pretende ter conclusões finais, pretende conduzir, representar os dados que recolhi como sendo isso mesmo, amostras, e nunca poderá representar o universo dos educadores. Pretende compreender a prática dos educadores relativamente ao uso de objetos do quotidiano como forma de potenciar a expressão plástica nas suas práticas.

Tendo em linha de conta as minhas principais intenções com este estudo, penso que terão sido oportunos os processos de recolha de informação inicialmente escolhidos por mim.

Através deles, mais concretamente da observação direta e participante terei conseguido “estar no terreno” e sentir os constrangimentos inerentes a esta profissão. Se no início, quando integrei os estágios conseguia tirar mais regularmente as notas, ao longo do tempo este aspeto foi mais difícil de concretizar, pois estava constantemente em relação direta com as crianças. Foi muitas vezes, recorrendo às fotografias que ia tirando ao longo de todo o processo que consegui chegar a casa e relatar o que se havia passado, e de que forma as crianças tinham realizado as atividades.

Também as entrevistas foram sem dúvida uma grande ajuda, pois não só me permitiram constatar que de facto o que era preconizado pelo educador e pela educadora era realizado nas suas práticas pedagógicas.

Embora tenha tido a plena consciência que o tema que iria investigar seria de tal maneira vasto, senti que era este que fazia sentido quando realizasse as minhas observações. Também porque sempre foi um tema que suscitou o meu interesse devido à minha vida profissional.

Como referi, ao escolher este tema sabia que iria ter de conseguir ter um grande poder de síntese, pois não poderia nunca, pelo menos num trabalho deste âmbito, ambicionar fazer aqui uma extensa recolha de todos os aspetos importantes relacionados com a arte em geral.

Sendo assim, resumi a minha temática aos objetos do quotidiano, aliás, faria muito mais sentido tendo em conta o contexto onde iniciei a minha prática.

Quando pela primeira vez tive a oportunidade de estar em contexto de creche cedo me apercebi da importância que o tempo ocupa nas nossas práticas, ou seja, a gestão que fazemos do tempo de que dispomos é talvez a nossa maior preocupação.

O próprio contexto era diferente de qualquer outro onde havia estado, uma zona rural com pouquíssimos recursos, onde o trabalho é muito valorizado e onde os profissionais dão tudo por tudo para que as crianças se sintam felizes.

Aparte do tempo, também a comunicação entre adulto e criança é fundamental em creche, a maior parte das vezes a linguagem não verbal assume o principal veículo de comunicação. Foi sem dúvida interessantíssimo “aprender” a linguagem de cada criança. Saber a quem pertence aquele choro ou aquela gargalhada foi uma enorme recompensa. Saber o que cada uma destas crianças pensa, como o faz e do que gosta foi um desafio constante e diário, saber adaptar e modificar sempre que era necessário, talvez tenha sido a maior dificuldade.

Foi uma experiência riquíssima, primeiro porque nunca tinha estado numa sala onde o educador fosse homem. E ele ensinou-se a lidar com constrangimentos que como mulher nunca pensei que existisse. Experiência vasta do ponto de vista educacional, um educador ciente do seu trabalho, carinhoso e muito disponível.

Tendo em conta estas idades, o educador teve sempre um papel importantíssimo no que diz respeito à implementação das atividades plásticas, senti sempre que ao realizá-las com as crianças, este educador estava, além de conseguir colocar as crianças em contato com diferentes formas de expressão também conseguia fazer com que estas mesmas formas fizessem sentido, que permitissem às crianças criarem uma consciência artística mais alargada.

Já em contexto de jardim de infância, embora também sido num contexto diferente do que estava habituada, foi uma experiência riquíssima, em parte devido à educadora, mas também devido à própria idade e vivências das crianças. Sendo este um grupo maior, mais autónomo foi de início difícil “entrar” na dinâmica de sala. A própria metodologia usada pela educadora foi uma novidade para mim, muito embora já tivesse ouvido falar

sobre a metodologia de projeto, nunca tinha assistido ao vivo a sua implementação e trabalho efetivo.

Também neste contexto a postura por parte da educadora relativamente à exploração de materiais foi o mais simples e discreta possível. A educadora nunca interferiu com as escolhas das crianças, muito embora pedisse sempre que justificassem o porque das suas escolhas. Mas esta avaliação do trabalho desenvolvido só ajuda as crianças a terem consciência das suas escolhas, se o fizeram têm de saber o motivo, neste estágio nada foi por acaso.

Mas não se pense que esta obrigatoriedade de justificar podia de alguma forma inibir ou condicionar as crianças, pelo contrário, só os ajudava ouvir as opiniões dos colegas, as sugestões são recebidas sempre de bom grado.

Importa aqui salientar, mais uma vez, a total disponibilidade por parte do educador e da educadora, sempre preocupados comigo e dispostos a ajudar. Consegui constatar que em qualquer um dos contextos, usam a expressão plástica não como uma mero expor de trabalhos, mas sim cada atividade que realizam é com um sentido, são planeadas e têm uma propósito muito específico.

Indubitavelmente estes dois contextos que ajudaram a formar a minha identidade enquanto educadora, senti que ao longo destes estágio fui criando uma relação de proximidade com estas valências, o que me permitiu sentir um amadurecimento relativamente a esta profissão. Senti-me mais do que à vontade em qualquer um dos contextos, aprendi a gerir ansiedades, por vezes acordava a meio da noite e tinha de ter uma papel na minha mesa da cabeceira, pois a minha cabeça só pensava em ideias e sugestões.

Estas ideias que me iam surgindo era muitas vezes despoletadas em conversas com o educador e a educadora, que sempre acreditaram que poderia fazer um bom trabalho.

Tendo em conta a capacidade interventiva deste relatório, senti alguma dificuldade em questões de gestão do tempo , muito em particular com o contexto de jardim de infância. Este contexto exigiu de mim trabalho que em sala quer em casa muito desafiante por um lado, mas muito trabalhoso por outro.

Neste estudo pretendi focar-me, como já referido, e tendo como questão inicial “Como potenciar o desenvolvimento da expressão plástica das crianças em creche e Ji através da utilização de material do quotidiano?”

Quer o educador de creche quer a educadora de jardim de infância além de terem participado neste estudo com satisfação, valorizando os momentos em que se desenvolviam atividades de expressão plástica. Assim sendo, foi fácil compreender as dinâmicas por parte do educador e da educadora, facilitando assim a criação artística das crianças.

No que se refere às produções das crianças um aspeto que se revelou fundamental foi a atitude quer do educador quer da educadora na atenção e tempo dedicados à observação e ao diálogo com a criança, antes e depois do processo de conceção. As orientações verbalizadas pelos profissionais, tanto as mais específicas como as mais abrangentes, foram sempre claras e não limitadoras ou condicionadoras da exploração livre e decorriam das finalidades inerentes às propostas de atividade.

Um outro aspeto interessante e pertinente foi a valorização da expressão individual de cada criança e o conhecimento manifestado pelo educador e pela educadora na identificação dos traços e características pessoais inerentes à expressão e construção de uma identidade artística da criança.

A apresentação destas produções em grande grupo constituía plenos momentos de partilha e aprendizagem em que a criança-autora tinha a oportunidade de expor a sua produção explicitando processos e opções, de forma progressivamente mais refletida e clara, perante as outras crianças do grupo que tinham a oportunidade de colocar as suas questões e tentar compreender o processo criativo do outro, tentar colocar-se no “papel” do outro desenvolvendo uma atitude de empatia e respeito pelas escolhas e criações plásticas do outro.

Neste sentido, importa salientar que em ambos os contextos existia a necessidade constante de trabalhar as produções das crianças, não expor só por ser bonito, havia um

cuidado em explorar cada uma dessas produções, fazer com que cada uma delas fosse única e importante.

A criança é por natureza criadora e devem ser dadas todas as hipóteses para que esta natureza seja valorizada e incentivada, Golton e Clero (1971:42) “ ...A criança é criadora e gosta de inventar, se tudo deve ser posto em acção para favorecer as suas possibilidades de criação, é simplesmente porque a atividade criadora constituiu uma necessidade biológica cuja satisfação é absolutamente necessária para o desenvolvimento óptimo do ser humano em crescimento.”

Os mesmos autores referem a utilização de objetos “ A informação por e através das coisas é fundamental. E porque é preciso agir sobre os objetos para os conhecer, a criança tem necessidade de uma grande variedade de materiais para os modificar e transformar...todo o lar, mesmo o mais modesto, é uma fonte de informação das mais úteis para a imaginação. (P. 78)

Pelo simples facto de as crianças mexerem nos objetos que até então tinham visto apenas com uma intencionalidade ajuda-os a ter novas a descoberta dos vários propósitos desse mesmo objeto. E essa é a descoberta de novas concepções do próprio objeto, segundo Read (1970:113) “ O prazer extraído destes actos vai, pois, fazer parte de um jogo-trabalho. As descobertas constantes que se lhe oferecerão, através de elementos e materiais diversos...representarão outros tantos pontos de apoio do desenvolvimento da sua atividade mental.”

O mesmo autor refere a importância dos objetos do quotidiano como forma de expressão da criança e de como esses objetos preconizam uma maior abertura para vida, além de estarem sempre à disposição das crianças , Read (1970:113) salienta dizendo que “ As suas primeiras atitudes e a sua atividade imitativa serão, pois, influenciadas por tudo aquilo que o rodeia e, em particular, pelos objetos familiares do seu “universo”... (Read; 1970:140).

Read (1970:17) refere que “ É pois necessário que a criança disponha dos papéis e dos suportes mais diversos...a partir do utensílio, a criança voltará a percorrer, como que em resumo, determinadas iniciativas ...cada um desses instrumentos permite um tipo de expressão específico e o mesmo se passa com qualquer material capaz de deixar marca.

Deve oferecer-se a maior diversidade de materiais e autorizarem-se, se não recomendarem-se, os meios de utilização menos ortodoxos”.

Embora todos estes constrangimentos, foi sem dúvida uma experiência relativamente à qual ficarei sempre com excelentes recordações.

Não gostaria de deixar de salientar a importância que para mim as reflexões cooperadas com o educador e com a educadora, foram momentos de total partilha e total disponibilidade para as minhas dúvidas, apresentavam-me sempre alternativas, mostravam-me que devo acreditar no meu trabalho e que nem sempre as coisas correm bem. E são estes erros que nos ajudam a crescer enquanto profissionais, e mais do que isso, estes erros não passam disso mesmo, só se os sobrevalorizarmos é que eles se tornam prejudiciais.

No que diz respeito ao estudo em si, reconheço que a minha intervenção foi mais proeminente no primeiro contexto, pois existiam menos recursos, e como tal estes objetos tornaram-me proveitosos. No segundo contexto já existia esta prática não foi tão inesperado como eu teria previsto. No entanto o facto de ter podido realizar um projeto com início, meio e fim, conseguiu alcançar os meus objetivos iniciais.

Não existirá com certeza prova maior da confiança que encontrei nestes dois educadores relativamente às suas práticas, do que o ter colocado o meu próprio filho para frequentar o jardim de infância com esta educadora para que pudesse usufruir destas experiências e deste tipo de prática durante os próximos 3 anos.

É com enorme satisfação que considero que estes foram contextos onde além de me ter sido dada a oportunidade de realizar o meu estudo, consegui observar/ refletir acerca das minhas práticas enquanto futura educadora.

Este nunca será um estudo acabado, tentarei sempre que seja benéfico aprofundar os meus conhecimentos e novos estudos relacionados com a expressão plástica.

Bibliografia

- Ainscow, M. (1995). *Education for all: making it happen*. Comunicação apresentada no Congresso Internacional de Educação Especial, Birmingham, Inglaterra.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*.
- Avelino, O. (2004). Participação dos Pais na Vida da Escola e no Acompanhamento dos Filhos – A Importância da Sintonia e da Coerência. In: Miguéns, M. I. (coord.) (2005). *Educação e Família (actas de um seminário realizado em 27 de Maio de 2004)*.P. 77 Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Beltrán, L. (2000). Globalização e reeducação expressivo artística: e pela asa do sonho eu me crio. In Escola Superior de Dança (Coord.), *Educação pela arte: estudos em homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 127-142.
- Best, D. (1996). *A racionalidade do sentimento. O papel das artes na educação*. Porto: Edições ASA.
- Bogdan, R.; Biklen, S. - Características da investigação qualitativa. In: *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Porto Editora, 1994.
- Branco, M. E.C. (2000). *Vida, Pensamento e Obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Brickman, N. A.; Taylor, L. S. (1991). *Aprendizagem Activa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cohen, L. e Manion, L. (1994) *Research Methods in Education*, 4th ed., London, Routledge, 1994.
- Deshaies, B. (1997). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Estrela, A. (1986). *Teoria e prática de observação de classes - uma estratégia de formação de professores (2ªedição)*. Lisboa: INIC.
- Fróis, João Pedro (Ed.) (2000). *Educação Estética e Artística: abordagens Transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca FBAUL
- Gesel, Arnold (1979) *A Criança dos 0 aos 5 anos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Gloton, R.; Clero, C.(1971) - *A actividade criadora na criança*. - 5ª ed. Editora Estampa. Lisboa
- Godinho, J.C.; Brito, M. J. N. (2010) *As artes no jardim de infância: textos de apoio para educadores de infância*. - 1ª ed. - Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Lisboa: Raiz Editora.
- Leite, E. ; Malpique, M. (1986)- *Espaços de criatividade: a criança que fomos/a criança que somos...através da expressão plástica*. - Porto .Afrontamento.

- Lessard-Hébert, M.; Goyette, G.; Boutin, G. (1994). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lowerfeld, V. (1977) *A criança e sua arte*. São Paulo: Mestre Jou.
- Ludke, M. e André, M. (1994). *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Maximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para educação pré-escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Moura, F., Mendonça, M.A. (2001). *Ondas éticas e estéticas... Novos rumos. O Professor*.
- Nadal, E. (1990). *A Educação Estética. Inovação*.
- Papalia, D.; Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. Amadora: McGrawHill.
- Patrício, M. (2001). *Escola, aprendizagem e criatividade*. Coleção Mundo de Saberes 28. Porto: Porto Editora.
- Ponte, J. P. (2002). *Investigar a nossa própria prática. Reflectir e investigar sobre a prática profissional*. Lisboa: APM.
- Porcher, L. (1982). *Educação artística: luxo ou necessidade?* São Paulo. Summus.

- Post, Jacalyn, Hohmann, Mary, (2003) *Educação de bebés em infantários, Cuidados e primeiras aprendizagens..* Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian
- Quivy, R.; Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais.* Portugal: Gradiva.
- Read, H. (2007) *Educação pela Arte.* Edições 70.Lda.: Coimbra.
- Santos, A. (1999). *Estudos de psicopedagogia e Arte.* Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, M., (1997) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar,* Ministério da Educação. Lisboa, DEB
- Sousa, Alberto B. (2003). *Educação pelas Arte e Artes pela Educação – Drama e Dança,* Lisboa, Instituto Piaget.
- Stern, A. (1974). *Aspectos e técnicas da pintura de crianças.* Lisboa: Livros Horizonte.
- Vasconcelos, T. (1997). *Ao Redor da Mesa Grande: A prática educativa de Ana.* Porto: Porto Editora.
- Zabalza, M. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola.* Porto: Edições ASA.

Artigos de publicação periódica

- Pascal, C. & Bertram, T. (2000). “O Projecto desenvolvendo a qualidade em parcerias. Sucessos e reflexões”. *Revista Infância Educação e Práticas, 4,* 17-30.
- Sanches, I. (2005). Compreender, agir, mudar, incluir. Da investigação-acção à educação inclusiva. *Revista Lusófona de Educação, 5,* 127-142.

- Vale, I. (2004). Algumas notas sobre Investigação Qualitativa em Educação Matemática, O Estudo de Caso. *Revista da Escola Superior de Educação*. Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, 5º Volume, 171-202

Teses consultadas

- Fialho, M.F.C.(2007). *A expressão musical na formação pessoal, social e profissional dos educadores de infância*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de ciências, Lisboa, Portugal
- Dias, B.L.F.S.L.(2009). *A animação das festas de inverno do concelho de Bragança*. Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação, Bragança, Portugal
- Disponível fonte PDF: <http://www.exedrajournal.com/docs/01/69-90.pdf>
(capturado em 24 de Outubro de 2013)

Anexos

Entrevistas à educadora e ao educador

Educadora A

Esta entrevista foi elaborada como dispositivo de recolha da informação para a realização de um projeto de investigação, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar que estou presentemente a frequentar.

Os dados recolhidos servem exclusivamente para tratamento e análise no referido projeto, com garantia de anonimato dos participantes.

É composto por 6 perguntas de resposta aberta, às quais se pede que responda de forma sincera, esclarecedora e o mais pormenorizada possível. Poderá recorrer quer a exemplos concretos que ilustrem as suas concepções, quer citações que sirvam de referencial para a sua intervenção.

5. Quantos anos de serviço tem?

R: Trinta.

6. Qual a instituição em que realizou a sua formação inicial?

R: Escola do Magistério Primário de Lisboa

7. Refira-se a trabalhos que tenha eventualmente desenvolvido durante a sua formação inicial na área da expressão plástica.

R: Por ter sido já há muito tempo, não me lembro com exatidão de coisas concretas. No entanto, refiro aqui alguns aspetos mais de princípios que me foram transmitidos na altura. A saber:

- As técnicas devem ser simples e progressivamente apresentadas às crianças

- Com a expressão plástica pretende-se que as crianças expressem representações interiores da realidade e não que sejam produzidas obras de arte – as crianças não são artistas

- A expressão plástica deve ser estimulada através da riqueza de vivências e não condicionada através de imagens fornecidas como modelos estereotipados
- A expressão plástica caminha interligada com a educação artística
- Os materiais devem ser diversificados e devem estar disponíveis para que as crianças os utilizem de forma espontânea e autônoma.

8. Que cursos/acções de formação contínua frequentou no âmbito da expressão plástica relevantes para a sua prática pedagógica?

R: Nunca frequentei nenhuma ação específica para trabalhar a área da Expressão Plástica.

9. Na sua opinião que relevância deverá ter a expressão plástica na educação de infância?

R: Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, os conteúdos devem ser abordados de forma articulada e a Expressão Plástica não é uma exceção. Penso, por isso, que a Expressão plástica não deve ser um fim em si mesma; é, antes, uma forma de expressão que, tal como as outras expressões (motora, musical e dramática), a linguagem oral, a abordagem à escrita e a matemática, são formas de dizer o mundo, de o compreender e até de agir sobre ele.

Para que isto aconteça, é necessário encarar o currículo numa perspetiva sistémica segundo a qual a área do conhecimento do mundo é a área de chegada, a área da expressão e comunicação é uma área de suporte e a área da formação pessoal e social é uma área transversal. Para se chegar ao conhecimento do mundo é necessário construir competências de expressão e comunicação que, a par com as da formação pessoal e social podem influenciar o modo como cada pessoa age sobre o seu próprio meio e é objeto da ação do mesmo.

10. Refira-se à sua prática docente na área da expressão plástica e indique o modo como avalia essa prática. Na sua resposta integre a alusão às dinâmicas e materiais que utiliza.

R: Penso poder dizer que a minha prática assenta nos seguintes aspetos: procuro utilizar primeiro as técnicas simples, apresentando-as progressivamente às crianças que, pela liberdade de utilização dos materiais, complexificam as diferentes abordagens (chegando-se ou não às técnicas mistas, conforme a apropriação que as crianças fazem dos diferentes materiais e integram as diversas experiências / vivências); espero que as crianças expressem

representações interiores da realidade e não pretendo que sejam produzidas obras de arte; para desenvolver a expressão, procuro investir na riqueza de experiências, evitando os modelos estereotipados que comprometem a evolução da expressão; organizo materiais diversos que permanecem disponíveis para que as crianças os utilizem de forma espontânea e autónoma; acredito que a expressão das crianças pode ser facilitada através de uma educação artística cuidada e por isso, procuro organizar experiências de aprendizagem que forneçam às crianças alguns saberes relativamente aos diferentes domínios das artes;

Quanto ao modo como avalio, utilizo os mecanismos de avaliação previstos no meu Projeto Curricular de Grupo, dos quais destaco, no que se refere à avaliação do desempenho das crianças, um instrumento – feito a partir das metas de aprendizagem – para registo de comportamentos (grelha) e um dispositivo de avaliação formativa e reguladora (portefólio); para avaliar o meu desempenho, utilizo um registo de avaliação da organização do ambiente educativo, construído com base no que está previsto nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar.

Educador B

Esta entrevista foi elaborada como dispositivo de recolha da informação para a realização de um projeto de investigação, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar que estou presentemente a frequentar.

Os dados recolhidos servem exclusivamente para tratamento e análise no referido projeto, com garantia de anonimato dos participantes.

É composto por 6 perguntas de resposta aberta, às quais se pede que responda de forma sincera, esclarecedora e o mais pormenorizada possível. Poderá recorrer quer a exemplos concretos que ilustrem as suas concepções, quer citações que sirvam de referencial para a sua intervenção.

11. Quantos anos de serviço tem?

10 anos de serviço

12. Qual a instituição em que realizou a sua formação inicial?

Escola Superior de Educação de Setúbal

13. Refira-se a trabalhos que tenha eventualmente desenvolvido durante a sua formação inicial na área da expressão plástica.

Construção de material pedagógico de apoio às diferentes áreas de desenvolvimento; valorização de materiais do quotidiano como fonte de produção; aquisição de novas técnicas de trabalho.

14. Que cursos/acções de formação contínua frequentou no âmbito da expressão plástica relevantes para a sua prática pedagógica?

Nunca frequentei qualquer tipo de formação no âmbito da expressão plástica.

15. Na sua opinião que relevância deverá ter a expressão plástica na educação de infância?

Como qualquer outra expressão, não deverá ser dada qualquer tipo de relevância especial à expressão plástica. Deverá sim compreender-se e otimizar o seu alcance e transversalidade, capaz de complementar e dinamizar as outras expressões, não esquecendo a capacidade que tem em dar-lhes visibilidade.

16. Refira-se à sua prática docente na área da expressão plástica e indique o modo como avalia essa prática. Na sua resposta integre a alusão às dinâmicas e materiais que utiliza.

Dos meus dez anos de serviço como educador de infância, nove foram vividos enquanto educador de creche. Nesta realidade específica, crente de que o fruto do trabalho das crianças não pretende ser o fundamento de pastas apinhadas de coloridas produções com a capacidade de adivinhar um ano de intenso trabalho, desenvolvi na minha prática e para a minha prática um conjunto de dinâmicas que se propõem ser capazes de utilizar a expressão plástica como um processo de satisfação da arte pela arte, valorizando os meios e as técnicas utilizadas como veículo de desenvolvimento – na perspetiva do educador e da sua equipa – e como veículo de prazer – na perspetiva da criança –, transportando para o culminar da produção uma fonte de reconhecimento do trabalho desenvolvido.

Assim, e para além dos tradicionais instrumentos fácil e rapidamente associados à expressão plástica, é com naturalidade que outros, contextualizados com a vida quotidiana e com a rotina diária das crianças, surjam de forma a proporcionar/sugerir determinados tipos de postura que se pretendem descobrir, desenvolver ou otimizar – berlindes e cotonetes, para a pega em pinça; carrinhos, carimbos e bobines de costura, para a pega com recurso às pontas dos dedos; rolos de pintura, pincéis e escovas dos dentes, para a preensão palmar e otimização do

uso do polegar; massas, espumas, esfregões, tintas e digitintas, para manipulação e reconhecimento de texturas, experiências térmicas e decalques; superfícies estandardizadas e regulares (A4/A3), de tamanhos exagerados ou mais reduzidos e irregulares, para expansão/atenuação dos movimentos e/ou ampliação da utilização dos membros; papel comum, cartão ou outras superfícies, para percepção da dureza; caixas opacas ou transparentes, para promoção do efeito surpresa e desmistificação do processo criativo; superfícies verticais e horizontais, para novas perspectivas e orientações.

Partindo do pressuposto de que todos os envolvidos em determinado exercício – no caso particular do lançamento de determinada atividade de expressão plástica –, se devem envolver e contextualizar com o que é pretendido, e não revogando aos princípios do prazer pela criação e do desenvolvimento, todas as minhas atividades partem de uma realidade específica (institucional, de necessidade ou pedagógica), sendo devidamente apresentadas e apreciadas, valorizando todos os passos, expondo e divulgando as várias etapas cumpridas, partilhando as suas singularidades e apreciando os seus produtos, enaltecendo cada produção com toda a reverência merecida.

Em nenhum momento me propus utilizar a expressão plástica como veículo à satisfação pessoal e/ou elevação do ego dos pais e encarregados de educação que comigo se empenharam no crescimento e desenvolvimento das suas crianças. Tentei, da maneira possível, que a sua dinamização se tornasse útil e visível aos olhos de quem a cria.